

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS COM *DEIXAR* EM TEXTOS
JORNALÍSTICOS BRASILEIROS

Adriana Guimarães Aloiza

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**AS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS COM *DEIXAR* EM TEXTOS
JORNALÍSTICOS BRASILEIROS**

Adriana Guimarães Aloiza

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira.

**Rio de Janeiro
Agosto de 2009**

As construções resultativas com *deixar* em textos jornalísticos brasileiros
Adriana Guimarães Aloiza
Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira – UFRJ

Professora Doutora Eliete Figueira Batista da Silveira - UFRJ

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario - UFRJ

Professora Doutora Lúcia Helena Martins Gouvêa, Suplente - UFRJ

Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta, Suplente - UFRJ

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

Rio de Janeiro
Agosto de 2009

Aloiza, Adriana Guimarães.

As construções resultativas com *deixar em textos jornalísticos* brasileiros / Adriana Guimarães Aloiza. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

xx, 215f.: il; 31cm.

Orientadora: Marcia dos Santos Machado Vieira

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 201 - 207

1. Funcionalismo 2. Gramática das construções 3. Sociofuncionalismo 4. Resultatividade de predicções com verbo *deixar* 5. A alternância entre construções com verbo-suporte *deixar* e verbos plenos cognatos.

I. Machado Vieira, Marcia dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. III. As construções resultativas com *deixar em textos jornalísticos* brasileiros.

Dedico esta dissertação

*a meus amados pais, Armando Aloiza e Elizabeth Guimarães Aloiza;
a meu amor e minha maior riqueza, Rodrigo Ramos Ferreira;
as minhas amigas acadêmicas: Sue, Taís e Carol;
a “coisinha mais preciosa” (sempre comigo, mesmo no céu, como uma linda e
radiante estrela), Natasha;
a sapeca Boozinha, um doce tesouro;
a minha professora Marcia Machado, que demonstra, explica, ensina e, acima
de tudo, me inspira;*

*por vocês fazerem parte da minha vida, por me ensinarem
tantas coisas e por me tornarem uma pessoa tão completa,
muito obrigada!*

Amo muito vocês!

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ter concedido tão imensa graça e benção de chegar até aqui, além de um caminho encantador.

A meus pais, Armando e Elizabeth, que sempre me apoiaram, encorajaram e fizeram de tudo para que eu pudesse alcançar o melhor. A você, papai, que em todos os dias, horas e momentos tudo faz para me ajudar, agradar, fazer feliz; pelo seu imenso amor e carinho dedicado a mim e ao meu bem. A minha mamãe querida que me ama tanto, que tanto cuida de mim e zela pelos meus dias. A você, mamãe, que se mostra tão preocupada e que sempre está pronta a me ajudar em tudo que for preciso. Pais, não tenho palavras para expressar imensa gratidão, amor e orgulho que sinto por vocês, amo muito vocês!

Ao meu noivo, Rodrigo Ramos Ferreira, a você que chegou de uma forma tão inesperada; chegou e tomou conta de mim. A você que é tão especial, tão importante, tão necessário, meu amor, minha maior riqueza, meu namorado, meu noivo e, em breve, meu esposo. Pelo amor e atenção dedicados a mim. Pela sua imensa paciência e ajuda nas horas difíceis. Pelas suas palavras encorajadoras que diziam que eu chegaria até este dia. Muito obrigada, meu chuchuzinho, minha vida! Amo muito você!

A minha querida Natasha, a você que cresceu comigo e me deixou...! Por tudo que vivemos juntas, pelo nosso imenso amor e cuidado uma com a outra. Muitas saudades... saudade que dói no peito e corrói quem ficou por aqui. Sinto muito sua falta, minha preciosidade!

As minhas amigas acadêmicas, Taís, Sue e Carol. Como vocês são importantes para mim e para o resultado deste trabalho! Sem vocês nada seria alcançado, afinal, tudo

começou quando, juntas, resolvemos fazer nosso trabalho de Port V. Deus as colocou em meu caminho no ano de 2003, quando entramos na faculdade! Que engraçado, no primeiro dia de aula, parecia que eu já conhecia Taís há anos, ... quanta afinidade! Que alegria poder contar, desde o primeiro dia de aula na UFRJ, com uma amiga tão especial. Taís, pequena e grande, pequena no tamanho, grande no coração, na generosidade, na coragem, na vida... grande para enfrentar o mundo! Minha linda amiga, eu te amo! Suuuueeeee... é assim que me refiro a tão pequena e graciosa criatura que Deus pôs em meu caminho. Que benção ter você fazendo parte dos meus dias. Tão especial, tão meiga, tão atenciosa... sem você, eu não teria chegado até aqui, obrigada por toda atenção dedicada a mim, por ter me levantado, quando mais precisei. A você que traz alegria e felicidade em qualquer hora e em qualquer lugar que chegue... não há quem não perceba a sua presença tão reluzente. Obrigada Sue, pela sua amizade e carinho dedicados a mim... eu só posso lhe dizer: “te amo”! Carol, Chiquita, Carolzita... só posso lhe agradecer por sua amizade e sua imensa ajuda nos momentos difíceis... e como você me ajudou! Engraçado lembrar que você achava que eu não gostava de você nos primeiros dias de aula; hoje, podemos dar gargalhadas por conta desse seu “achismo”! Como nossa amizade é preciosa, por mais que você falte sempre aos nossos encontros; não posso negar que você é uma benção em minha vida. Vale lembrar que, até caminha na sua casa, eu ganhei. Obrigada, Chica... eu te amo muito!

A minha professora Marcia Machado. A você, professora, que, desde as nossas aulas de Port V, me encantou com seu jeito rápido de falar e passar a lição; encantou-me pela atenção e dedicação em tirar nossas dúvidas e ajudar-nos em nossos trabalhos. Como orientadora, não tenho palavras para lhe agradecer tanto zelo, cuidado e preocupação

dedicados a mim. Muito obrigada professora, obrigada por me ensinar tantas coisas e ter-me conduzido até aqui. Tudo devo à senhora, que, para mim, foi uma segunda Mãe.

Aos meus professores da Graduação. Devo agradecer e dedicar esta tese a todos aqueles que me ensinaram tanto. Em especial, meus sinceros agradecimentos aos professores Antônio Carlos Secchin, Ronaldo Melo, Silvia Brandão, Lúcia Helena, Maria Lúcia, Afrânio e Ana Flávia, por vocês me ensinarem tantas coisas com tanto prazer e afinho.

Aos meus professores do curso de Pós-Graduação. A vocês que, com delicadeza e calma, me guiaram neste caminho tão árduo, que é o Mestrado.

A todos os professores que tive, pois cada um de vocês tem especial contribuição na minha vida estudantil. Queridos professores do Colégio de Aplicação da Universidade Iguazu, GPI (Nova Iguazu) e Tamandaré (Logos), vocês foram muito importantes!

A todos vocês, o meu “muito obrigada”!

VITORIOSA

"Quero sua risada mais gostosa
Esse seu jeito de achar
Que a vida pode ser maravilhosa..."

Quero sua alegria escandalosa
Vitoriosa por não ter
Vergonha de aprender como se goza...

Quero toda sua pouca castidade
Quero toda sua louca liberdade
**Quero toda essa vontade
De passar dos seus limites
E ir além, e ir além...**

Quero sua risada mais gostosa
Esse seu jeito de achar
**Que a vida pode ser maravilhosa
Que a vida pode ser maravilhosa..."**

(Ivan Lins/ Vitor Martins)

SINOPSE

Descrição, à luz de pressupostos do Funcionalismo, do Sociofuncionalismo e da Gramática das Construções, de predicções resultativas com o verbo *deixar*. Investigação fundamentada em dados do comportamento lingüístico observável em textos jornalísticos e em dados de percepção e avaliação subjetiva registradas em materiais de pesquisa de atitudes lingüísticas. Análise sociofuncionalista da alternância entre construções resultativas com verbo-suporte e verbos plenos de sentido equivalente.

RESUMO

AS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS COM *DEIXAR* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS BRASILEIROS

Adriana Guimarães Aloiza

Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Com base em pressupostos teórico-metodológicos de quadros de referência funcionalista, temos o objetivo de descrever predicções resultativas que contêm o verbo *deixar*.

Com esse objetivo, examinam-se, por um lado, a configuração dessas predicções, o estatuto funcional de *deixar* e sua atuação na estruturação de construções resultativas e, por outro, investigam-se as motivações lingüísticas e sócio-discursivas da alternância de construções em que *deixar* é verbo-suporte com verbos plenos cognatos e equivalentes. Para o primeiro tipo de estudo, conjugam-se orientações da Lingüística Cognitiva, do Funcionalismo e, também, da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995). Para o segundo, adota-se uma perspectiva sociofuncionalista, definida em função da natureza do fenômeno variável estabelecido como objeto de estudo e da articulação de um enfoque funcionalista na investigação dos condicionamentos a pressupostos da Sociolingüística.

Investigamos, nas estruturas resultativas com *deixar*, o modo como os falantes expressam lingüisticamente a mudança de um estado a outro, valendo-se de predicções formadas com esse verbo. Entendemos que: certas construções possuem em si sintagmas resultativos (doravante SR) que representam uma mudança de estado, a qual é expressa no pólo sintático da construção resultativa através de um SPrep (“A covardia de dois bandidos e a falta de policiamento num dos locais da Tijuca mais visados por ladrões *deixou de luto*.”) ou um SAdj. (“A incompetência do time de furar a retranca não *deixou Joel irritado*.”); há, ainda, uma forma, bastante comum no Português do Brasil, de expressar a resultatividade, em que a mudança de estado pode vir lexicalizada mediante um verbo pleno, por meio de um SR interno a este, ou seja, um argumento resultativo implícito (“O anúncio dos novos recursos *marcou* o início dos projetos PAC na Baixada Fluminense.”).

Interessa-nos, entre outras metas, averiguar: se há maior frequência de construções com o SR explícito ou com o SR lexicalizado no interior do verbo e a que se deve a alternância entre uma e outra possibilidade na configuração de textos; qual é a configuração estrutural mais produtiva no caso de construções com SR explícito e a natureza categorial de *deixar*. Para tanto, conta-se com dados oriundos de textos jornalísticos e de materiais de pesquisa de atitudes lingüísticas.

Por fim, com base na análise, verificamos que o falante prefere representar a resultatividade por meio do SR implícito. Além disso, dentre as construções com SR externo, a configuração mais utilizada para representar a mudança de estado foi $X_1 + \textit{deixar} + X_2 + \textit{SAdj}$. Aspectos como a obtenção de maior adequação comunicativa e maior precisão semântica podem influenciar na escolha do usuário pelo uso de uma construção perifrástica ou uma construção com verbo pleno equivalente.

Palavras-chaves: Funcionalismo, Sociofuncionalismo alternância, Gramática das Construções, verbo-suporte.

SUMMARY

AS CONSTRUÇÕES RESULTATIVAS COM *DEIXAR* EM TEXTOS JORNALÍSTICOS BRASILEIROS

Adriana Guimarães Aloiza

Orientadora: Professora Doutora Marcia dos Santos Machado Vieira

With the principals of Functionalism as a basis, the objective is to describe the resultative constructions that contain the verb *deixar*.

With this objective in mind, on the one hand, the configuration of these constructions, the functional rules of *deixar* and their use in the structuring of resultative constructions are examined. On the other hand, the linguistic and socio-discursive motivations for alternation between constructions in which *deixar* is the supporting verb and those in which cognitive verbs are used is investigated. For the first type of study, tendencies of Cognitive Linguistics, of Functionalism and also of Construction Grammar are joined. (GOLDBERG 1995) For the second, a socio-functional perspective is adopted, defined in terms of the nature of the variable phenomenon established as a study objective and of the articulation of a functionalist approach to the investigation of the conditions and presuppositions of Sociolinguistics.

In the resultative structures of *deixar*, the manner in which the speakers linguistically express the change from one state to another, making use of the constructions formed with this verb, is investigated. It is understood that certain constructions possess within themselves Resultative Phrases (RP) that represent a change of state, which is expressed in the syntactic pole of the resultative construction through a Prepositional Phrase (PP) (“The cowardice of two criminals and the lack of policing in one of the areas in Tijuca most watched by thieves *left it in mourning.*”) or an Adjective Phrase (AP) (“The incompetence of team to pierce the defense did not *leave Joel irritated.*”). There exists yet another way, which is very common in Brazilian Portuguese, to express resultativeness in which the change of state occurs inside the verb using an internal RP, that is to say, using an implicit resultative argument (“The announcement of new resources *marked* the beginning of PAC projects in the Baixada Fluminense.”).

It is interesting, among other aims, to investigate the following: whether there is a larger frequency of constructions with an explicit RP or with the RP lexicalized inside the verb and to what is owed the alternation between one possibility and the other in text configuration; which is the most productive structural configuration in the case of constructions with an explicit RP and the categorical nature of *deixar*. In order to accomplish this, data from journalistic texts and from research materials on linguistic attitudes is used.

Finally, with a basis in the analysis, it is established that speakers prefer to represent the resultative constructions in a manner internal to the verb. Moreover, with constructions with an explicit RP, the more used configuration to express the change from one state to another was $X_1 + \textit{deixar} + X_2 + \text{SAdj}$. Aspects like gain more communicative adjust and more semantic precision can influence in speaker choice of a construction with implicit or explicit resultative argument.

Key words: Functionalism, Sociolinguistics, alternance, Construction Grammar, support verb.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS, QUADROS E TABELAS	15
ABREVIATURAS E SIGLAS	19
1. INTRODUÇÃO	21
2. A DESCRIÇÃO DE <i>DEIXAR</i>	27
2.1 NOS DICIONÁRIOS	27
2.2 NAS GRAMÁTICAS	34
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	48
3.1 ASPECTOS RELATIVOS AO FUNCIONALISMO	48
3.2 ASPECTOS RELATIVOS À SOCIOLINGÜÍSTICA	51
3.3 ASPECTOS RELATIVOS À LINGÜÍSTICA COGNITIVA	55
3.4 ASPECTOS RELATIVOS À GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES	61
4. METODOLOGIA	91
4.1 MATERIAIS DE PESQUISA	91
4.1.1 DADOS DE COMPORTAMENTO OBSERVÁVEL EM <i>CORPUS</i> ESCRITO	91
4.1.2 DADOS DE COMPORTAMENTO REGISTRADO EM TESTES DE ATITUDES.....	92
4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	96
5. A RESULTATIVIDADE: PREDICAÇÕES COM <i>DEIXAR</i>	105

6. PREDICAÇÕES COM <i>DEIXAR</i>: SUA CONFIGURAÇÃO FUNCIONAL E O USO DE PERÍFRASES COM ESSE VERBO EM VEZ DE FORMAS SIMPLES.....	122
6.1 ANÁLISE FUNCIONALISTA DE PREDICAÇÕES COM <i>DEIXAR</i>	122
6.1.1 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS POR CONTEXTOS CONSIDERADOS NA CONFIGURAÇÃO DA AMOSTRA	122
6.1.2 ESTRUTURAS DE PREDICAÇÃO COM <i>DEIXAR</i>	129
6.1.2.1 ESTRUTURAS DE PREDICAÇÃO COM <i>DEIXAR</i> ATUANDO COMO VERBO PREDICADOR	132
6.1.2.2 ESTRUTURAS DE PREDICAÇÃO COM <i>DEIXAR</i> ATUANDO COMO VERBO-SUPORTE	139
6.1.3 AS EXTENSÕES DE SENTIDO	146
6.2 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA ALTERNÂNCIA ENTRE PREDICADORES COMPLEXOS COM VERBO-SUPORTE <i>DEIXAR</i> E PREDICADORES SIMPLES COGNATOS.....	151
6.3 ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DE PREDICADORES COMPLEXOS COM <i>DEIXAR</i> COM BASE EM TESTES DE ATITUDE	169
6.3.1 OS TESTES DE ATITUDE: ASPECTOS RELATIVOS À CONFEÇÃO E APLICAÇÃO.....	169
6.3.2 OS TESTES DE ATITUDE: OBJETIVOS DA APLICAÇÃO	173
6.3.3 OS TESTES DE ATITUDE: RESULTADOS DA PESQUISA	173
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
8. BIBLIOGRAFIA	201
9. ANEXOS	208

ÍNDICE DE GRÁFICOS, FIGURAS, QUADROS E TABELAS

❖ GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuições de verbos predicadores cognatos e construções com <i>deixar</i>	152
---	------------

❖ FIGURAS

Figura 1: Quadro baseado na proposta de Goldberg (1995) para ilustrar a distinção semântica entre os verbos <i>rob</i> e <i>steal</i> , com foco em <i>rob</i>	70
Figura 2: Quadro baseado na proposta de Goldberg (1995) para ilustrar a distinção semântica entre os verbos <i>rob</i> e <i>steal</i> , com foco em <i>steal</i>	70

❖ QUADROS

Quadro 1: Fusão dos papéis semântico e sintático, com base em Goldberg.....	72
Quadro 2: Representação das construções bitransitivas, com base em Goldberg.....	82
Quadro 3: Representação das construções de movimento causado, com base em Goldberg.....	86
Quadro 4: Representação das construções de movimento intransitivo, com base em Goldberg.	87

Quadro 5: Representação das construções conativas, com base em Goldberg..... 88

Quadro 6: Representação das construções resultativas, com base em Goldberg..... 89

❖ TABELAS

Tabela 1: Distribuição das ocorrências de *deixar* quanto a sua natureza categorial124

Tabela 2: Distribuição das ocorrências de *deixar* por categoria funcional e gênero jornalístico..... 125

Tabela 3: Distribuição das ocorrências de *deixar* por categoria funcional e temática tratada nas notícias 127

Tabela 4: Distribuição das ocorrências de *deixar* por categoria funcional e por forma verbal 128

Tabela 5: Distribuição dos dados pela configuração do resultado expresso pelo verbo-suporte..... 145

Tabela 6: Distribuição das ocorrências de *deixar* por sua acepção..... 148

Tabela 7: Distribuição dos dados por origem da fonte e por predicadores comutáveis e perífrases verbais 153

Tabela 8: Distribuição dos predicadores simples e complexos com *deixar* quanto ao gênero jornalístico.155

Tabela 9: Distribuição dos verbos quanto ao assunto das notícias..... 159

Tabela 10: Distribuição dos dados pela existência de alguma nuance de significado entre o VPred e a perífrase correspondente. 162

Tabela 11: Distribuição dos dados pela configuração do termo complemento. 164

Tabela 12: Distribuição por comparação entre a extensão silábica do VPred e da perífrase correspondente.....	166
Tabela 13: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a mais correta dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma I).....	173
Tabela 14: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a mais correta dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma II).....	174
Tabela 15: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria , dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma III).....	177
Tabela 16: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma IV).....	177
Tabela 17: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a mais correta dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma V).....	181
Tabela 18: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a mais correta dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma VII)	181
Tabela 19: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma VII).....	183

Tabela 20: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma VIII).	183
Tabela 21: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a mais correta dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma IX).....	187
Tabela 22: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a mais correta dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma X).....	188
Tabela 23: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma XI).....	191
Tabela 24: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma XII).....	191

ABREVIATURAS E SIGLAS

Adj → Adjetivo

Ag → Agente

Ca → Causador

Compl. → Complemento

Det → Determinante

Exp. Crist. → Expressão Cristalizada

GC → Gramática das Construções

N → Nome

SAdj → Sintagma Adjetival

SAdv → Sintagma Adverbial

SN → Sintagma Nominal

SPrep → Sintagma Preposicionado

SR → Sintagma Resultativo

Suj → Sujeito

SV → Sintagma Verbal

OBJ₁ → Objeto 1

OBJ₂ → Objeto 2

OCO → Ocorrência

Pac → Paciente

PB → Português do Brasil

PRED → Predicação

Prep → Preposição

Pron → Pronome

Resp → Resposta

Tab → Tabela

VSup → Verbo-suporte

VP → Verbo predicador/ pleno

VPc → Verbo pleno comutável

1. INTRODUÇÃO

O homem é um ser social, precisando, com isso, viver em comunidade, onde compartilha e troca suas experiências e conhecimentos, que o levam a assimilar e compreender o mundo, fornecendo-lhe meios para transformá-lo. A linguagem é fundamental nesse processo e, por isso, está em todas as partes: nos nossos pensamentos, nas nossas relações com os outros, nos nossos sonhos.

Todo conhecimento acumulado pelos seres humanos é guardado e, quando preciso, é transmitido mediante a linguagem. A linguagem é onipresente, e sabemos que, sem ela, a sociedade, tal como conhecemos, seria impossível. É nosso objetivo aqui entender um pouco melhor desse notável instrumento de comunicação unicamente humano no que diz respeito à formulação e/ou interpretação de algumas predicções resultativas.

Desde Aristóteles, os estudiosos, preocupados com a linguagem, tentam compreender melhor as relações de causa e efeito manifestadas lingüisticamente. Atualmente, estudos, relacionados a esse assunto, buscam fundamentar-se na Gramática das Construções e, mais especificamente, nas construções causativas/resultativas.

Nosso trabalho tem como proposta analisar e descrever o fenômeno das construções resultativas com o verbo *deixar* no Português do Brasil, à luz de pressupostos de um quadro funcionalista de propostas teóricas que são aqui compatibilizadas. Tais pressupostos advêm de formulações da Gramática das Construções, de princípios relativos ao estudo do processo gramaticalização e de conceitos e orientações da Gramática Funcional e, ainda, da Teoria de Variação e Mudança.

Valemo-nos do Funcionalismo como aporte teórico de nosso trabalho, visto que essa é uma corrente lingüística que se preocupa em analisar a relação existente entre a

estrutura gramatical das línguas e os diversos contextos sócio-discursivos em que elas são usadas. Os estudiosos funcionalistas concebem a linguagem como um instrumento de interação social, voltando-se para uma análise que busca entender a relação entre linguagem e sociedade.

O interesse funcionalista ultrapassa a análise da estrutura gramatical; busca-se, então, por meio da situação comunicativa, a qual abrange interlocutores, seus objetivos e contextos discursivos, a motivação para os fatos da língua. Com isso, à teoria funcionalista interessa explicar as regularidades observadas no uso, feito pelo falante, da língua.

A gramaticalização, que também pressupõe uma orientação teórica em que nos pautamos neste trabalho, trata-se de um processo em que o item lexical passa a assumir *status* gramatical ou, ainda, quando um item/construção gramatical passa a operar como mais gramatical do que anteriormente ou em outra extensão de uso, podendo mudar de categoria sintática, receber novas funções na sentença, sofrer mudanças semânticas e fonológicas, entre outros fenômenos. De acordo com os funcionalistas, a gramaticalização é um processo que não ocorre abruptamente, mas de forma lenta e gradual, podendo ser entendido como um *continuum* diacrônico, o qual pode ocorrer paralelamente a um *continuum* sincrônico.

De acordo com a teoria funcionalista, o processo de mudança de uma língua se dá pela regularização de seu uso. Com a incorporação de vocábulos e expressões novas criadas pelos falantes para atender suas necessidades lingüísticas e comunicativas, a língua vai sofrendo mudanças. Algo que antes ocorria aleatoriamente passa a ocorrer com maior freqüência, fazendo com que o item se torne comum e regular, gramaticalizando-se.

A Sociolingüística é uma subárea da lingüística que estuda a língua a partir da perspectiva de sua ligação com a comunidade onde se origina e se usa. Enquanto para

algumas vertentes lingüísticas é possível estudar a língua como sendo autônoma (independente de fatores sociais), para a Sociolingüística a língua é analisada a partir de seu uso no seio da comunidade de fala, já que é a partir daí que ela se cria e se transforma ao longo do contexto sócio-histórico. A Sociolingüística concebe a variação, inerente às línguas, como objeto principal de seu estudo. A Teoria da Variação e Mudança oferece-nos aporte descritivo-explicativo e instrumental de análise para o tratamento quantitativo e qualitativo das variedades e das mudanças lingüísticas. O Sociofuncionalismo que norteia o estudo de alternância incluído na análise das construções resultativas com *deixar* delineia-se, fundamentalmente, em virtude da conjugação de um enfoque teórico-metodológico quanto aos problemas dos condicionamentos e da avaliação propostos na Teoria da Variação e Mudança a um enfoque funcionalista de pesquisa de motivações semântico-discursivas para o emprego das formas alternantes consideradas.

A Gramática das Construções, doravante GC, assume um lugar de destaque na descrição do domínio das construções resultativas simples com *deixar*. Goldberg (1995) considera as estruturas argumentais das construções como aquelas que dão o significado básico à expressão lingüística e, assim, dá conta de cinco tipos de estruturas construcionais: bitransitivas; de movimento causado; resultativas; de movimento intransitivo; conativas. Embora procuremos explicar, resumidamente, os variados tipos de construções arroladas por GOLDBERG, nossa atenção recai nas construções resultativas.

De acordo com a GC, uma construção é uma unidade básica da linguagem, que, para existir, necessita ter forma e significado próprio, isto é, seu significado não pode ser derivado de outras construções que existam na língua. Morfemas, palavras, expressões idiomáticas, por exemplo, são instâncias de forma/significado; logo, também, são considerados como construções.

A GC não admite uma divisão entre léxico e sintaxe: o léxico não deve ser encarado de modo diferente do da gramática. Construções lexicais e construções sintáticas são diferentes, devido a sua estrutura interna e fonológica. Mas, ambas as construções, lexicais e sintáticas, têm, essencialmente, o mesmo tipo de representação estrutural dos dados.

Outra concepção importante é a de que uma coleção de construções deve ser entendida como uma grande teia de estruturas inter-relacionadas. As construções podem ser relacionadas em famílias, já que possuem características comuns que permitem estabelecer vínculos entre elas. Além disso, são associadas, diretamente, a estruturas semânticas, que refletem cenas básicas da experiência humana. Assim, envolvem estruturas argumentais básicas que podem ser associadas a cenas dinâmicas de experiências gestálticas, como: ‘a transferência de algo para alguém’, ‘alguém experienciar alguma coisa’, ‘alguém mover algo’, entre outras.

Pautados nesse aporte teórico é que investigaremos as construções resultativas com *deixar*. Neste trabalho, serão focalizados basicamente os seguintes temas: (i) a configuração de predicções resultativas e (ii) a alternância entre predicções resultativas com sintagma resultativo (doravante SR) externo (*deixar alegre/ deixar triste*) e as com SR lexicalizado (*alegrar/ entristecer*), que, por sua vez, estará pautado num enfoque sociofuncionalista da questão.

Como dito, focamos neste trabalho o modo como representamos a mudança de estado com *deixar*. A partir disso, consideramos algumas hipóteses: 1º) Reconhecemos que as construções resultativas possuem como característica a presença de um SR; 2º) Admitimos que as construções resultativas mais básicas são aquelas em que o SR se constitui de um sintagma adjetival (doravante SAdj) ou um sintagma preposicional (doravante SPrep), o que indicará a mudança de estado aplicada a um sintagma nominal, o

qual é capaz de receber tal mudança; 3º) Admitimos que a mudança de estado pode vir lexicalizada, isto é, o resultado poderá ser expresso por meio do verbo, sem que seja necessária a presença de um argumento resultativo.

Tencionamos responder, com esta pesquisa, a algumas questões referentes ao estudo das construções resultativas com *deixar*, tais como: 1) Quais são as possibilidades de configuração das predicções resultativas com *deixar*?; 2) Qual é o estatuto de *deixar* nessas construções (*continuum de gramaticalização* = Verbo predicador → Verbo suporte)? Além disso, almejamos responder a algumas questões referentes ao estudo da alternância, como: 1) O que é mais produtivo entre as construções resultativas – o emprego dos predicadores complexos (*deixar* + SR) ou dos predicadores simples (verbos com SR lexicalizado)?; 2) Qual é o grau de equivalência semântica entre as construções com predicadores complexos e as com predicadores simples?; 3) Quais são as motivações lingüísticas e sociais que condicionam a alternância?

Vale ressaltar que, neste trabalho, optamos por coletar construções resultativas simples, ou seja, constituídas de período simples/orações absolutas, deixando para um trabalho posterior a investigação das resultativas complexas.

Esta dissertação encontra-se assim organizada: no segundo capítulo, há uma revisão bibliográfica do nosso objeto de investigação. Através de tal revisão conheceremos e discutiremos o tratamento dado, por dicionaristas e gramáticos, aos verbos e, particularmente, a *deixar*.

Os aspectos teóricos e metodológicos serão discutidos no terceiro capítulo. Começaremos tratando dos aspectos relativos à teoria Funcionalista de que nos valem. Em seguida, versaremos sobre a contribuição da Lingüística Cognitiva e sua estreita relação com o Funcionalismo, articulando estas duas teorias. Posteriormente, trataremos da

conjugação de enfoques do Funcionalismo e da Sociolinguística, propondo um “casamento” entre tais teorias, haja vista que as mesmas possuem pressupostos teórico-metodológicos que podem ser compatibilizados, culminando na teoria Sociofuncionalista. Ademais, comentaremos aspectos relativos à gramaticalização. Ainda no terceiro capítulo, dedicaremos parte dele a um estudo mais detalhado da teoria da Linguística Cognitiva. Concluiremos esta seção dedicando nossa atenção à Gramática das Construções, esmiuçando as vantagens dessa teoria e os tipos de construções mais básicas da língua.

O quarto capítulo é dedicado à Resultatividade; nele, descreveremos as estruturas resultativas, mostrando o modo como os falantes expressam linguisticamente a mudança de um estado a outro utilizando nosso objeto de investigação: o verbo *deixar*.

Os aspectos metodológicos são tratados no quinto capítulo. Demonstraremos como construímos nosso *corpus* e o modo como procedemos à análise.

A análise e as considerações sobre *deixar* são expostas no sexto capítulo, o qual está dividido em três partes. A primeira parte expõe uma análise voltada para aspectos relativos ao Funcionalismo, enquanto a segunda parte volta-se para aspectos relacionadas à alternância e a terceira parte, dessa seção, volta-se para uma análise pautada nas pesquisas de opinião/testes de atitude aplicados a alunos e professores do ensino público e particular.

Algumas considerações finais, a contribuição da presente pesquisa e as sugestões para desdobramentos posteriores são discutidas no sétimo capítulo.

2. A DESCRIÇÃO DE *DEIXAR*

2.1 NOS DICIONÁRIOS

A presente seção tem como objetivo averiguar as acepções de *deixar* descritas pelos lexicógrafos nos dicionários de língua portuguesa. Com essa consulta, conseguiremos entender melhor as extensões de sentido do nosso verbo.

Para tal pesquisa fizemos uso de verbetes de dicionários, encontrados em: AULETE (1964), BUENO (1968), BORBA *et alii* (1990), BORBA (2002), CUNHA (1982), FERNANDES (2001), FIGUEIREDO (1996), FREIRE (1954), HOLANDA (1975), LUFT (2001), MACHADO (1956), MICHAELIS (1998), NASCENTES (1952), de SILVA (1823).

Notamos que os valores de *deixar* veiculados pelas obras lexicográficas são semelhantes, apesar de haver algumas complementações superficiais que diferenciam tais valores. Quanto ao número de acepções encontradas na pesquisa, podemos dizer que há uma grande variação e um grande número de acepções encontrada nos dicionários. Em relação à organização dessas acepções nas descrições dos lexicógrafos, percebemos que uns as separam por aspectos sintáticos, outros por aspectos semânticos. Para explicar as diferentes significações, os dicionaristas recorrem a verbos sinônimos e/ou frases que exemplificam o sentido da acepção.

Muitos dicionaristas concordam com a etimologia de *deixar*, que se originou de *laxare* (F. lat. *Laxare* – por intermédio do antigo português *leixar*), de acordo com Aulete (1964). Não obstante, Machado (1956) nos diz que:

Apesar das muitas tentativas até agora verificadas, ainda não se conseguiu uma explicação satisfatória para a etimologia deste voc., nem para

a relação *leixar/deixar*. Trata-se de problema cuja dificuldade continua a tentar os estudiosos, que apresentam soluções diversas, sem que até agora surgisse uma que mereça geral aprovação. (MACHADO: 1956)

A maioria dos verbetes tem como primeira acepção de *deixar* ‘abandonar, largar’.

Vejamos alguns exemplos:

Ex. 1: “Foi então que Maria viu que as abelhas, tantas que ocultavam os lírios, deixavam as flores voando à música da frauta” (FREIRE, 1954)

Ex. 2: “Deixe a capa de César, abade! Exclamou o implacável comentador” (FREIRE, 1954)

Ex. 3: Paiva deixou o guardanapo. (BORBA, 1990)

Ex. 4: O cão não queria deixar a presa. (BORBA, 1990)

Ex. 5: O que não podia era deixar aqueles corpos ao relento. (BORBA, 1990)

São muitos os significados atribuídos ao verbo *deixar*, os quais se atualizam a depender do contexto em que o verbo se encontrar. Seguem abaixo os significados que mais aparecem registrados nas obras lexicográficas.

1. Sair de; afastar-se; retirar-se: *deixar a sala*. Separar-se; apartar-se: *deixar os companheiros*.
2. Ausentar-se: *deixar a pátria*.
3. Sair de; desviar-se de: *deixar a estrada principal*.
4. Não continuar a reter; não conservar mais; largar; soltar: *deixar a presa*.
5. Abandonar; desprezar: *deixar a mulher*.
6. Desistir de; renunciar a: *deixar as honrarias*.
7. Pôr a parte; não considerar; esquecer; abstrair: *Deixemos este ponto da questão*.
8. Afastar-se; arredar; desviar; repelir: *Deixe esses devaneios bobos*.
9. Não obstar; permitir; consentir: *Deixou que o apanhassem*.
10. Adiar; delongar: *Deixemos por enquanto este negócio*.
11. Dar como lucro ou proveito; render: *O empreendimento deixou pouco dinheiro*.
12. Largar; abandonar; exonerar-se; demitir-se: *deixar o emprego*.
13. Omitir; não referir: *deixar os pormenores*.
14. Desabituar-se de: *deixar o vício do jogo*.
15. Ser despojado de; perder: *deixar a vida; A planta deixa as suas folhas*.
16. Desertar de; abandonar; abjurar: *deixar o partido, a religião*.
17. Transmitir; comunicar; imprimir: *O prato deixou um sabor picante; Essa música deixa uma ponta de nostalgia*.

18. Causar, ou transmitir, ao ausentar-se ou morrer: *deixar saudades, deixar exemplos.*
19. Transmitir como legado (caso não haja testamento) como natural consequência da morte, automaticamente: *Morreu deixando uma fortuna.*
20. Transmitir como legado: “*O Modernismo como revolução não deixou monumentos literários.*” (Hélio Pólvora, *A Força da ficção*, p. 15)
21. Tornar possível; facultar: *O nevoeiro mal deixava enxergar o caminho.*
22. Fazer com que fique (em certa condição ou estado); tornar: *Deixei-o alegre; A transação deixou-o rico.*
23. Instituir; constituir; nomear: *O avô deixou-o por herdeiro.*
24. Cessar; desistir: *Por que deixou de estudar?*
25. Fugir a; evitar: *Não posso deixar de agir assim.*
26. Transferir; legar: *O pai deixou-lhe uma casa.*
27. Pôr a disposição de; ceder: *Deixou-me o seu lugar.*
28. Não privar; não despojar (de alguém ou de algo): “*Levai o que me mata ou me invalida, / Mas deixai-me a saudade, que esta vida / Só bem se vive morto de saudade*” (Luís Carlos, *Colunas*, p. 113)
29. Cessar; desistir; abster-se: *Deixe-se de palavras e procure agir.*
30. Separar-se; apartar-se: *Viveram anos juntos, sem nunca se deixarem.*
31. Não obstar ou resistir; consentir; permitir: *deixar-se prender.*
32. Não insistir em: *Deixe de devaneios, vamos trabalhar.*
33. Esperar até: *Deixemos este assunto de lado, até que o patrão decida sobre ele.*
34. Entregar, confiar: *Deixei os documentos nas mãos do advogado.*
35. Pôr, colocar: *Deixei o livro sobre a mesa esta manhã.*
36. Esquecer, não trazer ou levar consigo: *Chove tanto nesta manhã, infelizmente, deixei meu guarda-chuva em casa.*
37. Deixar + de + inf. (aspecto cessativo): *Deixou de fumar, pois a esposa o impedira.*
38. Produzir: *A colheita de café deixou bons lucros para os agricultores.*
39. Sofrer remoção: *Deixou o local, foi levado por um reboque da prefeitura.*
40. Permanecer: *Deixou-se estar do mesmo jeito, não mudando nada em si.*
41. Não se ocupar mais de: *Deixou o emprego, não trabalha mais como vendedora.*

Borba (1990), outro dicionarista que tece observações acerca de *deixar*, diz que esse verbo pode funcionar não só como transitivo, mas como auxiliar e modalizador. No presente trabalho não exploraremos o verbo *deixar* como modalizador, entretanto, vejamos o que diz o autor sobre o assunto:

Deixar: É auxiliar. 1. Precedendo **de** + infinitivo para indicar aspecto cessativo: Mas quando a gente entra a garapa deixa de mexer; Gutenberg deixou de enviar prendas; Zezé, deixe de acreditar em tudo. 2. Precedendo particípio passado para indicar aspecto permansivo: O professor saiu da classe mas deixou avisado que voltaria logo; O conselheiro várias vezes se

referiu, deixando escrito que Canudos se acabaria no fogo.// É modalizador. 1. Precedendo oração conjuncional/infinitiva, indica *permissão, neutralidade, indiferença, não interferência*: Bentinho deixou que Alice seguisse para seu canto; O próprio Bento não a deixava mentir; Candinho não deixava os dois marmanjos chegarem juntos; Chico deixou a porteira bater no mourão; Ela deixou cair o vestido. 2. Na forma pronominal, precedendo oração infinitiva, indica *fatividade passiva*: Um homem não poderá deixar-se influenciar pelo meio; Nunca me deixei levar pelo fanatismo. 3. Na forma pronominal ou não, precedendo **de + nome abstrato**, indica negação de ser. Deixemo-nos de lirismo com relação ao índio. (BORBA, 1990)

Lexicógrafos comentam acerca de estruturas, chamadas por Borba (1990) de ‘expressões’, que consistem em acepções relacionadas a construções cristalizadas. O autor separa as ‘expressões’ com *deixar* das construções em que este verbo funciona como predicador ou verbo-suporte. Tais expressões passaram por um processo de cristalização, em que, segundo o dicionarista, ocorreu um amálgama tanto semântico quanto sintático. Assim, mesmo o usuário sabendo os valores prototípicos de cada item lexical, ele não consegue, a partir destes, depreender o significado desta expressão, visto que atingem algum grau de opacidade/desgaste semântico em virtude do uso. Vejamos algumas dessas expressões:

42. Deixar a desejar: não corresponder ao que se esperava, ou que seria de esperar: *Ela deixou a desejar na organização da empresa.*
43. Deixar atrás: 1. não mencionar, omitir. 2. exceder, superar, suplantar: *Deixou atrás detalhes importantes para o processo judicial.*
44. Deixar cair: ver ‘deixar correr’.
45. Deixar correr: 1. deixar que aconteça; 2. não fazer caso de [Sin.: *deixar cair, deixar ir.*]: *Não vamos nos preocupar com esse assunto, deixa correr e veremos o que dará.*
46. Deixar de fora: não dar oportunidade de participar; excluir: *Deixaram de fora conteúdos importantes para a aula.*
47. Deixar ir: ver ‘deixar correr’.
48. Deixar (para /pra) lá: não fazer caso de; não se incomodar com: *O melhor é deixar para lá. Mas deixe lá que aquele Pedro Almofadinha é um camarada de sorte.*

49. Deixar passar: não impedir que passe: *Ela deixou passar detalhes que implicarão no seu futuro.*
50. Deixar perceber: dar a entender: *Mesmo não querendo, deixou perceber que estava nervoso.*
51. Deixar ver: mostrar; apresentar; demonstrar: *Deixe-me ver este relógio novo que você está usando.*
52. Deixar de fita: parar de fingir: *Vamos deixar de fita, sim?*
53. Deixar de lado: desprezar; abandonar: *Vou deixar você de lado.*
54. Deixar o dito pelo não dito: considerar sem efeito o que se disse: *Vamos deixar o dito pelo não dito*
55. Deixar estar: esperar; aguardar: *Deixa estar que eu me lembro.*
56. Deixar margem: permitir; possibilitar: *Deixa margem a uma reclamação de autodefesa.*
57. Deixar o mundo dos vivos: morrer: *Minha bisavó deixou o mundo dos vivos.*
58. Deixar na mão: abandonar: *Comecei a sentir (...) saudade e raiva por ter me deixado na mão.*
59. Deixar a máscara: deixar de fingir, largar a máscara: *Deixe a máscara e seja você mesmo.*
60. Deixar arder: não se importar com o que sucede: *Se o servo fez algo indevido, devemos deixá-lo arder.*
61. Deixar à sepultura: olvidar: *Deixou à sepultura todas as suas idéias juvenis.*
62. Deixar a vida: morrer: *Deixou a vida muito jovem, nem soube o que é amar.*
63. Deixar correr o marfim: ser indiferente aos sucessos, não se importar com o que vai pelo mundo, não querer saber das conseqüências de qualquer ato; aguardar os acontecimentos: *Era um artista renomado, mas deixava correr o marfim.*
64. Deixar de proveito: gíria – Abandonar a mulher que fica grávida: *Deixou de proveito a esposa.*
65. Deixar de ré: o mesmo que pôr de ré: *Deixou de ré o carro.*
66. Deixar de velho: deixar ou ficar de poiso. *O carro era tão obsoleto, que o dono deixou de velho.*
67. Deixar em branco: enganar, deixar sem dinheiro, ganhando ao jogo ou furtando: *O bicheiro deixou em branco toda a família.*
68. Deixar em meio: deixar incompleto: *Saiu, deixando em meio tudo o que fazia naquele dia.*
69. Deixar em paz: não molestar, não importunar: *Mesmo separados, o ex-marido não a deixava em paz.*
70. Deixar murchar os louros: deslustrar um passado glorioso: *Com o passar do tempo, deixou murchar os louros.*
71. Deixar o coração ao largo: ser superior a todos os reveses, ter ânimo nas adversidades. *Maria é forte apesar das adversidades da vida, deixa sempre seu coração ao largo.*
72. Deixar o mundo: morrer: *estava muito doente, deixou ao mundo fraco, mas jovem.*
73. Deixar-se de histórias: evitar rodeios e ir ao ponto principal: *Vamos deixar de história e pagar o que devemos.*
74. Deixar-se levar pelo nariz: seguir escrupulosamente os ditames de outrem obsequiosa ou inconscientemente, às cegas ou por mero espírito de obediência: *Deixou-se levar pelo nariz sem pensar nas conseqüências de suas atitudes.*

75. Deixar uma porta aberta: não proibir completamente, proporcionar uma escapatória, dar ensejo ou recurso para se conseguir alguma coisa. *Com sua postura adolescente, deixou uma porta aberta para os repórteres falarem mal dela.*

No que concerne à caracterização dos aspectos sintáticos de *deixar*, os lexicógrafos concebem que este verbo é transitivo e alguns mostram seu uso como auxiliar, como suporte e em expressões cristalizadas.

A maioria das acepções de *deixar* relaciona-se à sua atuação como verbo predicador. Alguns dicionaristas listam usos de construções com o verbo *deixar*, Luft (2001), por exemplo, diz-nos que *deixar* pode funcionar como *transitivo direto* (**Ex. 6:** *A cerração não **deixou** a gente enxergar a sinalização da estrada*), *transitivo indireto*, por meio da construção *deixar de + infinitivo – auxiliar* (**Ex. 7:** *Ele **deixou** de estudar.*), *transitivo direto e indireto* (**Ex. 8:** *Deixou o livro na mesa.*), *transitivo direto pronominal* (**Ex. 9:** *Daí em diante Lenita e Barbosa não se **deixaram**.*), *transitivo direto predicativo* (**Ex. 10:** *A notícia deixou-os alegres.*), *transitivo direto e indireto predicativo*, através da construção *deixá-lo por + predicativo* (**Ex. 11:** *O milionário deixou um sobrinho por herdeiro.*). Vale destacar que, quanto ao uso de “deixar + de + Vinf”, Luft (2001) registra a seguinte observação: “Praticamente ‘*deixar de*’ está hoje valendo por ‘*não*’: Ela deixou de falar por falta de oportunidade (isto é: Não falou). Ela não deixou de falar. (isto é: Falou)”

Segundo Fernandes (2001), *deixar* sintaticamente pode funcionar como ‘transitivo’, com o significado de separar-se de, permitir, adiar. O autor faz uma ressalva quanto ao complemento do verbo que:

(...) tendo por complemento um infinitivo de verbo não transitivo, deixa em acusativo o sujeito desse infinitivo: “Quem não sabe brandir o ferro cede; Deixa-o reinar.”, “Deixa andar os homens nesta vida semelhantes aos brutos.” (...) Porém se tal infinitivo for transitivo, o seu sujeito ficará,

indiretamente, em acusativo ou dativo: “O amor da embriaguez nunca os deixará ver a luz que mana as páginas do divino coração.”, “Não os deixava sofrer os receios da privação.” (FERNANDES, 2001)

Além do uso transitivo, *deixar* poderá ser considerado como *transitivo predicativo* quando tiver o sentido de ‘fazer com que fique em certo estado/condição’; terá uso *relativo* com o sentido de ‘cessar, desistir, abster-se’; terá uso *transitivo-relativo* quando tiver sentido de ‘legar, ceder’; e terá uso *pronominal* com o sentido de ‘desistir, abster-se, consentir, permitir’.

Consoante Freire (1954), *deixar* poderá ter uso transitivo direto, bitransitivo com preposição ‘para, por, em, a’, transitivo indireto com preposição ‘de’ e transitivo objetivo.

A análise das diversas obras lexicográficas permitiu-nos observar a gama de significados que *deixar* possui e as diversas estruturas sintáticas em que pode aparecer. Como observamos, *deixar* tem sua função de predicador, mas também pode exercer papel de verbo auxiliar, verbo-suporte, componente de expressões cristalizadas, dentre outros usos. Por conta das diversas acepções semânticas e usos sintáticos de *deixar*, notamos que tal verbo é bastante produtivo na língua portuguesa, tornando-se o conjunto de predicções com tal item um campo fértil para investigação, o que nos motiva em nossa pesquisa e análise.

Apesar disso, as obras lexicográficas deixam a desejar quando não contemplam as construções com verbo-suporte. Os dicionaristas não registram o fato de *deixar* compor estruturas que possuem certa configuração construcional que gerarão novas acepções vinculadas a esse verbo. Tal fato nos motiva em nossa investigação e análise, já que, com esta pesquisa, poderemos conhecer novos sentidos e significados que não estão registrados nos dicionários.

2.2 NAS GRAMÁTICAS

Na busca de descrições sobre o verbo *deixar*, sobre aspectos relevantes para a delimitação de subcategorias verbais e/ou sobre estruturas perifrásticas e seus componentes em gramáticas da língua portuguesa, procedemos a uma pesquisa quanto ao assunto nas seções destinadas ao tratamento de “verbos” num total de 15 obras¹. Observamos, de imediato, que muitas delas abordam tal classe gramatical superficialmente, ao exporem o assunto, ao que parece, de modo mais “simplificado e rapidamente acessível” para os que as consultam. Entretanto, devido a essa simplificação, vários aspectos pertinentes sobre o tema *verbos* são colocados de lado, como destacaremos adiante.

Na *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (BECHARA, 2001), verbo é descrito como a “unidade que significa ação ou processo e que é organizada para expressar o modo, o tempo, a pessoa e o número”. Bechara (2001), ao iniciar sua descrição sobre *verbos*, já procura estabelecer a diferença entre verbos nocionais e verbos relacionais, mostrando que o primeiro tipo é característico de predicado verbal e o segundo de predicado nominal. Segundo o autor, nessa distinção em subclasses é válido o aspecto semântico: fundamenta-se no fato de o significado léxico de alguns verbos ser muito amplo, vago. Todavia, não tem razão de ser se considerarmos o aspecto sintático, já que qualquer verbo expressa categoria de pessoa, número, tempo e modo. Ao tratar das locuções verbais junto aos

¹ Algumas dessas gramáticas são utilizadas somente nos níveis Fundamental e Médio, já outras são utilizadas nesses níveis, assim como nos meios acadêmicos. Vejamos a lista de compêndios gramaticais pesquisados: *Gramática Escolar da Língua Portuguesa* (BECHARA, 2001); *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 1976); *Minigramática* (CAMPEDELLI & SOUZA, 1998); *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* (CEGALLA, 1994); *Gramática Reflexiva* (CEREJA & MAGALHÃES, 1999); *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 1985); *Gramática Nova* (FARACO & MOURA, 1993); *Gramática da Língua Portuguesa*. (MATEUS *et alii*, 2003); *Gramática da Língua Portuguesa* (MESQUITA, 1994); *Gramática de Usos do Português* (NEVES, 2000); *Gramática Essencial* (NICOLA & INFANTE, 1997); *Gramática Descritiva do Português* (PERINI, 2006); *Gramática* (PASCHOALIN & SPADOTO, 1989); *Gramática Essencial Ilustrada* (SACCONI, 1994); *Gramática em 44 lições* (SAVIOLI, 1997).

verbos auxiliares, considerando que a locução verbal é “a combinação das diversas formas de um verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo que se chama principal”, Bechara (2001) elenca como verbos auxiliares *ter, haver, ser, estar, ficar*, além dos: *auxiliares acurativos* (que “se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor os aspectos do momento da ação verbal que não se acham bem definidos na divisão geral de tempo”); *auxiliares modais* (que “se combinam com o infinitivo ou gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal” e que indicam *necessidade, obrigação, dever*); dos *auxiliares causativos e sensitivos* (“Assim se chamam os verbos *deixar, mandar, fazer* e sinônimos – causativos e *ver, ouvir, olhar, sentir* e sinônimos – sensitivos que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio não formam locução verbal, mas muitas vezes se comportam sintaticamente como tal”). Então, nessa obra reconhecemos, além da referência aos parâmetros “perda de conteúdo nocional” e “estatuto sintático na oração” do verbo, uma categorização explícita de *deixar* como constituinte de locução verbal e, mais especificamente, como verbo auxiliar causativo.

Na *Moderna Gramática Portuguesa*, Bechara (1976) designa um verbo como “a palavra que, exprimindo ação ou apresentando estado ou mudança de um estado a outro, pode fazer indicação de pessoa, número, tempo, modo e voz”. Nessa gramática, o autor utiliza-se do mesmo discurso supracitado; ele elenca os mesmos verbos auxiliares, fazendo ressalvas semelhantes quanto aos *auxiliares acusativos, modais, sensitivos e causativos*, como já fora visto.

Na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 1985), os autores dizem que verbo é “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo”. Quanto à função, Cunha & Cintra dizem que

o verbo pode ser principal ou auxiliar. *Ser, estar, ter e haver* são os auxiliares mais prototípicos, segundo tais estudiosos. Entretanto, eles não deixam de ressaltar um fato importante acerca da auxiliaridade verbal: “Como não há uniformidade de critério lingüístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares.” A partir disso, eles citam alguns analistas da área para melhor esclarecer o assunto da *auxiliaridade*, tais como: Lúcia Maria Pinheiro Lobato (*L’Auxiliarité em langue portugaise*, 1970), Eunice Pontes (*Verbos auxiliares em português*, 1973) e Eduardo Paiva Raposo (*A construção “união de orações” na gramática do português*, 1981). Tendo em vista tal fato, nota-se que esses gramáticos reconhecem o amplo leque de verbos auxiliares possíveis, todavia se limitam a discorrer acerca de quatro deles. Convém salientar que também não há qualquer referência nessa gramática aos graus de auxiliaridade existentes.

Cegalla (1994), na sua *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, entende como verbo “a palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno (...) é a palavra indispensável na organização do período. Dentre as classes de palavras, o verbo é a mais rica em flexões.”. O autor faz referência à formação dos tempos compostos opondo os tempos compostos da voz ativa, os quais são formados pelos verbos auxiliares *ter* e *haver*, seguidos de particípio do verbo principal, aos tempos compostos da voz passiva, que se formam devido à união dos auxiliares *ter* (ou *haver*) e *ser*, seguidos de particípio do verbo principal. Além disso, Cegalla (1994) ressaltava a *conjugação perifrástica*, ou seja, as locuções verbais construídas de verbos auxiliares mais gerúndio ou infinitivo. Esse autor limita-se a comentar a diferença de *auxiliares* e *principais*. Essa é, portanto, mais uma obra que se limita a “definir” a locução verbal com base na diferença entre verbo principal e verbo

auxiliar e a contemplar esta categoria mediante uns poucos verbos, os que maior grau de gramaticalização atingiram.

De acordo com a *Gramática Reflexiva* (CEREJA & MAGALHÃES, 1999) – uma gramática que tem sido amplamente utilizada nesta década em muitas escolas do Rio de Janeiro –, verbos são definidos como “palavras que exprimem ação, estado, mudanças de estado e fenômenos meteorológicos, sempre em relação a determinado tempo.” Segundo os autores, quando “dois ou mais verbos têm valor de um, eles formam uma locução verbal, que é sempre composta de *verbo auxiliar + verbo principal*”. *Ter, haver, ser e estar* são os auxiliares mais freqüentes. Como se pode perceber, nenhum comentário é feito sobre *deixar* e apenas a articulação de dois verbos (um auxiliar, outro auxiliado numa forma nominal) é mencionada, fato que se repete na maioria das obras.

Em Faraco & Moura, (1993), na *Gramática da Língua Portuguesa*, os gramáticos fazem menção aos verbos auxiliares somente quando tratam das locuções verbais, que são formadas de dois verbos: um auxiliar e um principal. Segundo os autores, normalmente funcionam como auxiliares *ser, estar, haver e ter*, os quais estando em uma locução não possuem sentido completo sem os principais.

Segundo Campadelli & Souza (1998), verbo “é a palavra variável em número, pessoa, modo, tempo e voz, que indica um processo – isto é, alguma coisa que acontece ou que é; que aconteceu ou que foi; que acontecerá ou que será”. Consoante os autores, há determinadas combinações de verbos que geram formas compostas, as quais são chamadas de locuções verbais. Essas, por sua vez, têm como primeiro elemento da combinação um verbo denominado *auxiliar*. Os autores citam como auxiliares mais comuns: *ter, haver, ser e estar*. Acerca do assunto não fazem maiores explanações. Desse modo, não relacionam *deixar* a qualquer categoria instrumental.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* (MESQUITA, 1994), o autor faz uma distinção entre *nome* e *verbo*, mostrando que o nome demonstra uma situação estática e o verbo uma visão dinâmica no tempo. Mesquita (1994) conceitua o verbo como “palavra que exprime um fato, situando-o temporalmente”. Quanto à função, o autor mostra-nos que os verbos podem ser principais ou auxiliares. São principais os que conservam seu significado, sua carga semântica primária, de modo pleno na frase em que são empregados. Os auxiliares, para o autor, não possuem sentido próprio, e quando são combinados com as formas nominais (infinitivo, particípio e gerúndio) formam tempos verbais compostos. Segundo o autor, são auxiliares *ser*, *estar*, *ter* e *haver*. Além desses, o autor cita, entre outros, os verbos *andar*, *ir*, *dever*, *querer* como passíveis de funcionarem como auxiliares. Esse autor mostra ao leitor que inúmeros verbos podem funcionar como auxiliares, mas não explicita qualquer comentário sobre o comportamento de *deixar* no Português.

Em Nicola & Infante (1997), na *Gramática Essencial*, verbo “é a palavra que indica ação, estado, passagem de um estado a outro, fenômeno da natureza”. Os autores também subdividem os verbos, quanto à função, em principais e auxiliares e expõem como principais auxiliares: *ter*, *estar*, *ser* e *haver*.

Na *Gramática* de Paschoalin & Spadoto (1989), o conceito de verbo é parecido com a maioria dos conceitos dados pelos manuais aqui vistos: “verbo é a palavra que expressa ação, estado e fenômeno da natureza situados no tempo”. De acordo com os autores, são auxiliares os verbos que contribuem na formação de tempos verbais compostos e das locuções verbais. Os verbos auxiliares mais usados são: *ser*, *estar*, *ter* e *haver*.

Em Sacconi (1994), na *Gramática Essencial Ilustrada*, o conceito de verbo apresenta-se de modo um pouco distinto do das demais: “Verbo é a palavra que podemos conjugar. Conjugar é fazer a palavra passar por quatro variações ou flexões: de número,

pessoa, tempo e modo”. Sacconi (1994) limita-se a dizer que “todo verbo que auxilia a conjugação do outro, chamado principal, que é expresso numa das formas nominais, é auxiliar.”. Sacconi, assim como outros, também elenca como principais auxiliares: *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Consoante a *Gramática em 44 lições* (SAVIOLI, 1997), verbo, do ponto de vista semântico, “designa um processo ou estado”; do ponto de vista sintático, “é a palavra pela qual se realizam atribuições ao sujeito da oração. É um constituinte indispensável de qualquer ato de predicação.”; e, do ponto de vista mórfico, o verbo apresenta “desinências típicas para marcar pessoa, número, tempo e modo”. Segundo esse gramático, o verbo auxiliar é aquele que, “desprovido total ou parcialmente de sentido próprio, junta-se a outro verbo, formando uma unidade de significado e constituindo aquilo que se chama de locução verbal.”

Perini, na *Gramática Descritiva do Português* (2006), considera um verbo como “a palavra que pertence a um lexema cujos membros se opõem quanto ao número, pessoa e tempo”. Perini afirma que é possível identificar um verbo sem grandes dificuldades através de seus traços morfossintáticos. O autor considera como auxiliares os verbos que são irrelevantes para a escolha de complementos e que não formam por si só predicados. Segundo ele, são poucos os auxiliares em português: *ir* (+ infinitivo); *ter*, *haver* (+ participípio); *estar*, *vir*, *ir*, *andar* (+ gerúndio). Além desses, Perini (2006) cita os chamados auxiliares modais que se constroem com infinitivo mais as partículas *de* + *que* ou *a*: *poder*, *dever*, *acabar de*, *deixar de*, *começar a*, *continuar a*, *ter de/que*, *haver de/que*. Vale comentar que o gramático nos alerta para o fato de que os verbos se comportam com funções distintas a depender da sentença em que estão inseridos; portanto, ora podem

funcionar como auxiliares, ora como predicadores, o que exigirá cuidado daquele que esteja analisando construções oracionais.

Na *Gramática da Língua Portuguesa* (MATEUS *et alii*, 2003) – muito utilizada pelos graduandos e pós-graduandos das universidades –, já se encontra outro tipo de tratamento: diversos tipos de verbos são considerados. Nessa obra, trata-se dos verbos predicadores prototípicos, vistos nas gramáticas usadas pelos estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, assim como se trata de outros tipos de verbos, alguns dos quais não são apresentados normalmente a esse alunado. Consoante Mateus *et alii*, os verbos podem ser polifuncionais, ou seja, servem a diferentes funções a depender do contexto em que se inserirem, podendo ter seus usos vinculados a estas categorias, por exemplo: principais (plenos/predicadores), copulativos/predicativos, auxiliares ou semi-auxiliares e verbos leves. Ressalte-se que, nessa gramática, já encontramos denominação para um conjunto de verbos que, em geral, as obras didáticas não enfocam: os verbos *leves* ou *suportes* e os *semi-auxiliares*.

De acordo com Mateus *et alii* (2003), os verbos principais (plenos) são denominados dessa maneira, pois eles são responsáveis pela seleção semântica e sintática dos elementos da oração, isto é, selecionam o número de argumentos e seus respectivos papéis temáticos, além de selecionar a categoria e relação gramatical de cada elemento na oração.

Segundo Mateus *et alii* (2003) há verbos que, muitas vezes, são classificados como verbos principais em certas construções, entretanto, ele não possui as características e propriedades típicas desta classe verbal, tais verbos são chamados de verbos leves (verbo-suporte). De acordo com a obra, certos verbos, comumente classificados como auxiliares também não respondem a todos os critérios de auxiliaridade, sendo, em verdade, verbos

semi-auxiliares. Tanto os verbos leves quanto os semi-auxiliares, quando utilizados, compõem, obrigatoriamente, a formação de um predicado complexo.

Mateus *et alii* (2003) comentam que os verbos leves e também os semi-auxiliares passaram por um processo de esvaziamento lexical, ou seja, sofreram um processo de gramaticalização, deste modo o centro semântico da frase se desloca do verbo para a expressão nominal que o acompanha. Outra ressalva feita na obra diz respeito ao fato de os verbos leves possuírem, muitas vezes, um verbo predicador com significado equivalente ao do predicado complexo (**Ex. 12:** O João deu *uma contribuição decisiva* para o debate./ O João *contribuiu* decisivamente para o debate.)²

Apesar de os verbos leves passarem por um processo de esvaziamento lexical, esse processo não é total, uma vez que é preservada a grelha argumental possuída pelo verbo, quando ele funciona como verbo predicador. Por meio dessa grelha argumental, são os verbos leves que determinam a situação que será descrita pela frase, isto é, se descreverá uma situação transferencial, causativa ou uma situação estativa de posse. Consoante a obra de Mateus *et alii* (2003), as construções com verbos leves podem ser formadas por um verbo leve e um argumento nominal ou um verbo leve mais um predicado secundário, como em: (**Ex. 13:** A Maria *pôs* o Pedro *doente*^{SAdj}. / A qualidade do espetáculo *pôs* o público *em ebulição*^{SPrep – Predicado secundário}.)³. A construção com verbo leve, como vimos, poderá ser formada por um SAdj ou um SPrep.

Além disso, Mateus *et alii* (2003) fazem observações acerca dos semi-auxiliares dizendo que esses são verbos lexicalmente esvaziados quanto ao seu significado, não

² Exemplos retirados da própria obra de MATEUS *et alii* (2003) utilizados para exemplificar as construções com predicções complexas e as construções equivalentes com verbo predicador cognato.

³ Exemplos retirados da própria obra de Mateus *et alii* (2003) utilizados para exemplificar as construções com verbos leves.

possuem grelha argumental e atendem a alguns critérios de auxiliaridade, mas não a todos. Segundo a obra, um verbo será considerado um semi-auxiliar caso atenda a alguns dos seguintes critérios de auxiliaridade: impossibilidade de completiva finita; só é aceitável na sentença um advérbio de tempo de cada tipo; só é possível uma negação frásica, precedendo o auxiliar; e ocorrerá, obrigatoriamente, atração do clítico para próximo do auxiliar.

Por fim Mateus *et alli* (2003) comentam sobre os auxiliares, os quais são verbos que acompanharão outros que aparecerão nas formas nominais participial ou infinitiva. Na obra *Gramática da Língua Portuguesa* podemos encontrar seis critérios de auxiliaridades, são eles: 1º) os auxiliares não possuem propriedades de seleção semântica/ temática, além disso, será o outro verbo que selecionará o argumento sujeito; 2º) caso uma oração simples contenha um auxiliar, a segunda parte da construção não poderá ser substituída por uma oração completiva precedida de *que*; 3º) impossibilidade de empregar dois advérbios de tempo do mesmo tipo; 4º) Em uma mono-oração só será possível um advérbio de negação, o qual deverá ocorrer à esquerda do primeiro verbo; 5º) será impossível substituir o segundo verbo, de uma construção com auxiliar, pelo clítico *o* ou pelo demonstrativo *isso*; 6º) os clíticos ocorrerão adjacentes ao primeiro verbo se este for um auxiliar, caso a construção seja bi-oracional, o clítico poderá estar relacionado ao segundo verbo.

Mateus *et alii* (2003) contemplam o assunto *verbos* dando bastante atenção ao tema. A obra *Gramática da Língua Portuguesa* nos auxiliará em nosso trabalho, já que abre portas e rompe barreiras nos ajudando a entender detalhes pouco explorados anteriormente. Além disso, nessa obra, encontramos critérios de auxiliaridade que serão de suma importância para que nós possamos entender e categorizar os verbos coletados em nosso *corpus*.

Na *Gramática de Usos do Português* (NEVES, 2000), a autora começa seu capítulo tratando da natureza dos verbos, os quais, segundo ela, “constituem os predicadores das orações (...) que designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos”. Neves (2000) é a autora que com maiores detalhes expõe o assunto *verbos*, enfrentando a complexidade do tema. Opõe verbos que constituem predicados a verbos que não constituem predicados e mostra as subclassificações dos verbos que constituem predicados: subclassificação semântica, subclassificação com integração de componentes e subclassificação segundo a transitividade. Dentro dessas subclassificações principais, ainda podemos detectar outras.

Neves (2000) descreve de modo detalhado os verbos-suporte e suas construções, mostrando-nos que esses são “verbos de significado bastante esvaziado que formam com seu complemento (objeto direto) um significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua” (**Ex. 14:** Severino *faz um aceno (acena)* para o cangaceiro.)⁴. A autora destaca, ainda, que há construções com verbo-suporte que não possuem um verbo pleno correspondente, o qual poderia manter uma relação de paráfrase com a construção complexa (**Ex.: 15** A polícia impede as manifestações *dando cacetadas* e prendendo todo mundo.)⁵. Além disso, Neves (2000) ressalva um detalhe sobre construções com verbos semanticamente esvaziados + objeto, as quais podem até manter relação de paráfrase com outros verbos, mas que fazem parte de uma construção fixa, tratando-se de uma *expressão cristalizada*. Vale ressaltar que os mesmos verbos que compõem uma construção complexa, com verbo-suporte e um sintagma nominal não-referencial, podem

⁴ Exemplo retirado da obra de Neves (2000) utilizados para exemplificar as construções com verbo-suporte e um verbo correspondente de significação básica correspondente.

⁵ Exemplo retirado da obra de Neves (2000) utilizados para exemplificar as construções com verbo-suporte que não possuem um verbo simples em relação de paráfrase.

integrar uma construção com verbo pleno e objeto direto (sintagma nominal referencial), guardando sua propriedade de seleção semântica.

Uma construção com verbo-suporte será composta de: um verbo com certa natureza semântica básica, o qual funcionará como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado e um sintagma nominal que junto ao verbo determinará os papéis temáticos e o sentido do todo da predicação. Além disso, segundo Neves (2000), um verbo-suporte prototípico terá como complemento um substantivo sem determinante (um sintagma nominal não-referencial), como em: “Já *fiz uso* da música em algumas peças. / A Alquimia deu origem à arte.”.

Em Neves (2000), encontramos algumas possíveis motivações para que o utente da língua opte pelo uso de construções com verbo-suporte, tendo em vista que a maioria dessas construções possui um verbo pleno cognato, isto é, de significado básico correspondente. Segundo a autora o falante faz uso de construções com verbo-suporte, pois, ao utilizar tal tipo de predicação, ele obtém algum efeito especial que não consegue alcançar com o uso do verbo pleno correspondente. Alguns desses efeitos, segundo a autora, são: 1) maior versatilidade sintática; 2) maior adequação comunicativa; 3) maior precisão semântica, já que os resultados semânticos entre a construção com verbo pleno e a construção com verbo-suporte não são idênticos; 4) obtenção de efeitos na configuração textual.

No que se refere a predicações com *deixar*, Neves (2000) cita a construção *deixar + de*, considerando-o, segundo a transitividade, um verbo que tem complemento oracional, em que existe uma relação de pressuposição ou de implicação entre a oração completiva e a principal, além de o designar como um verbo implicativo negativo (**Ex. 16:** Você deixou

de ser um grande escritor verdadeiramente. [= você já não é um grande escritor])⁶. Em contrapartida, a autora comenta sobre a expressão *não deixar de*, tratando-a como parte de um predicado implicativo afirmativo, em que nele há a noção de condição necessária e suficiente, que determinará se o estado de coisas descrito na oração completiva ocorrerá ou não. A obra de Neves (2000) mostra-se muito cuidadosa em relação ao assunto *verbos*, contribuindo, largamente, para nossa pesquisa.

Após essa análise feita sobre 15 gramáticas da língua portuguesa, notamos que a maioria delas utiliza o mesmo conceito de *verbo* e o classifica quanto à função em principal e auxiliar, desconsiderando uma série de funções que existem no *continuum* que vai de um extremo de comportamento lexical das formas (verbo principal) até um extremo de comportamento instrumental no sistema (verbo auxiliar). Somente Mateus *et alii* (2003) e Neves (2000) salientam as diversas funções existentes para os verbos, atribuindo a muitos deles caráter polifuncional. Cunha & Cintra (1985), apesar de não citarem em sua gramática os graus de auxiliaridade, em nota referem-se à existência desses. Bechara (2001) mostra-nos que o verbo *deixar pode funcionar* como auxiliar causativo. E Perini (2006) marca a construção *deixar + de* como auxiliar modal.

Percebemos, por meio dessa seção, que a maioria das gramáticas consultadas encaminham descrições semelhantes devido ao fato de não considerarem outra categoria, diferente de verbo pleno, para *deixar*. Apesar disso, obras de orientação teórico-descritiva já apresentam a categoria verbo-suporte, apesar de se pautarem em observações ainda superficiais em alguns aspectos, os quais trazem à tona novos questionamentos.

⁶ Exemplo retirado da obra de Neves (2000) utilizados para exemplificar as construções com verbo implicativo negativo (*deixar + de*).

Sobre a resultatividade de *deixar*, não encontramos em nenhuma obra comentários acerca do assunto. Apesar disso, as obras de Neves (2000) e Mateus *et alii* (2003) serão de grande relevância para a nossa pesquisa, pois ambas já trabalham com a categoria de verbo-suporte, mostrando-nos os critérios necessários para tratarmos um verbo como tal. Com o auxílio das obras supracitadas, tentaremos nos aprofundar no assunto e esclarecer o tema da resultatividade, o qual não foi contemplado pelos estudos aqui analisados.

Vale salientar que a maioria das gramáticas, que trata dos verbos predicadores como *plenos*⁷, reúne nesta categoria não só os verbos considerados, efetivamente, plenos como outros que, apesar de terem a mesma grade argumental, não atendem a mesma extensão de sentido, como em: “José *deixou* esposa e filhos no sertão.” (verbo predicador pleno = valor de afastamento) / “Maria *deixou* o cão fugir.” (verbo predicador não-pleno = acepção: *permitir*). Assim como autores dão esse tratamento aos verbos predicadores, considerando todos eles como plenos, também o fazem com os verbos-suporte. Convém ressaltar que em um *continuum* de gramaticalização há vários estágios existentes entre uma categoria e outra, assim, podemos considerar que há verbos semi-suporte, isto é, que não atingiram todos os critérios de auxiliaridade para serem considerados, adequadamente, como verbos-suporte.

Dado o exposto, acreditamos que um estudo mais acurado a respeito não só de *deixar*, mas dos verbos em geral, pode levar a melhor compreensão da língua quanto a suas possibilidades de uso/sentido na comunidade lingüística do Português e ao conhecimento quanto ao seu efetivo emprego no seio de diversas comunidades de fala. Mostrando a

⁷ Utilizamos os termos verbo predicador pleno/ não-pleno por influência da obra Teoria da Gramática Fincional (DIK, 1997).

pluralidade e a variedade lingüística ao nosso aluno, fazemos dele um estudante crítico e consciente da variação existente nas línguas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 ASPECTOS RELATIVOS AO FUNCIONALISMO

O uso lingüístico sempre será concebido como historicamente inserido em um dado tempo e em um evento particular, representado pela interlocução. O Funcionalismo tem-se mostrado um importante paradigma para estudos que buscam conhecer os fenômenos lingüísticos que ocorrem em situações efetivas de uso da língua, incluindo aspectos tais como variação, mudança, dentre outros.

De modo geral, o Funcionalismo ocupa-se em estudar as funções dos meios lingüísticos de expressão. Tal teoria encontra bases na Escola Lingüística de Praga, considerando a língua tanto pelo seu aspecto funcional quanto também pelo seu caráter dinâmico. A Escola de Praga trata a língua como um sistema funcional, mostrando-se preocupada com a relação entre função e forma e com o fato de a linguagem ser considerada um fenômeno dinâmico, em que as relações entre estrutura e função são instáveis, devido ao dinamismo lingüístico e ao seu desenvolvimento.

A Gramática Funcional concebe a língua como um meio de interação complexo, em que interagem diversas atividades comunicativas, cognitivas e sociais. Logo, caracterizam-na como dinâmica/emergente ou um objeto flexível, levando em consideração o fato de que as formas lingüísticas se moldam às necessidades informativas/comunicativas dos que as utilizam. Portanto, para uma abordagem que pretenda ser funcionalista, é necessária a verificação de como a língua é usada nos processos de comunicação. Vale comentar que as circunstâncias e o contexto discursivo nunca são analisados separadamente nesse tipo de

estudo, haja vista a tentativa de compreender a língua a partir da sua manifestação e do seu uso.

O Funcionalismo é um paradigma em que se busca estudar a relação entre as estruturas gramaticais das línguas e os diversos contextos em que elas são usadas. É de interesse dos funcionalistas compreender a situação comunicativa. A partir das regularidades observadas no cotidiano lingüístico, o funcionalista descreve as condições discursivas em que se dá o uso. O contexto tem papel primordial neste tipo de estudo, já que ele motivará diferentes estruturas sintáticas.

Os funcionalistas voltam-se, então, para a multifuncionalidade dos itens lingüísticos. O termo *função*, recorrente na Escola Lingüística de Praga, não é de fácil interpretação. Segundo Halliday (1973; *apud* NEVES, 1997), na visão funcionalista:

A noção de função não se refere aos papéis que desempenham as classes de palavras ou sintagmas dentro da estrutura das unidades maiores, mas ao papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo a certos tipos universais de demanda, que são muitos e variados. (NEVES, 1997, p.8)

Na gramática funcionalista também há interesse na descrição de tendências gerais identificadas em diferentes línguas, visto que nela se encontram o geral e o específico. A Gramática Funcional holandesa de Dik (1989), por exemplo, mostra-se preocupada com o estudo tipológico das línguas, com a descrição de universais de funcionamento das línguas. Por tal motivo, que a Gramática Funcional pode ser entendida como uma teoria geral da organização gramatical das línguas.

De modo geral, podemos notar que, para os funcionalistas, a língua possui funções que não dizem respeito somente ao sistema lingüístico. Ela desempenha outras funções

externas a este sistema, que também interferem na organização interna do sistema lingüístico.

A Lingüística Cognitiva contribui para essa perspectiva de estudo da linguagem, na medida em que não deixa de lado os interlocutores do ato comunicativo, mas encara-os, agora, de modo diferente: o falante deixa de ser o manipulador de regras e passa a ser um dos produtores de significado na interação lingüística. A Lingüística Cognitiva concebe a gramática de uma língua como um conjunto de princípios dinâmicos que funcionarão de acordo com o uso e a comunicação como uma atividade que dependerá de ações mútuas dos interlocutores para que eles possam se compreender, interagir. Logo, nota-se que a significação será compartilhada e negociada entre falante e ouvinte.

Consoante Beaugrande (1993), o modelo cognitivo é um tipo de gramática funcional, pois é uma gramática que se constrói a partir do conhecimento de mundo adquirido, o qual é tomado como uma importante fonte para o controle na participação do discurso como para descrever ou explicar este mesmo discurso. O autor, de acordo com Neves (1997), defende uma gramática funcional-cognitiva, a qual reflete um modelo de mundo do senso comum, ao invés de uma análise completa da realidade.

Quando admitimos que há uma relação entre cognição e gramática, devemos pensar na noção de protótipo, bastante importante para os estudos funcionalistas. Acreditamos que há certa vaguidade nos limites entre as categorias. Neste caso, o item prototípico será aquele com o maior número de propriedades que particularizam uma categoria; e os demais constituintes dessa categoria serão classificados por grau de semelhança.

Ao invocarmos a relação entre gramática e cognição, lembramos, ainda, do princípio da iconicidade, por meio do qual consideramos que há uma relação não-arbitrária entre forma e função. Admitimos que há um paralelismo entre partes da estrutura

lingüística e partes da estrutura da significação. Consoante Croft (1990), pressupomos que a estrutura da língua reflete a estruturação do mundo.

Vale ressaltar que, ao assumirmos postulados funcionais, é necessário termos consciência de que a gramática não pode ser entendida sem referência a elementos como cognição, processamento mental, aquisição da linguagem, evolução, variação e mudança. Tais aspectos permitem conjugar/articular entre si duas correntes de grande importância para esta dissertação: o Funcionalismo e a Lingüística Cognitiva.

A heterogeneidade da língua, consoante Weinreich, Labov & Herzog (2006), está codificada na competência do falante. De acordo com o Funcionalismo, através da língua - meio de comunicação/interação utilizada entre os falantes da comunidade -, somos capazes de estabelecer uma relação de cooperação, na qual locutor (s) e destinatário (s) compreendem-se através da interação verbal.

A partir do momento em que estamos estudando a variação entre verbos plenos e verbos-suporte, concomitantemente, lidamos com a funcionalidade verbal, no caso as diferentes funções exercidas pelos verbos. Desta maneira, pretendemos analisar, à luz da Sociolingüística Variacionista e do Funcionalismo, a variação entre as construções com *deixar*, que pode atuar como verbo-suporte (*deixar triste/ deixar alegre*) ou em construções com verbos plenos cognatos (*entristecer/ alegrar*), conjugando, assim, os pressupostos dessas duas teorias.

3.2 ASPECTOS RELATIVOS À SOCIOLINGÜÍSTICA

A Sociolingüística Variacionista é um ramo da lingüística que trabalha com a língua em uso o que, aliado ao seu dinamismo, gera a possibilidade de mudança. A

Sociolingüística se vale da variação lingüística, sem ela não há razão de existência para essa teoria. Vale salientar que, apesar de a língua viver em meio à grande heterogeneidade, existe uma pressão para que a unidade, a homogeneidade seja uma contraparte fixa do sistema lingüístico. Apesar disso, não há dúvidas de que a dinamicidade da língua, a qual faz parte dessa, é inerente e também motivada.

A Sociolingüística Variacionista (ou Teoria da Variação) surgiu da necessidade de alguns estudiosos insatisfeitos com os modelos existentes. O estruturalismo e o gerativismo não abrangiam nas suas pesquisas a variação, deixando de lado aspectos culturais, psíquicos e sociais. Labov, um dos precursores da Sociolingüística, toma a lingüística como uma ciência que faz parte da sociedade, por conta disso, é necessário investigar as variáveis de natureza extralingüística. Essas variáveis extralingüísticas devem ser priorizadas, haja vista que o falante adquire e utiliza a língua na comunidade de fala com objetivos comunicativos específicos.

A Sociolingüística entende variação e mudança como aspectos inerentes à língua. De acordo com Cezario & Votre (2008), um dos principais objetivos de um sociolingüista é identificar as principais motivações da variação lingüística, isto é, reconhecer quais são os fatores que motivam a variação e, além disso, detectar qual a importância desse fator. Vale salientar que, através da Sociolingüística, podemos constatar que formas que não fazem parte da linguagem padrão ocorrem nas falas de pessoas mais escolarizadas, com nível superior. A Sociolingüística trabalha com a língua em seu uso real, por conta desse fator ela é capaz de tomar nota, com precisão, dos usos feitos pelos utentes da língua. Consoante Cezario & Votre (2008), o termo *variante* é empregado para identificar formas que convivem lado a lado sem apresentar mudança/ nuance de significado.

Com base nos autores supramencionados, entendemos que a Sociolingüística além de explicar e descrever aspectos relativos à variação e à mudança de elementos lingüísticos, ela contribui, ainda, para o ensino da língua. A escola, ao assumir o compromisso de ensinar a variedade padrão, não pode ter em vista eliminar a língua que o aluno traz de casa; o papel escolar é prepará-lo para se comunicar com segurança e competência, independente de sua origem social. Embora existam muitos preconceitos sociais relacionados à variedade não-padrão da língua, todas elas são válidas e possuem valor nas comunidades de fala em que são utilizadas. Os trabalhos sociolingüísticos vieram para demonstrar que tanto a língua padrão, quanto a não-padrão são estruturadas em regras gramaticais, as quais podem ser, muitas vezes, diferentes. Cada variedade possui seu domínio, não existe, simplesmente certo ou errado. Cada situação comunicativa impõe uma variedade própria que é adequada naquela situação. As pesquisas em Sociolingüística contribuem para a formação de docentes menos preconceituosos lingüisticamente e capazes de valorizar as diversas variedades existentes na língua.

O objeto de estudo da Sociolingüística é a língua falada, primordialmente, visto que essa retrata com maior precisão o vernáculo. Eis, neste caso, um ponto de contato com o Funcionalismo, já que esse também faz uso de situações de comunicação real. Em muitos pontos, a Sociolingüística e o Funcionalismo convergem para o dito “casamento” das teorias, o que resulta no Sociofuncionalismo.

Ambas as teorias, que culminam no Sociofuncionalismo, possuem vários pontos e concepções em comum, dentre eles, temos, por exemplo: a língua sendo analisada no seu uso real; a mudança sendo vista como um processo lento e contínuo; a frequência das ocorrências, que possui papel decisivo para os estudos, dentre outros. Apesar de existirem autores, como Borges (1991), que tratam os “casamentos” teóricos como incomensuráveis

entre si, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística e do Funcionalismo se complementam.

Nesta pesquisa têm especial relevância as motivações de ordem discursiva e sócio-comunicativa na análise das predicções resultativas, além da consideração de que *deixar* nas estruturas submetidas a tratamento variacionista tem comportamento mais ou menos gramaticalizado, o que implica a adoção de uma concepção do fenômeno de gramaticalização.

Já há muitos trabalhos no Brasil que versam sobre a gramaticalização de diferentes itens lexicais, de diversas classes gramaticais. Os estudos de Gramaticalização buscam explicar as mudanças que ocorrem no interior do sistema lingüístico. Consoante Neves (2000), um dos primeiros estudiosos sobre o tema é Meillet; foi ele quem usou o termo gramaticalização pela primeira vez. Segundo Meillet este é um processo que envolve a atribuição de caráter gramatical a um vocábulo primeiramente independente, a partir do qual se formam novas construções gramaticais. Já atualmente, de acordo com Hopper & Traugott (1993), a Gramaticalização é um processo em que itens lexicais e construções em certos contextos lingüísticos exercem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções. Os autores relacionam a integração das orações ao grau de gramaticalização; quanto mais integradas as orações, mais avançado o processo está; desta forma, a dependência e o encaixamento das orações são reflexos da integração semântica ou pragmática dos estudos de itens codificados na frase.

Entende-se Gramaticalização, neste trabalho, como um processo em que um item, no *continuum* de gramaticalização, passa de um item mais lexical a mais gramatical, ou ainda, passa de um item menos gramatical, a mais gramatical. Tal conceito nos remonta a

idéia de que a língua é um organismo dinâmico e propenso a variações que, conseqüentemente, pode acarretar em mudanças. Logo, ao analisarmos o verbo *deixar* (que passa de verbo pleno a verbo semi-auxiliar) temos esta transferência de um item lexical para mais gramatical.

3.3 ASPECTOS RELATIVOS À LINGÜÍSTICA COGNITIVA

“A Lingüística Cognitiva é uma teoria da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana no mundo” (SILVA, 1997, p.59). Entende-se, a partir da definição de Silva, que conceptualizamos o mundo tomando como base as nossas experiências nele. A Lingüística Cognitiva abarca estudos que trabalham com os processos de formação de significado, diferentemente, por exemplo, da análise do discurso que busca interpretar o significado. Para os cognitivistas, a linguagem não se trata de uma entidade autônoma em relação às outras faculdades mentais; ela interage com todas as outras faculdades cognitivas, sendo, portanto, interdisciplinar. Segundo Silva (1997, p.59), “a linguagem é formatada pela cognição humana, que, por sua vez, busca recursos nas percepções e características da espécie, nas experiências motoras básicas de que somos capazes e nas experiências culturais.”

A Lingüística Cognitiva é uma teoria que nasceu de ex-gerativistas no final da década de 70 e início da década de 80 do século XX. Suas bases são lançadas por Lakoff com a obra *Women, fire and dangerous things* e por Langacker com *Foundations of cognitive grammar*, ambas de 1987. No ano de 1990, a Lingüística Cognitiva foi institucionalizada através de ‘Associação Internacional da Lingüística Cognitiva’ e das

revistas *Cognitive Linguistic* e *Cognitive Linguistics Research*. Seus maiores representantes são Lakoff, Langacker, Fauconnier, Tunner, Taylor, dentre alguns outros.⁸

Os teóricos Katz & Fodor perceberam a necessidade de uma teoria semântica que desse conta da compreensão de novas sentenças, de um número infinito de todo conhecimento de mundo. A teoria dos autores desenvolveu-se a partir da teoria gerativo-transformacional de Chomsky.⁹ Noam Chomsky, em *Estruturas Sintáticas* (1957), em linhas gerais tenciona, com a ‘gramática gerativa’, realizar um estudo autônomo e formal da língua, ou seja, desvinculado da semântica, e com a capacidade de dar conta de regras de boa formação de todas as sentenças gramaticais de uma dada língua. Em 1963, Katz & Fodor, pela primeira vez, sugerem unir o componente semântico ao sintático em uma descrição lingüística sincrônica; já que, para os autores, a gramática torna-se equivalente à semântica. A partir disso, Chomsky deixa de lado os estudos que tratam a língua como autônoma, formal e independente da semântica e publica *Aspectos da teoria da sintaxe* (1978), obra que se trata de uma ‘gramática gerativa transformacional’, a qual mantém a autonomia do componente sintático, mas acrescenta-lhe o componente semântico.¹⁰

Os estudos de Noam Chomsky, o qual postulava que a aprendizagem da língua acontecia na mente humana de forma inata, contribuíram largamente para uma renovação nos pensamentos e pesquisas sobre os estudos psicolingüísticos. Segundo Tamba-Mecz (2006), com o advento da Lingüística Cognitiva e da noção de categorização e protótipos, obtivemos um grande avanço no estudo da Semântica e das relações de sentido, como é o caso da polissemia. Assim, a Lingüística Cognitiva toma a linguagem como um dos

⁸ Informações baseadas em *A abordagem cognitiva em semântica lexical* (SILVA, 1999)

⁹ Informações baseadas em *Princípios básicos de semântica* (CASTIM, 1983)

¹⁰ Informações baseadas em *A semântica* (MECZ-TAMBA, 2006)

domínios da cognição ligado a outros domínios cognitivos. A estrutura lingüística será conceptualizada a partir de nossa experiência com o mundo; além disso, as unidades lingüísticas estão todas sujeitas à categorização, que, muitas vezes, dá origem à estrutura que possui uma base prototípica e que é tipicamente polissêmica. A gramática, segundo a Lingüística Cognitiva, é essencialmente motivada por aspectos semânticos; e a significação trata-se de uma estrutura conceitual. A partir desses pressupostos, notamos que o cognitivismo não aceita para si a tese da autonomia lingüística, uma vez que a linguagem é o meio de que desfrutamos para conhecermos o mundo, ação esta tipicamente cognitiva. O cognitivismo rompe com os paradigmas anteriores, do estruturalismo e gerativismo, que concebiam a linguagem como autônoma, instaurando um novo modo de pensá-la.¹¹

A Lingüística Cognitiva distancia-se dos modelos formais quanto ao estudo da linguagem, entendida aqui como uma capacidade exclusivamente humana de se comunicar por meio de línguas naturais. Os formalistas consideram a existência de uma gramática universal dissociada das particularidades pertencentes a cada sistema lingüístico, além de considerar que aspectos semânticos são desvinculados dos aspectos sintáticos.

Muitos estudiosos colocaram-se contra os estudos chomskyanos, dentre eles podemos citar Charles Fillmore e George Lakoff. Tais teóricos acabaram por questionar e colocar em xeque a teoria gerativista, abrindo caminhos para uma nova visão e abordagem do fenômeno lingüístico. A Lingüística Cognitiva não trata a linguagem como um componente autônomo, isto é, a linguagem não é independente das outras faculdades mentais do ser humano. De acordo com os pressupostos cognitivistas, é preciso notar a integração existente entre o conhecimento lingüístico e o conhecimento não-lingüístico. A linguagem é o meio pelo qual conhecemos e concebemos o mundo; devido a tal motivo,

¹¹ Informações baseadas em *A abordagem cognitiva em semântica lexical* (SILVA, 1999).

não podemos separar os conhecimentos acima arrolados. É necessário, portanto, darmos maior atenção aos processos do pensamento, que são essenciais à utilização da estrutura lingüística, e a sua adequação nas situações reais e efetivas de uso da língua.

Consoante Martelotta & Palomanes (2008), a Lingüística Cognitiva leva em conta aspectos como: a captação de dados das experiências cotidianas, a compreensão e, conseqüentemente, o armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão dos dados. Segundo a Lingüística Cognitiva, estes processos concretizam-se socialmente, isto é, não estão ligados somente à mente humana. É importante notar que os cognitivistas trabalham com os indivíduos inseridos no ambiente social, diferente dos gerativistas que moldavam uma comunidade lingüística ideal.

Os estudiosos cognitivistas trabalham com fenômenos subjacentes à interação social. Por tal fato, há autores que nomeiam essa escola como sociocognitiva, haja vista que análises dessa área dão ênfase ao contexto sócio-discursivo. Cabe mencionar que a linguagem é tomada como uma forma de ação, pois através dela somos capazes de agir e interagir no mundo, participando dos diferentes papéis sociais que compõem o nosso cotidiano como seres sociais e participantes de uma comunidade.

A todo momento, diante das mais singelas atividades, coisas e objetos do dia-a-dia, criamos e recriamos fatos por meio dos processos de categorização da realidade, o que nos possibilita organizar os diversos fatos da realidade, que se apresenta de modo desorganizado. Percebemos, então, que a linguagem, segundo a concepção cognitivista, desempenha uma função integradora, considerando a captação de dados como de suma importância para a construção do significado em função das experiências sócio-culturais. Podemos inferir, baseados nos postulados cognitivistas, que nosso contato com o mundo se

dá por meio de experiências corporais e, a partir disso, as extensões de sentido são criadas. Assim, devemos entender o pensamento como algo “corporificado”, já que sua estrutura e sua organização estão ligadas à estrutura corporal do ser humano. Os principais estudiosos deste paradigma, designado Realismo Experiencial (ou Experiencialismo), são Lakoff & Johnson (1980, 1999), que postulam a idéia de mente e corpo estarem conectados, de modo que nosso sistema conceptual depende, diretamente, de nossas percepções. Tal ponto de vista mostra-se contrário ao objetivismo, que acredita que os símbolos componentes da linguagem adquirem seu significado de modo direto com o mundo físico. Para os objetivistas, o pensamento se dá de forma lógica, como um cálculo matemático. Já para os estudiosos do Experiencialismo, o nosso sistema conceptual possui suas bases nas experiências físicas e sociais. Assim, a distinção entre as coisas é feita não através da linguagem, mas por meio de nossas percepções e conceptualizações. Quando pensamos, utilizamos nosso aparato cognitivo, o qual é construído a partir das interações corporais, sendo assim, conceitos mais abstratos só são entendidos a partir de conceitos mais concretos.

A Lingüística Cognitiva considera que há uma relação icônica entre o sistema lingüístico e os demais sistemas; logo, essa teoria gramatical pretende entender as relações que se estabelecem entre as categorias lingüísticas e as categorias cognitivas.

Partindo desse postulado, estudaremos as construções resultativas com o verbo *deixar*, mostrando o modo como os falantes expressam lingüisticamente a mudança de um estado a outro, utilizando o verbo aqui analisado. Convém salientar que a mudança de estado expressa pela construção resultativa está associada a uma básica experiência corporal; por tal razão, temos como aporte teórico a Lingüística Cognitiva.

Neste trabalho, assumiremos os postulados da Lingüística Cognitiva, que propõe que a linguagem não é um componente autônomo da mente, ou seja, ela está vinculada às outras faculdades mentais. Desta forma, não precisamos distinguir o conhecimento lingüístico do conhecimento não-lingüístico, já que estão ligados entre si. Compreendemos a linguagem, através da proposta da Lingüística Cognitiva, como meio de investigação das realidades psicológicas. Tal modelo teórico demonstra a coexistência e dependência das diversas faculdades e capacidades do ser humano.

De acordo com a Lingüística Cognitiva, o homem leva até a linguagem as suas experiências sensório-motoras mais básicas. Temos, assim, uma abordagem ligada à corporeidade, isto é, as alterações que ocorrem no meio ambiente interagem com aquelas que ocorrem no organismo e no sistema nervoso. Desta forma, o mundo, com suas transformações, provoca mudanças nos sistemas dos indivíduos e, estes, conseqüentemente, sofrem e provocam outras mudanças em um processo contínuo de construção com o sistema social. A linguagem é formatada pela cognição humana, que irá buscar recursos nas percepções e peculiaridades da espécie, nas experiências mais básicas e também nas experiências culturais; estes são processos que contribuirão para a formação do conhecimento.

Nós, indivíduos, conceptualizamos o mundo com base nas nossas experiências/no que experimentamos, por tal motivo que a experiência corporal dos fatos mais básicos – como, por exemplo, mudança de estado, mudança de local, transferências - tornam-se tão importantes para este estudo. Posto o que fora supracitado, entendemos que: conhecendo a linguagem, também conhecemos o mundo, já que mundo e linguagem não se dissociam em tempo algum.

Dado o que fora supramencionado, conjugamos nesta pesquisa, sobre a resultatividade de *deixar*, pressupostos do Funcionalismo, da Lingüística Cognitiva, da Teoria da Variação e Mudança e, por conseguinte, pressupostos da teoria da Gramaticalização.

3.4 ASPECTOS RELATIVOS À GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

A Gramática das Construções, doravante GC, embasada nos pressupostos da Lingüística Cognitiva, emergiu no fim da década de 70 do século XX, nos Estados Unidos.

Há dois trabalhos que deram início ao molde da GC e que merecem destaque, pois acabaram por influenciar a teoria construcional. Fillmore (1979) escreveu um artigo¹² que tinha como objetivo analisar os idiomatismos lingüísticos, além de questionar modelos como o gerativista, em que as pesquisas são realizadas a partir de dados criados pelos estudiosos. Desta forma, Fillmore ironizou a idéia de falante/ouvinte ideal criada, estrategicamente, pelo Gerativismo e, a partir disso, instituiu a noção de falante/ouvinte inocente. O falante/ouvinte inocente é aquele que conhece diversos itens lexicais, seus respectivos significados, as regras de formação das boas sentenças; entretanto, ele não consegue dar conta das expressões idiomáticas, já que o significado destas não é acessado por meio da junção de elementos da sentença, isto é, da composicionalidade. O que torna esse falante/ouvinte inocente pouco fluente na língua é a sua incapacidade de compreender

¹² Segue adiante a referência do artigo citado: FILLMORE, Charles. Innocence: a second idealization for linguistics. In: *Proceedings of the annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California: Berkeley, 1979.

sentenças que possuam algum grau de opacidade, como, por exemplo, as implicaturas conversacionais.

Lakoff, autor que deu relevante contribuição aos estudos pioneiros da GC, também não concordava com as teorias que somente trabalhavam com a composicionalidade, já que essas não dariam conta de todas as sentenças disponíveis na língua. Desta forma, Fillmore e Lakoff vão contra os pressupostos gerativistas, mostrando que não há distinção entre léxico e sintaxe. A partir da visão desses dois autores, fenômenos considerados idiomáticos, vistos como exceções e tratados como periféricos, passam a receber a mesma atenção atribuída, antes, somente aos exemplos canônicos. Em verdade, sob este enfoque, notou-se que tanto itens considerados canônicos, quanto itens ditos periféricos, eram todos construções gramaticais pertencentes à língua e aos falantes que dela usufruem.

Já na década de 80 e 90 do século passado, trabalhos como os de Lakoff (1987), Fillmore & Kay (1993) e Goldberg (1995) construíram as bases da GC. Lakoff (1987), a partir do conceito de redes polissêmicas, formulou o conceito de redes construcionais; neste caso, em uma determinada construção básica, sempre há um elemento que funciona como núcleo da rede, de onde irradiam outras construções, que são diretamente relacionadas. Quanto ao trabalho de Fillmore & Kay (1993), os teóricos propuseram um *continuum* de especificação dos elementos, os quais formam as construções.

Goldberg, em 1995, ao lançar *A construction grammar approach to structure argument*, colaborou decisivamente para a formulação do modelo da GC. Nele, a autora dá enfoque às construções que envolvem as estruturas argumentais dos verbos. Goldberg (1995) comprovou que as construções abertas, formadas por um esquema abstrato somente, já possuem um significado próprio e inerente, o qual se complementarará por meio de elementos instanciados, os quais serão complementados, respectivamente, pelo significado

da construção. Percebe-se, neste caso, uma relação de reciprocidade entre a construção e os elementos instanciados, haja vista que elas se complementam mutuamente.

Consoante Goldberg (1995), as construções possuem forma-significado independentes dos verbos que as instanciam. Além disso, os valores semânticos de uma sentença podem ser associados a um padrão sintático específico. A Gramática das Construções recusa a noção de que a língua seja um conjunto de regras, as quais são aplicadas sobre itens lexicais. Com o advento da Linguística Cognitiva, que defende a incorporação das construções à descrição gramatical, a gramática passa a ser entendida como uma rede de construções; por conta disso, deixa-se de lado a idéia de centro e periferia, pois léxico e gramática, agora, caminham juntos. Léxico e sintaxe são componentes que não possuem uma separação discreta.

De acordo com Goldberg (1995), as construções gramaticais são as unidades básicas da língua, as quais constituem um conjunto estruturado de informações inter-relacionadas e fortemente entrelaçadas. As construções de uma determinada língua geram um conjunto organizado e sistemático; assim, as construções, que são interligadas por relações de herança, formam uma rede. Segundo a autora, o estudo das construções tem sido a base de um dos maiores avanços nos estudos de gramática. Todos os níveis lingüísticos envolvem construções, que estão presentes em todas as línguas, desde os morfemas às sentenças, sendo elas, de suma importância para um efetivo estudo da língua. A teoria de Goldberg revela-nos que as grades temático-argumentais dos verbos são construções gramaticais, ou seja, configurações formais que possuem significado próprio. Por exemplo, a construção de causa-movimento possui a seguinte estrutura: *X causa Y mudar para Z*. A forma sintática dessa construção seria SUJ + V + OBJ + Oblíquo e tal forma sintática possui um significado independente dos itens lexicais que a compõem. O significado de uma oração

como “*O riso do público colocou o pobre garoto para fora da sala.*” não é a combinação dos significados das partes das sentenças, mas é derivado, também, da construção que por si só já é dotada de significado. Goldberg (1995) conclui que as construções, independentemente dos itens lexicais particulares que as instanciam, possuem significado próprio. Tal ponto de vista implica diretamente a compreensão da polissemia.

Com base no Realismo Experiencial (ou Realismo Corporificado → teoria que adota a perspectiva de que mente e corpo estão intrinsecamente ligados, ou seja, o nosso sistema conceptual depende do nosso aparato perceptual, formando-se a partir da interação do corpo com o mundo que o circunda), Goldberg (1995) propõe a “Hipótese de Codificação das Cenas”, em que as construções, que tratam de aspectos básicos da língua, possuem padrões argumentais básicos que correspondem às experiências mais simples do homem. A estrutura sintática sem preenchimento já possui sua especificação semântica; logo, o verbo não será o único responsável pelo significado da sentença. Desta forma, a sintaxe não será projetada pelo léxico, pois, como vimos, as construções sintáticas e lexicais interagirão entre si em uma cooperação mútua de significação.

De início, convém salientar que, ao nos referirmos à GC, estamos recobrando uma gama de modelos teóricos divergentes entre si. Apesar disso, o que nos interessa neste primeiro momento é mostrar aquilo que há em comum entre as diferentes versões da gramática construcional. Podemos, então, tomar a perspectiva construcional da seguinte maneira: ela concebe a gramática como uma coleção estruturada de construções gramaticais, as quais são definidas como parâmetros de forma e significado. Assim, tal abordagem não toma a língua como um conjunto de regras aplicadas sobre itens lexicais.

A GC define as construções como uma coleção de pares de forma + significado; de acordo com esta definição, palavras, morfemas, expressões são, tecnicamente, construções.

Posto isso, compreende-se que essas unidades construcionais possuem uma configuração formal, a qual é associada a um valor semântico-pragmático específico. A tese central da GC de Goldberg é a seguinte: *sentenças básicas da língua são instâncias de construções (forma + significado) que carregam sentido independente das particularidades do verbo que lhe é instanciado.*

Essa definição, em contrapartida, pode dar a impressão, em princípio, de que há uma lista de construções gramaticais, em que todas elas teriam o mesmo formato, atribuído, normalmente, ao léxico, ou seja, seria uma lista de elementos primitivos, os quais não poderiam ser gerados a partir de regras composicionais e que precisariam ser memorizados um a um pelos usuários da língua. A proposta elaborada pelos teóricos praticantes da GC, como, por exemplo, Goldberg e Jackendoff, distancia-se um pouco dessa abordagem mais generalizada. Primeiramente, tais estudiosos defendem que as construções estão organizadas através de uma rede articulada de elementos, que demonstra a totalidade do nosso conhecimento lingüístico; isto é, não se trata de uma listagem de itens. Além disso, são consideradas construções, ocorrências que não são explicadas por regras composicionais, bem como, sentenças perfeitamente composicionais, tal como a que temos abaixo:

Ex. 17: Rodrigo deu uma caixa de bombons para Adriana.

A sentença (17) é uma possibilidade de concretização de uma construção benefactiva, a qual, como toda construção, apresenta uma composição formal específica, representada por dois SNs, um sujeito (*Rodrigo*) e um OD (*uma caixa de bombons*); além de um SPrep (*para Adriana*). Tal construção possui um valor semântico específico, a noção

de transferência de posse, tendo assim, os papéis temáticos previstos pelo *frame* de transferência.

Consoante Goldberg (1995), no início dos estudos da Gramática Gerativa, esta teoria defendeu a existência de construções na língua. Entretanto, mais tarde, destituiu-as de qualquer *status* mais relevante, tratando-as como epifenômenos, os quais deveriam ser explicados por meio de princípios mais sistemáticos. Com isso, retiraram-se os dados que apresentavam idiosincrasias do rol de estudos lingüísticos, pelo fato de estes não apresentarem regularidade, não serem fatos sistemáticos, o que gerou assim uma divisão entre léxico e gramática.

Apesar disso, a Lingüística Cognitiva tem retomado os estudos sobre as construções, incorporando-as à descrição gramatical. Como sabemos, a tese central da GC está relacionada à premissa de que há uma arquitetura gramatical específica, isto é, a gramática é vista como uma rede de construções. Por tal motivo, deixa-se de lado a distinção, antes estabelecida, entre gramática e léxico, já que a GC toma a gramática como uma rede de construções, constituída de uma arquitetura gramatical específica. Morfemas, palavras, fórmulas conversacionais, dentre outros, comporão a gramática da língua em questão.

Goldberg (1995) formulou a hipótese de que “as grades temáticas dos verbos são construções gramaticais”, isto é, configurações formais detentoras de um significado próprio. Contrariamente aos pressupostos gerativistas, que caracterizam a construção como um epifenômeno, conseqüência da aplicação de regras sintáticas, Goldberg dá ênfase às construções gramaticais que, para ela, podem ser concebidas como entidades teóricas.

Consoante Goldberg (1995), o conhecimento lingüístico não se dissocia do conhecimento de mundo, visto que, segundo a autora, o conhecimento da linguagem é fruto

de uma série de fatores, tanto internos ao universo lingüístico, quanto externos a ele. Entendemos que as construções lingüísticas, que são estruturadas e possuem um conjunto de redes de informação e associações, ligam-se a um conjunto de redes semânticas, através do qual o falante se orienta no processo de interação comunicativa. As construções gramaticais, unidades básicas da linguagem definem-se da seguinte maneira:

“C será uma construção, se C for um par de forma-significado <F1, S1>, em que os aspectos de F1 ou S1 não sejam previsíveis por meio das partes que compõem outras construções previamente estabelecidas.”¹³

Baseados na perspectiva construcional, notamos que a própria estrutura sintática já possui especificações semânticas, independentemente do seu preenchimento lexical. Com isso, o verbo não é o único elemento capaz de contribuir com o significado final da oração, haja vista que a função sintática atua junto da função semântica. Segundo o modelo goldbergiano, a sintaxe não é projetada pelo léxico. Tal modelo propõe um novo cenário para análise de expressões lingüísticas no qual a construção sintática e a construção lexical interagem, colaborando uma com a outra sob a regulação de princípios específicos.

Não obstante, cabe ressaltar que o item lexical contribui, significativamente, na construção do significado. Entretanto, uma abordagem que toma o léxico como único contribuinte para o sentido da sentença, torna-se falha em muitos casos da língua, já que a

¹³ “C is a construction if C is a form-meaning pair <Fi Si> such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established construction.” (GOLDBERG, 1995, p. 4)

significação é constituída por duas vias, ou seja, da construção para o constituinte e do constituinte para a construção.

Para Goldberg, parte da estrutura do verbo determinará os papéis participantes, que são bastante diferentes dos papéis associados à construção. De acordo com a autora, o papel argumental é especificado pelo pólo semântico das construções de estrutura argumental, os quais correspondem a papéis temáticos mais gerais. Tal idéia foi postulada por Fillmore (1977) e inclui papéis tais como: agente, paciente, etc. Por outro lado, o pólo formal da construção irá prever o número de argumentos que o comporá e, também, a relação gramatical de cada um. Vale comentar sobre uma distinção importante entre papéis participantes e papéis participantes perfilados. De acordo com a autora, os papéis participantes são aqueles presentes no *frame* do verbo; já os papéis participantes perfilados são aqueles que precisam aparecer expressos lingüisticamente. Por exemplo:

Ex. 18: Rodrigo encaixotou a mobília.

Ex. 19: Sílvio Santos arremessou dinheiro para a platéia.

Em (18), *Rodrigo* guarda o papel argumental de ‘agente’ e o papel participante de ‘encaixotador’. Em (19), *Sílvio Santos* exerce tanto o papel argumental de ‘agente’, como o papel participante de ‘arremessador’, o qual é previsto pelo esquema verbal.

Conforme Goldberg (1995), tanto os nomes quanto os verbos terão de determinar lexicalmente que aspectos de sua estrutura semântica serão necessariamente colocados em um perfil. Os papéis participantes perfilados são aqueles designados e obrigatoriamente acessados, tendo, assim, como função focar uma parte determinada da sentença, dando

destaque àquela parte da cena. Em sua obra, a autora utiliza um exemplo ilustrativo que convém ser analisado, a fim de esclarecermos melhor tal assunto. Goldberg faz uso dos verbos *rob* (roubar) e *steal* (furtar). Embora esses verbos apresentem uma aparente sinonímia, notamos que há uma diferença semântica com base no fato ocorrido, naquilo que é designado. Vejamos os seguintes exemplos:

Ex. 20: O assaltante roubou a Adriana.

Ex. 21: O assaltante furtou a bicicleta (da Adriana).

Em (20), *o assaltante* e o alvo (*Adriana*) são os elementos designados; já em (21), os elementos focados com maior destaque são *o assaltante* e *a bicicleta*. Goldberg usou os verbos *rob* e *steal* para exemplificar seu trabalho, mas, se pensarmos em dados da Língua Portuguesa, tal como na Língua Inglesa, os verbos *furtar* e *roubar* são usados como sinônimos no cotidiano lingüístico. A distinção do significado desses dois verbos, usados habitualmente como sinônimos, se faz muito mais no nível jurídico, haja vista que a Legislação Penal brasileira trata o roubo e o furto como crimes diferentes. Segue adiante uma ilustração, baseada na proposta de Goldberg, para exemplificar as diferentes designações/ participantes dos verbos *rob* e *steal*.

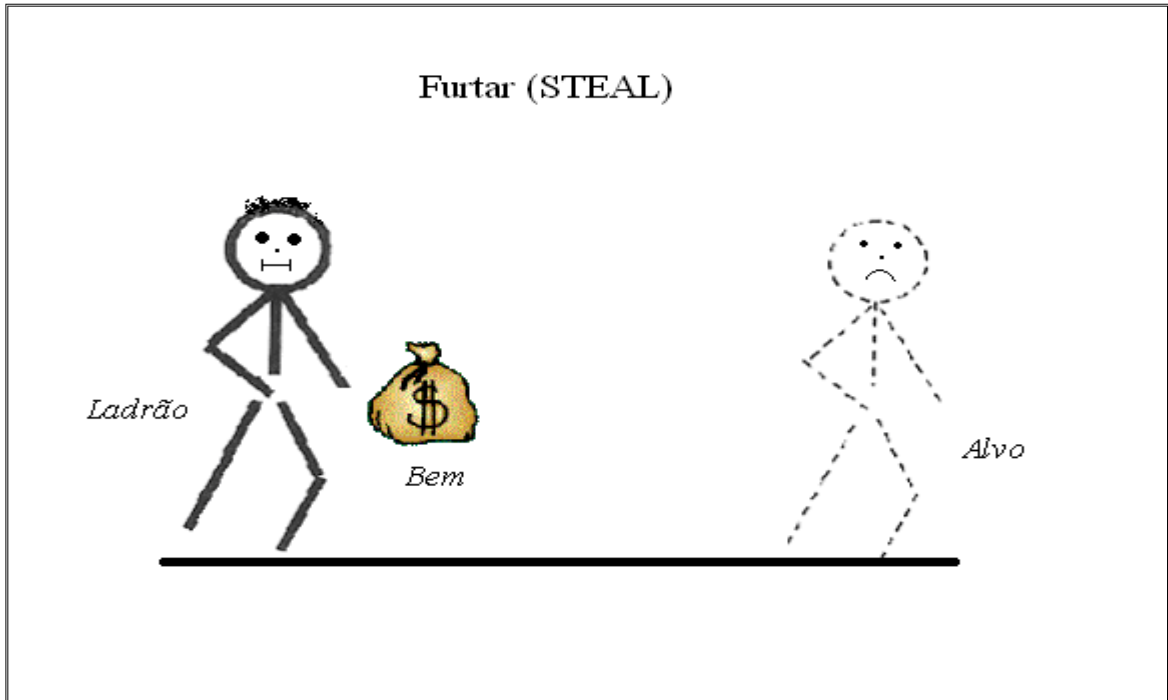


Figura 1: Quadro baseado na proposta de GOLDBERG (1995) para ilustrar a distinção semântica entre os verbos *rob* e *steal* → com foco em *steal*.

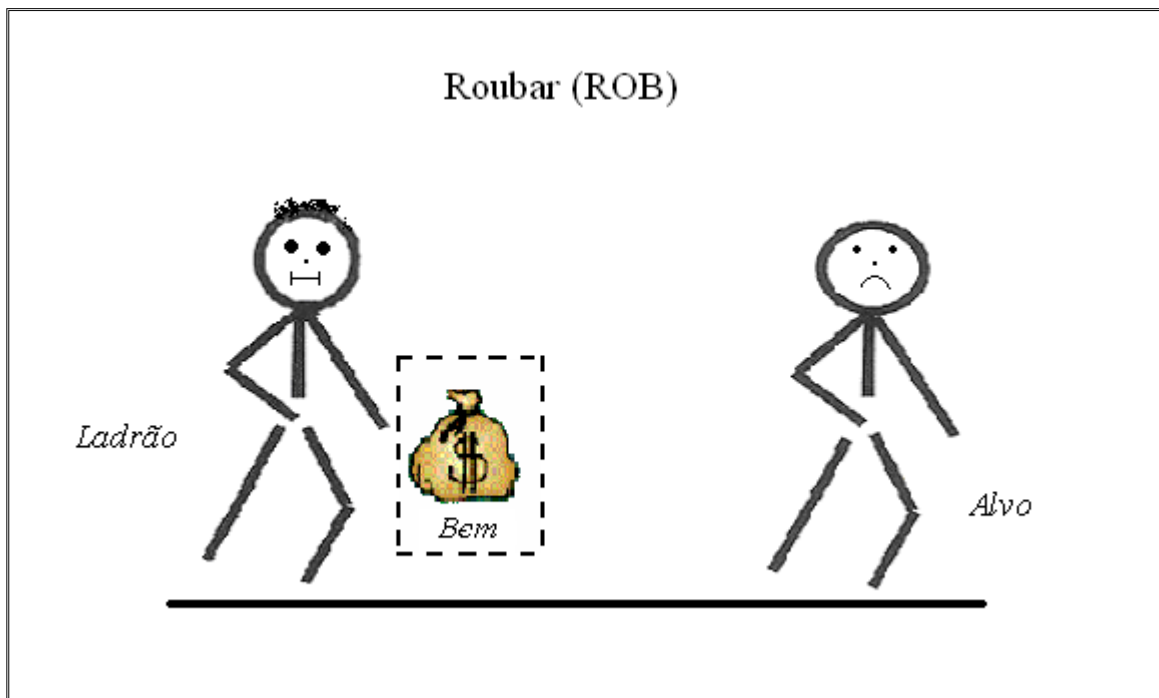


Figura 2: Quadro baseado na proposta de GOLDBERG (1995) para ilustrar a distinção semântica entre os verbos *rob* e *steal* → com foco em *rob*.

Vale comentar que, assim como os itens lexicais, as construções também especificam quais serão os elementos que funcionarão como papéis participantes perfilados, ou seja, de acordo com Goldberg (1995), os argumentos ligados diretamente com a relação gramatical serão designados pela construção. No que tange ao conceito de designação construcional, entendemos que as funções gramaticais diretas designarão papéis particulares, que serão, semanticamente, relevantes ou terão importância no discurso. Notamos, então, que as construções designam o modo como os verbos se aliarão a elas, além de determinar o modo como um dado evento proposto pelo verbo se unirá ao tipo de evento determinado pela construção.

Goldberg, pensando no *princípio da coerência semântica* e no *princípio da correspondência* afirma que um verbo, fazendo parte de uma classe de verbos, a qual é normalmente associada à dada construção, pode ter seus papéis semanticamente fundidos com os papéis que fazem parte da estrutura argumental da construção.

De acordo com o *princípio coerência da semântica*, só poderão ser fundidos os papéis que forem compatíveis semanticamente. Goldberg (1995), em sua obra, declara:

Somente papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Dois papéis X_1 e X_2 são semanticamente compatíveis, se X_1 puder funcionar/ ser construído como uma instância de X_2 , assim como X_1 puder funcionar/ ser construído como uma instância de X_1 .¹⁴

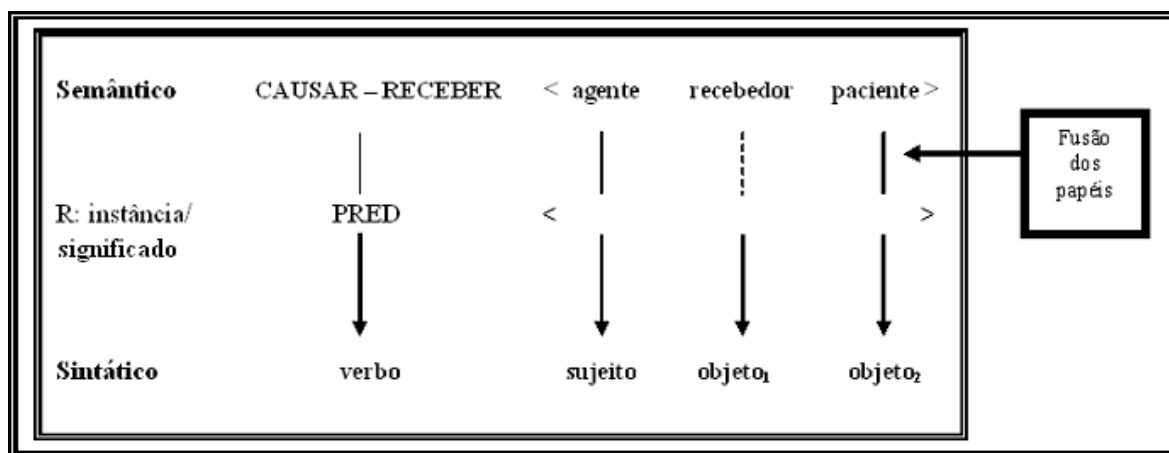
¹⁴ “Only roles which are semantically compatible can be fused. Two roles r_1 e r_2 are semantically compatible if either r_1 can be construed as an instance of r_2 , or r_1 can be construed as an instance of r_1 . (GOLDBERG, 1995, p. 50)

Vejam a sentença abaixo:

Ex. 22: Rodrigo doou sangue para um amigo.

Nessa sentença *Rodrigo* tem papel tanto de ‘doador’, quanto de ‘agente’; desta forma, tais papéis, o de participante da estrutura e o de ‘agente’ da construção, podem ser fundidos. Já por meio do *princípio da correspondência*, vimos que os papéis participantes, que são especificados lexicalmente, devem ser fundidos com um papel argumental designado pela construção. Percebemos que Goldberg busca uma compatibilidade entre a construção e os elementos que a instanciam, o que desfaz possíveis aleatoriedades na construção de sentido de uma sentença.

Abaixo, segue o quadro goldbergiano que demonstra a fusão dos papéis participantes (dos verbos) com os papéis argumentais da construção.



Quadro 1: Fusão dos papéis semântico e sintático, baseado em Goldberg (2005, p. 50).

Goldberg (2006) comenta, ainda, sobre os papéis argumentais que podem não ser associados a nenhum papel participante. Essa proposta explica o constituinte SP em sentenças do tipo:

Ex. 23: Adriana fez um bolo [para sua mãe].

Ex. 24: Rodrigo comprou um presente [para sua sogra].

Tais sentenças, (23) e (24), podem gerar, a depender do enfoque, dúvidas quanto à categorização, uma vez que é possível considerar os SPreps como nucleares, analogamente ao OI de orações como (25), haja vista que há uma semelhança evidente entre elas, ou, ainda, categorizá-los como adjuntos, já que não preencheriam papel projetado lexicalmente pelo verbo.

Ex. 25: Adriana deu um presente para Rodrigo.

Na teoria de Goldberg, tal impasse deixa de existir, pois, quando *fazer/comprar* instancia a construção bitransitiva, não ocorre a fusão do papel de ‘recipiente’ a nenhum participante, pois esses verbos prevêm apenas o papel de ‘agente/paciente’. Diferentemente, o verbo *dar* já prevê três papéis participantes, são eles: ‘doador/ coisa doada/ recebedor’ e três papéis construcionais ‘agente/ paciente/ recipiente’.

Goldberg (2006), em relação a este assunto, propõe uma combinação de quatro possibilidades lógicas, importante para o que fora abordado. Segundo a autora, primeiramente, podemos pensar no caso prototípico dessas situações em que um constituinte corresponde tanto ao papel argumental da construção quanto ao papel

argumental do verbo. Nestes casos, o constituinte sempre será um argumento e não um adjunto, como em (26) e (27).

Ex. 26: Edmundo chutou (*a bola*)^{Arg}.

Ex. 27: O assaltante matou (*o policial*)^{Arg}.

Outra possibilidade cuida dos sintagmas que não correspondem a um papel argumental previsto pela construção, nem a um papel previsto pelo verbo. Neste caso, sempre teremos, indubitavelmente, adjuntos, como em:

Ex. 28: Jogaremos boliche (*à tarde*)^{Adjunto}.

Ex. 29: Sue estuda literatura (*na escola*)^{Adjunto}.

Como penúltima possibilidade temos os casos em que o elemento sintático não é designado pelo verbo, mas corresponde a um papel argumental da construção, como em (24). Por último, como quarta possibilidade, temos os casos em que um elemento sintático corresponde a um papel participante do verbo, mas não a um da construção, como em (30), em que *na mesa* é um oblíquo previsto pelo verbo, ou seja, ele seria um argumento vindo por parte da contribuição verbal:

Ex. 30: Adriana pôs a panela (*na mesa*)^{Obi}.

❖ VANTAGENS DA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Segundo Lakoff (1980), a nossa experiência física relaciona-se com as estruturas semânticas, as quais refletem cenas básicas da experiência humana e norteiam a configuração morfosssintática de expressões lingüísticas. Com isso, adquirimos esquemas imagéticos que colaborarão para a significação da linguagem. Para a GC, as experiências sensorio-motoras são fundamentais para compreendermos a construção de transferência, em que X voluntariamente pode transferir Y para Z, ou a construção de mudança, em que X faz com que Y mude de estado/lugar/condição, etc. Sentenças como (31) e (32) fazem-nos notar que percebemos o mundo fisicamente, por meio de nossos sentidos. Tal fato, revela-nos que estruturamos as construções lingüísticas a partir do que experienciamos. Portanto, a língua não está dissociada do conhecimento de mundo, mas está integrada a ele.

Ex. 31: Armando deu um conselho à filha.

Ex. 32: Beth deixou Armando feliz.

Goldberg apresenta quatro princípios vantajosos em relação à apropriação da teoria da GC, para a descrição/explicação dos fatos lingüísticos, que passam a ser apresentados:

I) Princípio que versa sobre os sentidos implausíveis

O primeiro princípio versa sobre a seguinte vantagem: não é preciso estabelecer que algum verbo em certos contextos tenha sentido implausível/estranho. Goldberg (1995) exemplifica este princípio a partir da oração (33), que traduzimos como “Ele espirrou o guardanapo para fora da mesa”.

Ex. 33: *He sneezed the napkin off the table.*

Tal sentença não será concebida como tendo sentido implausível, pois, automaticamente, a enquadrámos na construção de movimento causado, em que X (Ele) causa (espirrar/movimento de ar) Y (o guardanapo) mover-se para Z (para fora da mesa). A partir disso, o verbo *espirrar* que, em princípio, é intransitivo, possuindo um único participante com configuração sintática de sujeito, continua na abordagem construcional sendo concebido como verbo intransitivo, o qual pode instanciar uma construção transitiva. Desta forma, o sentido transitivo é dado pela construção não pelo verbo *espirrar*. Assim, de acordo com a abordagem construcional, não precisamos considerar o verbo como sendo transitivo; no caso, ele somente instancia uma construção transitiva. No exemplo (33), a hipótese de implausibilidade estaria fundamentada, também, na idéia de que, semanticamente, seria considerado impossível alguém *espirrar* um *guardanapo*, entretanto a construção em que esse verbo se insere é que proporciona essa significação. Com a abordagem construcional, admitimos a sentença como plausível, já que, na construção (de movimento causado) em que ela se inseriu, esse significado é proporcionado.

Outro exemplo para melhor ilustrar esse princípio seria uma predicação com o verbo *deixar* em uma sentença como (34), em que esse item lexical manifesta sua acepção prototípica, isto é, *largar/abandonar* descrita por muitas obras lexicográficas, e, por exemplo, pelo *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*.

Ex. 34: Fabiano *deixou* a esposa e os filhos.

Ex. 35: Esta música *deixa* Sara triste e melancólica.

Em (35), a acepção *largar/ abandonar* já não é válida e passamos a entender esse verbo como *fazer com que fique em certo estado/ condição*. Nessa construção, poderíamos entender o verbo como tendo um sentido implausível, mas, pela teoria construcional, o que nos permite compreender *deixar* como um verbo com a acepção *fazer que fique/ tornar é* a construção resultativa na qual a sentença está inserida. Essa teoria contribui, então, para que se evitem “os sentidos implausíveis”. Na obra de 1995, Goldberg afirma que fazemos associações - de movimento causado, resultativas, transferenciais, dentre outras -, as quais nos permitem compreender a variação de sentido em casos como o supracitado.

Podemos entender o esqueleto da construção bitransitiva, como associada diretamente com os papéis agente, paciente e receptor e, então, associar a classe de verbos de criação com a construção bitransitiva.¹⁵

II) Princípio que versa sobre a circularidade

Uma outra vantagem da teoria construcional é que se evita a circularidade de uma análise resultante da idéia difundida de que a sintaxe é projeção do léxico e que seriam os verbos que determinariam o número e o tipo de complementos/ argumentos. Ou seja, um verbo “esperaria” um determinado número e tipo de elementos para instanciá-lo. Partindo dessa idéia, um verbo seria capaz de ter diversas grades argumentais, que, conseqüentemente, geraria diferentes configurações sintáticas. A circularidade estaria

¹⁵ “(...) we can understand skeletal construction to be capable of contributing arguments. For example, we can define the ditransitive construction to be associated directly with agent, patient and recipient roles, and then associate the class of verbs of creation with the ditransitive construction.” (GOLDBERG, 1995, p. 10)

estabelecida se tomássemos X como um verbo que pudesse ocorrer com uma construção de n-elementos. A partir dessa interpretação, teríamos problemas para entender, por exemplo, o verbo *deixar* em diferentes contextos sintáticos, tais como:

Ex. 36: Romário deixou o campo. (*sair de*)

Ex. 37: O caçador deixou a presa. (*largou*)

Ex. 38: Beto deixou a mulher. (*abandonar*)

Ex. 39: O time do Botafogo deixou a torcida enlouquecida. (*fazer com que fique – em certo estado/ condição*)

O verbo *deixar*, nos exemplos (36), (37) e (38), apresenta a mesma regência e a mesma grelha argumental. Não obstante, fica explícito que os sentidos das sentenças são diferentes. Já em (39), o verbo *deixar* apresenta configurações sintática e semântica diferentes dos exemplos (36), (37) e (38), devido ao fato do verbo integrar um outro tipo de construção, no caso, a construção resultativa. Pautados na abordagem construcional, entendemos que não é o verbo, por si só, que determinará quais serão seus argumentos. Com isso, conseguimos dar conta da multiplicidade de sentidos e configurações sintáticas do verbo.

A GC trata as sentenças como instâncias que representam as construções básicas da língua, as quais refletem as experiências humanas. Assim, os verbos terão x-complementos, de acordo com as construções em que estão enquadrados, baseados em uma relação em que, seja compatível, o item lexical com a construção.

Assim sendo, não cabe mais afirmar que, a cada nova configuração sintática, temos novo sentido, uma vez que este se dá devido à interação entre os significados do verbo e, também, o da construção.

III) Princípio que versa sobre a economia semântica

Os exemplos arrolados acima ilustram a terceira vantagem da abordagem construcional. Para a autora, os inúmeros sentidos adquiridos pelos verbos em diferentes contextos não se dão por idiosincrasia verbal. Para ela, a diferença de significado do verbo é fruto da integração do sentido do verbo mais o sentido da construção, na qual o verbo, por compatibilidade mútua, se enquadra. Um verbo como *deixar*, consoante o *Novo Dicionário de Língua Portuguesa* (1985), possui mais de 40 acepções registradas. Vejamos algumas delas:

Ex. 40: A mãe desnaturada deixou seus filhos. (*abandonar, desprezar*)

Ex. 41: No meio da revolução, o combatente deixou os companheiros. (*separar-se; apartar-se*)

Ex. 42: Os noivos deixaram a pátria, rumo à lua de mel. (*ausentar-se*)

Ex. 43: O aluno deixou a sala. (*sair de; afastar-se; retirar-se*)

Ex. 44: O deputado deixou o cargo depois de tantos escândalos. (*desistir de; renunciar a*)

Dado o exposto, não consideramos que uma mesma forma verbal tenha diferentes sentidos e que apreendemos tais acepções ao longo da vida.

IV) Princípio que versa sobre a composicionalidade

O quarto argumento de Goldberg, que propõe mais uma vantagem da GC, trata da composicionalidade. Em outros modelos, a base da análise semântica está na concepção de composicionalidade: para entendermos o significado da sentença é preciso compreender a soma dos significados dos itens lexicais que a constituem, mais o significado da construção. Vejamos a seguinte sentença:

Ex. 45: Rodrigo deixou na mão o sogro./ Rodrigo deixou o sogro na mão.

Para processarmos o significado dessa sentença, há uma série de processos cognitivos envolvidos. O simples fato de conhecermos cada item lexical da oração não nos possibilita sua compreensão, portanto é necessário que entendamos os significados dos itens lexicais em associação ao significado construcional. Para um usuário da língua ser considerado eficiente, ele precisará conhecer essa soma de significados.

Os dois últimos argumentos expostos por Goldberg estão ligados à Psicolinguística e comprovam duas hipóteses, quais sejam: o processamento da sentença e a aquisição da linguagem por crianças. No que tange aos estudos sobre o processamento da sentença, é importante ressaltar que um verbo se moldará à construção na qual ele for instanciado. Vejamos as sentenças:

Ex. 46: Ivete deixou a sala.

Ex. 47: Ivete deixou o marido.

Ex. 48: Ivete deixou o emprego.

Em (46), (47) e (48) o verbo *deixar*, essencialmente, não possui alterações significativas, uma vez que temos um elemento X que aplica uma ação em relação à Y, a fim de se desvincular dele. Apesar de haver um mesmo sentido central, fica claro que há nuances diferentes para cada um deles. Em (46), temos a idéia de *afastar-se*, *ausentar-se*; já em (47), temos o sentido de *abandonar*, *desprezar*; enquanto, em (48), temos a acepção de

renunciar /desistir/ exonerar-se do emprego. Tais exemplos figuram nuances diferentes como resultado das construções em que estão enquadrados.

No que diz respeito à aquisição da linguagem, a criança assimila diferentes sentidos para um mesmo item, baseada nas situações em que ela observa o item, neste caso, as construções. Por conseguinte, o falante apropria-se do idioma não pelo léxico, mas pelas construções pertencentes a ele.

Dado o exposto, inferimos que a língua possui um conjunto de construções que exprimem nossas relações mais básicas com o mundo, tais como: transferência, posse, deslocamento, mudança de estado e movimento. Assim, conhecer a linguagem é conhecer o mundo.

❖ TIPOS DE CONSTRUÇÕES

Goldberg (1995) lista em sua obra cinco tipos de construções básicas do inglês: bitransitivas, movimento causado, resultativas, movimento intransitivo e conativas. A seguir, veremos alguns detalhes de cada uma; entretanto, daremos maior atenção às resultativas.

D) Construções bitransitivas

Uma construção bitransitiva é aquela que possui o seguinte valor: X causa Y receber Z, em que X é o ‘agente’, Y o ‘paciente’ e Z ‘o recipiente’. Sintaticamente, temos X ‘sujeito’, Y como o OBJ₁ e Z como o OBJ₂. Abaixo, temos um quadro que mostra a representação argumental da construção bitransitiva.

Semântico	CAUSAR – RECEBER	< agente	recedor	paciente* >
R: instância/ significado	R PRED			
	↓			
Sintático	verbo	sujeito	objeto ₁	objeto ₂
Ex. 49:	Dar (<i>deu</i>)	<i>Vovó Janete</i>	<i>um presente</i>	<i>sua netinha</i>
Ex. 50:	Enviar (<i>enviou</i>)	<i>Rodrigo</i>	<i>uma carta</i>	<i>Adriana</i>
Ex. 51:	Receber (<i>recebeu</i>)	<i>Adriana</i>	<i>uma carta</i>	<i>Rodrigo</i>
Ex. 52:	Comprou (<i>comprou</i>)	<i>Rodrigo</i>	<i>flores</i>	<i>Adriana</i>
*Paciente/ beneficiário				

Quadro 2: Representação das construções bitransitivas, baseado em Goldberg (2005, p. 51).

No quadro anterior, PRED é a variável que será preenchida quando a construção for instanciada; onde há os símbolos < >, serão preenchidos os papéis participantes do verbo instanciado; a linha pontilhada representa um papel argumental que poderá ser designado ou não.

Tal construção possui caráter universal, tendo em vista que essa experiência de transferencialidade se dá universalmente, já que é um processo vivenciado fisicamente.

Ex. 49: Vovó Janete deu um presente a sua netinha.

No exemplo (49), temos *Vovó Janete* como sujeito, *um presente* como OBJ₁ e *a sua netinha* como OBJ₂. Outras sentenças podem ser enquadradas nesse mesmo esquema, desde sentenças mais básicas a versões mais complexas. Vejamos mais alguns exemplos:

Ex. 50: Rodrigo enviou uma carta para Adriana.

Ex. 51: Adriana recebeu uma carta de Rodrigo.

Ex. 52: Rodrigo comprou flores para Adriana.

Em (50) o ato que envolve o verbo *enviar* pressupõe um ‘enviador/ destinatário/ algo enviado’, o que pode ser esquematizado como: < enviador/ destinatário/ objeto enviado >. O mesmo ocorre em (51) e (52), pois todas essas construções possuem um destinatário. Assim, elas seguem o padrão < quem faz >, < objeto > e < beneficiário >. É importante ressaltar que verbos como *dar*, *enviar*, *receber*, *comprar* instanciam a construção bitransitiva, ocorrendo uma fusão entre os papéis temáticos e os papéis participantes do verbo. Tal fusão se dá devido a dois princípios já vistos: o princípio da coerência semântica e o princípio da correspondência. A partir do postulado desses princípios, para que um item faça parte de uma seqüência sintática, é necessário que ele corresponda a um papel previsto na configuração da construção. Apesar disso, consoante Goldberg(1995), um participante poderá estar previsto, mas não ser designado, o que pode

ocorrer por diferentes razões, são elas: *sombreamento*, *corte*, *absorção de papel*, *complemento nulo*.

O *sombreamento* ocorre quando um dos elementos da sentença é omitido, isto é, “posto na sombra”, como é o caso de (53). Nessa oração, o recipiente foi sombreado: poderia estar presente, mas não apareceu. Sem dúvidas, poderíamos ter a mesma sentença com um recipiente designado, como em (54).

Ex. 53: A moça distribui panfletos.

Ex. 54: A moça distribui panfletos aos transeuntes.

O segundo motivo para um elemento não ser designado na sentença é chamado *corte*. Ele ocorre quando a construção não admite um papel argumental previsto pelo verbo. Por exemplo, em (55), o verbo *rasgar*, que prevê um ‘rasgador/ alguém que rasga’ e um ‘objeto rasgado’ figurou em uma construção inacusativa, pois o papel argumental de ‘agente’ não era previsto pela construção e, com isso, foi cortado.

Ex. 55: O vestido da noiva rasgou.

Outra razão para um argumento não ser determinado é chamado *absorção de papel*. Ocorre a absorção quando, em uma construção reflexiva, um papel é absorvido pelo outro, fundindo-se em um único papel argumental, o que gerará um único termo sintático. Em (56), temos uma construção ‘desreflexivizada’, como foi chamado e analisado por Pulhiese (2004); nela, o verbo que previa dois participantes, ‘alguém que arruma’ e ‘algo que é arrumado’, teve os mesmos fundidos em um só elemento.

Ex. 56: Adriana arrumou e ficou aguardando seus pais.

A última razão para não ocorrer a designação de um argumento se dá quando há um *complemento nulo*, ou seja, quando a identidade do referente é indefinida, não se conhece ou é irrelevante. Em (57), o que foi ‘comido’ tornou-se indefinido, tendo em vista que não foi designado lexicalmente. Apesar disso, o complemento nulo pode ser definido quando conseguimos recuperá-lo por meio do contexto, como em (58), em que na sentença o objeto não foi explícito; entretanto, sabemos que o time não ganhou ‘o jogo’.

Ex. 57: Adriana e Rodrigo comeram muito no rodízio.

Ex. 58: O Botafogo perdeu.

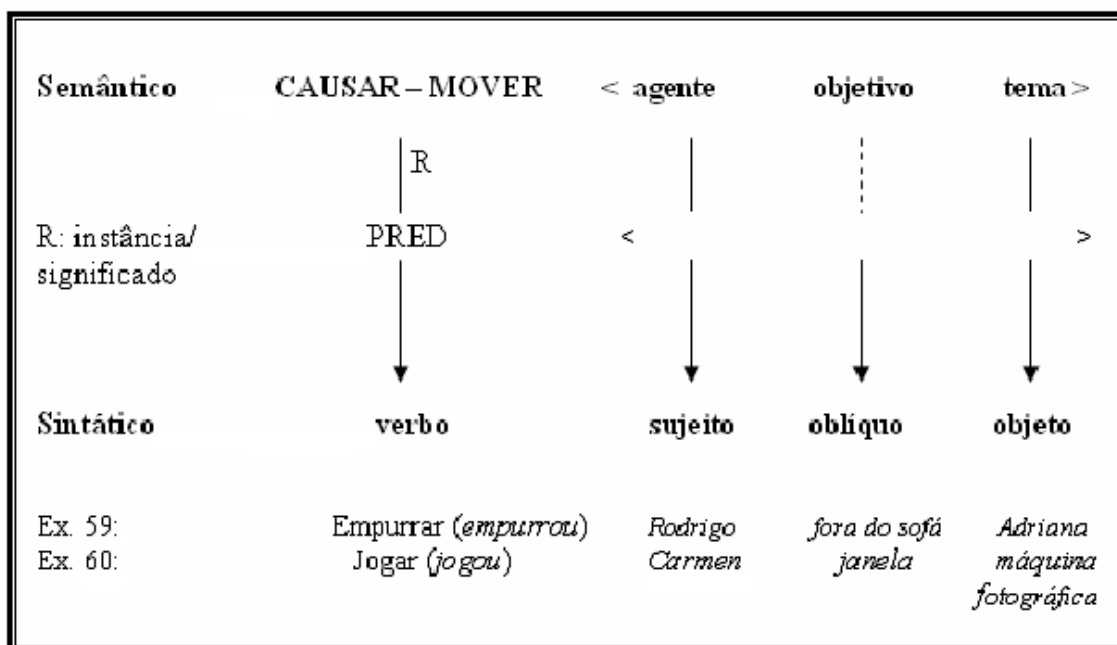
II) Construções de movimento causado

As construções de movimento causado, apresentadas por Goldberg como construções básicas da língua, possuem a seguinte configuração: X causa Y mover-se para Z, o que sintaticamente é representado por um ‘sujeito’ que faz com que o ‘OBJ’ se mova para um ‘lugar/direção’. Diferente das construções bitransitivas, que selecionam ‘agente/ tema/ beneficiário’, as construções de movimento causado selecionam um ‘causador/ tema/ oblíquo’. Por exemplo, em (59) *Rodrigo* é o ‘causador/agente’, *para fora do sofá* é o ‘oblíquo’ e *Adriana* é o ‘tema’. Em (60), temos *Carmem* como ‘causador/agente’, *pela janela* é o ‘oblíquo’, que desempenha o papel temático de alvo/objetivo e *a câmera fotográfica* é o ‘tema’.

Ex. 59: Rodrigo empurrou Adriana para fora do sofá.

Ex. 60: Carmem jogou a câmera fotográfica pela janela.

Goldberg (1995) apresenta o seguinte esquema para ilustrar a representação sintático-semântica das construções de movimento causado:



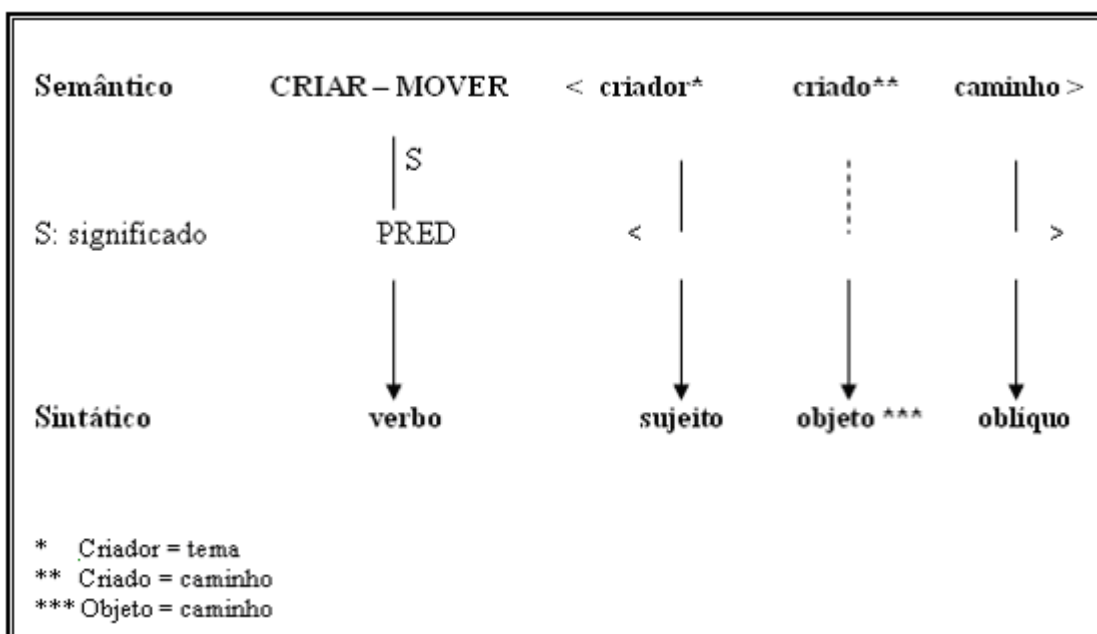
Quadro 3: Representação das construções de movimento causado, baseado em Goldberg (1995, p. 52).

III) Construções de movimento intransitivo

As construções de movimento intransitivo são do tipo X move-se em Y, em que X é o sujeito e Y algum lugar. Em relação a esse tipo de construção, podemos analisar o exemplo (61).

Ex. 61: O mosquito zumbia/voava no escritório.

Para GOLDBERG, a intenção desse exemplo é evidenciar que o sentido da sentença é dado duplamente e não somente pelo verbo, o qual contribui com informações que serão necessárias para atestar a compatibilidade ou não entre a construção e a forma verbal. Para a autora, *voar/ zumbir* se enquadra nas construções de movimento intransitivo. Apesar de a obra não se alongar muito nesse tipo de construção, foi proposto um quadro esquemático relacionado às construções de movimento intransitivo, que pode ser visto logo abaixo.



Quadro 4: Representação das construções de movimento intransitivo, baseado em Goldberg (1995, p. 207).

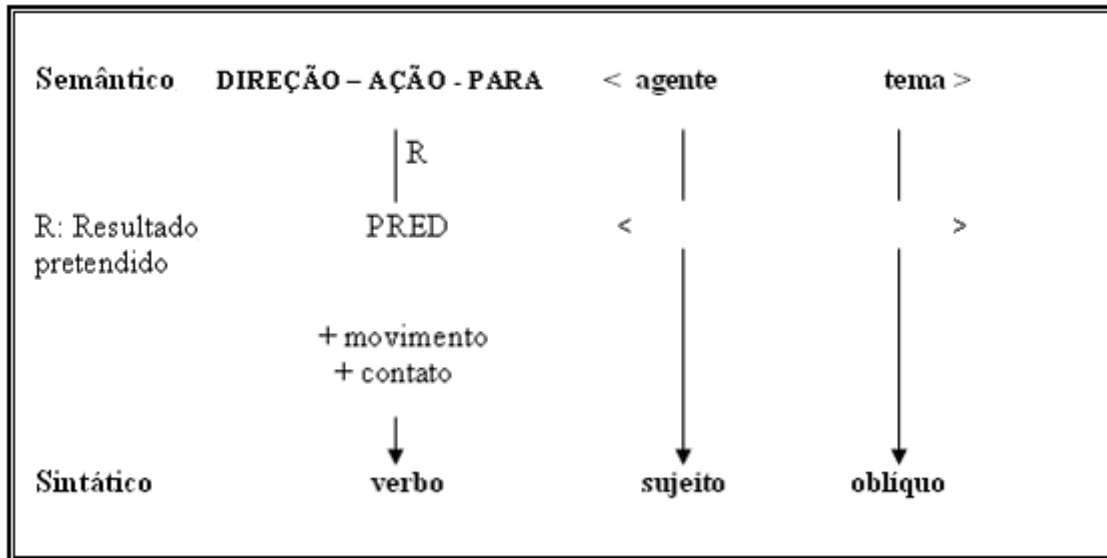
IV) Construções conativas

As construções conativas dão conta de sentenças do tipo: X direciona uma ação para Y, em que X é o 'sujeito', que tem caráter agentivo, e Y é o 'obliquo', que poderá ser 'algo/alguém'. Tal construção pode ser observada em exemplos como (62) e (63).

Ex. 62: Armando chutou para Rodrigo.

Ex. 63: O policial atirou no assaltante.

Além disso, GOLBERG propõe o seguinte quadro esquemático:



Quadro 5: Representação das construções conativas, baseado em Goldberg (1995, p. 63).

V) Construções resultativas

As construções resultativas dizem respeito às construções do tipo X causa Y tornar-se Z, em que X é o ‘sujeito’ que causará o ‘objeto’ Y mudar de estado/ condição, tornando-se Z, o ‘resultado’. Por conta deste processo, tais construções se chamam resultativas.

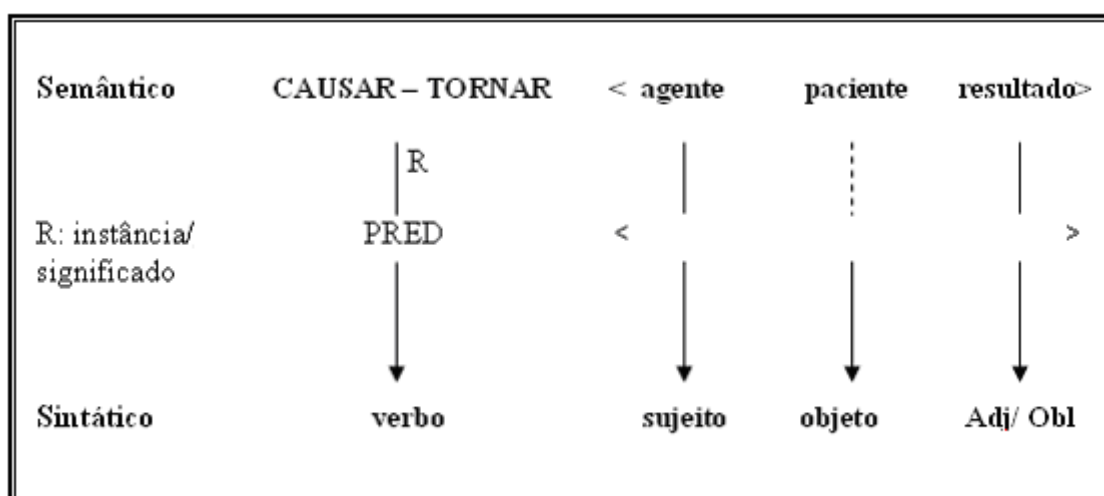
Vejamos o exemplo:

Ex. 64: Souza: Tímido no primeiro tempo, quase sem função, foi substituído no segundo. Nota 4. Alex Teixeira **deixou** (*fazer com que fique em certo estado*) o time um pouco mais ofensivo. Nota 5. Morais: Muito marcado, conseguiu criar alguma

coisa. Mais caiu muito no segundo tempo. Nota 5,5. [Jornal O Globo, p. 39, 17.04.2008, Esportes]

Nesse exemplo, a ação de *Alex Teixeira* resulta em uma mudança de estado do item (*o time*) em relação ao momento anterior (menos ofensivo): *um pouco mais ofensivo*.

Goldberg (1995) propõe este quadro esquemático para as construções resultativas:



Quadro 6: Representação das construções resultativas, baseado em Goldberg (1995, p. 189).

Após apresentarmos as construções propostas por Goldberg (1995), vale salientar o trabalho de Silva (2001), que ao tratar das construções básicas da Língua Portuguesa, dá conta das mesmas construções analisadas por Goldberg (1995), excetuando-se as conativas, pois, para o autor, esta se trata de uma bitransitiva transferencial, que omite o objeto transferido. O autor, ainda, chama a atenção para esta transferência de algo material, a qual pode ser compreendida, metaforicamente, como uma transferência abstrata, perceptual. Vejamos alguns exemplos, a fim de ilustrar tal assertiva de Silva (2001).

Ex. 65: O pai de Rodrigo deu um carro para Mariana.

Ex. 66: Beth dedicou a vida ao trabalho religioso.

Em ambas as sentenças, (65) e (66), observamos a transferência de algo, sendo que em (65) o bem é material; já em (66), estamos tratando de algo abstrato.

4. METODOLOGIA

4.1 MATERIAIS DE PESQUISA

A análise que se faz das construções resultativas com *deixar* está fundamentada em dois tipos de materiais: (i) dados coletados em *corpus* escrito e (ii) dados de percepção e avaliação subjetiva em relação aos usos de certas construções, obtidos por meio da aplicação de metodologia de testes de atitudes. São analisados 1032 dados da escrita jornalística fluminense, além de 250 testes de atitudes, os quais foram aplicados a estudantes e professores do estado do Rio de Janeiro.

4.1.1 DADOS DE COMPORTAMENTO OBSERVÁVEL EM *CORPUS* ESCRITO

Os dados escritos foram retirados de alguns gêneros textuais dos jornais *O Globo* e *Extra*, perfazendo um total de 1032 ocorrências, sendo 525 do jornal *O Globo* e 507 do jornal *Extra* num total de 2580 textos pesquisados.

No cômputo geral de 1032 ocorrências, há 700 dados referentes a casos em que o verbo *deixar* funciona ou como verbo predicador (pleno → *deixou a família (abandonar)* e não-pleno → *deixou saudades [causou]*) ou como verbo-suporte/semi-suporte (*deixou triste/* e 332 dados de alternância concernentes a predicadores simples cognatos permutáveis por perífrases verbo-nominais com *deixar* equivalentes a verbos plenos. Dividimos nossos dados em dois grupos, o primeiro grupo da amostra volta-se para a alternância, contendo 534 dados (332 casos de verbos predicadores cognatos/ 202 casos de predicadores complexos com *deixar* comutáveis por predicadores simples cognatos); o

segundo grupo, volta-se para o estudo funcional de *deixar*, abarcando 498 dados (casos de *deixar* funcionando como verbo predicador – pleno e não-pleno -, verbo-suporte e verbo semi-suporte).

Essa configuração do *corpus* viabiliza, por um lado, que, levando em conta apenas o conjunto de ocorrências de *deixar*, se investiguem as possibilidades de predicções que esse item constitui e as categorias funcionais em que atua e, por outro, que, avaliando-se o conjunto de predicções em que *deixar* atua como verbo-suporte (ou semi-suporte) e predicções com formas verbais simples cognatas a perífrases, se proceda ao estudo da relativa alternância dessas formas na expressão da resultatividade.

A opção pelas fontes *O Globo* e *Extra* deve-se ao fato de ambos serem publicados pela mesma empresa, *Organizações Globo*, e publicados pela *Infoglobo comunicações S/A*. Tal organização alcança, assim, diferentes leitores: as classes A/B com o jornal *O Globo* e as classes B/C com o jornal *Extra*, o qual, de acordo com a própria empresa, é o jornal mais vendido e, conseqüentemente, mais lido do país, contando com uma publicação diária de cerca de 239 mil exemplares¹⁶. Devido ao fato de cada jornal ter como alvo classes distintas – públicos diferentes –, cada redação tem condição de ajustar a linguagem e a configuração do texto ao seu tipo de leitor. Desta forma, os jornais, utilizados para esta coleta, atingem grande parte da população fluminense.

4.1.2 DADOS DE COMPORTAMENTO REGISTRADO EM TESTES DE ATITUDES

Além dos dados oriundos de textos jornalísticos escritos, contamos, ainda, com os dados de percepção e avaliação subjetiva, que se referem a dados obtidos com a aplicação

¹⁶ Dados extraídos da página www.infoglobo.com.br

de testes para a verificação das atitudes lingüísticas dos usuários em relação a certas construções com *deixar*. Conseguimos um total de 250 informantes, sendo a maioria deles estudantes: 80 pertencem ao segundo segmento do Ensino Fundamental, 80 fazem parte do Ensino Médio, 80 são graduandos e 10 são graduados em Letras e em exercício no ensino de Língua Portuguesa. Para a maior parte dos falantes da comunidade em que vivemos, o uso da língua se dá de modo automático; por isso, dificilmente, percebemos que: o modo como organizamos a linguagem está, diretamente, ligado à função que se deseja conferir-lhe, ou seja, à intenção do usuário. Desta forma, os falantes, sem perceber claramente, ou seja, sem estar totalmente conscientes, optam por uma ou outra forma lingüística devido a percepções e reações com relação a elementos/estruturas da língua. Tarallo (1990), ao comentar sobre os testes de atitude, diz que o informante, com essa metodologia, é levado pelo pesquisador a mostrar sua opinião sobre a possível aceitação ou não de algumas formas estruturais, a “explicitar” o que o conduz a certos usos, certas preferências.

Consoante Fasold (1984) uma atitude lingüística pode ser entendida, grosso modo, como um estado psicossocial de propensão, rejeição ou neutralidade quanto a certa forma lingüística, entre outras existentes. Uma *atitude* referente a uma expressão lingüística está normalmente relacionada ao contexto sociolingüístico, é fruto de expectativas com relação ao que se projeta para cada situação, ou seja, do imaginário de uma comunidade de fala e também do indivíduo.

Uma questão que precisa ser considerada na análise dos resultados que esse tipo de material oferece é que o pesquisador poderá contar com certa discrepância nas avaliações. Na maioria das vezes, aplicamos os testes em classes escolares, onde encontramos reunidas diversas turmas com falantes de diferentes faixas etárias e distintos graus de escolaridade; logo, muitos informantes em potencial. O aluno, ao receber a pesquisa de opinião, muitas

vezes, toma-a como uma espécie de avaliação, o que acaba comprometendo o resultado do teste, já que o estudante pode deixar de marcar a opção (mais) utilizada por ele para marcar aquela que ele ou outro (seu professor, possivelmente) considera (mais) correta, (mais) adequada como resposta para aquele questionário que lhe foi entregue. É necessário esclarecer, enfaticamente, aos alunos o propósito da pesquisa, mostrando-lhes que não há certo ou errado e que, na verdade, almejamos conhecer suas opiniões. Torna-se importante fazer com que o alunado se sinta à vontade para responder ou expressar, no teste, o que considera mais “verdadeiro”, o que realmente pensa sobre o uso da sua própria língua.

Quem aplica o teste, para tentar minimizar o problema supramencionado, precisa contextualizar as estruturas expostas nele e explicar ao aluno que é importante atentar para a situação comunicativa em que o fragmento esteja inserido, a fim de fazer com que o informante considere, em sua avaliação, a intencionalidade discursiva e, conseqüentemente, o grau de formalidade da interação comunicativa. Por fim, o pesquisador deve ressaltar, enfaticamente, que a pesquisa não visa a avaliá-los; o objetivo é, de fato, conhecer o que os informantes utilizam no seu dia-a-dia e tomar nota de suas opiniões sobre aspectos relativos a determinadas variantes em certos contextos lingüísticos. Na análise dos testes, o pesquisador deve também buscar as avaliações e percepções registradas nos testes padrões de comportamento e de valoração.

Acreditamos que, com tais cuidados, é viável reduzir as possibilidades de “falsos” resultados, o que nos possibilitará considerar as valorações atribuídas às estruturas lingüísticas pertencentes ao teste.

Fasold (1984), em seu texto intitulado *Language attitudes*, trata de diferentes estudos de atitudes lingüísticas. De acordo com o autor, muitos estudos acerca desse assunto são baseados em uma visão mentalista das atitudes. Neste caso, a partir de

estímulos, estados mentais de prontidão geram certos comportamentos como respostas, os quais não somos capazes de observar diretamente, é necessário inferi-los, por meio de introspecção. Não é o caso exatamente do estudo realizado nesta dissertação, ainda que este envolva inferência.

Segundo a teoria mentalista, a atitude possui subpartes, são elas: (i) cognitiva, ligada a reação emocional; (ii) conativa, ligado à tendência do comportamento em relação a uma atitude. De acordo com a teoria mentalista, só podemos inferir estados mentais a partir de determinados comportamentos que são mencionados pelo falante que respondeu ao teste, o que se dá através de inferências, visto que não são observadas diretamente.

Outra abordagem utilizada para tratar das atitudes é a behaviorista. Por meio desta abordagem, a variável pode ser determinada estatisticamente, através das respostas dadas pelo falante em situações sociais. De acordo com a teoria behaviorista, somente o componente afetivo não é capaz de prever a conduta verbal, assim como demonstrar até que ponto é possível estabelecer atitudes passíveis de ter o comportamento observável.

Fasold (1984) conceptualiza uma atitude lingüística como sendo diferente de outras atitudes, já que é um fato estrito sobre a linguagem. Alguns estudos são limitados às atitudes individuais, mas, de qualquer forma, origina-se do comportamento coletivo. As atitudes lingüísticas são, normalmente, reflexo das atitudes de membros de diferentes grupos sociais.

O método de pesquisa para determinar uma atitude relacionada à linguagem pode ser direto ou indireto. O método direto requer um sujeito para responder um questionário ou entrevista com perguntas sobre a opinião dele em relação a uma ou outra variante. O método indireto consiste em ocultar do sujeito o fato de suas atitudes lingüísticas estarem sendo investigadas. Optamos, neste trabalho, por elaborar dois tipos de teste: o primeiro

deles constitui o que se rotula de um ‘teste de auto-avaliação’, ou seja, o falante é levado a demonstrar qual a sua maneira própria de falar, dentre as formas que lhes são sugeridas. Já o segundo se organiza tal qual um ‘teste de insegurança lingüística’, em que o falante é levado a indicar o que ele considera, dentre as opções, como a forma mais correta (cf. Anexo).

Tencionamos, com a aplicação dos testes de atitude para os alunos, verificar se, nos contextos apresentados, existe ou não a equivalência entre o verbo predicador cognato e a construção perifrástica. Objetivamos, ainda, detectar as nuances de sentido e os contextos pragmático-discursivos que atuam no momento da escolha entre o emprego de uma construção simples ou o emprego de uma construção com VSup + SN.

Com o teste de atitude para o corpo docente, almejamos verificar se os professores se manifestarão quanto ao uso das perífrases. Acreditamos que eles podem rejeitar as construções com VSup + SN por associá-las ao uso mais informal e coloquial da língua.

Nossa hipótese se fundamenta no fato de haver manuais de redação¹⁷ com exercícios que propõem a permuta de uma perífrase por uma construção com um verbo predicador cognato.

4.2 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para nos auxiliar na análise dos dados relativos à alternância, fizemos uso da ferramenta estatística Goldvarb 2001. Esse é um programa, de acordo com Robinson,

¹⁷ A obra de CARNEIRO (2001) é um exemplo de manual de redação em que o autor propõe exercícios de adequação vocabular aos alunos. Neste tipo de atividade, os estudantes encontram sentenças com perífrases verbais; e a atividade consiste em fazer a troca da construção perifrástica por uma construção com verbo cognato. Como exemplo, encontramos no livro: “Substitua os trechos destacados nas frases a seguir por um verbo de valor correspondente, conforme o modelo: Os animais têm medo do fogo. / Os animais temem o fogo.”

Lawrence & Tagliamonte (2001), desenvolvido a partir do estudo dos princípios teóricos que embasam a análise multivariada, a qual testa a aplicação de regras variáveis sob a influência de um conjunto de variáveis independentes.

Quanto ao procedimento de tratar quantitativamente os dados, vale informar que: *i*) na parte do estudo da alternância entre predicadores complexos e simples, emprega-se o pacote de programas Goldvarb2001 como aplicativo que viabiliza o cálculo de valores absolutos e percentuais da distribuição das ocorrências pelos contextos investigados; *ii*) mesmo na parte deste estudo que não é variacionista, conta-se com o auxílio de alguns recursos do programa Goldvarb, apenas a serviço da quantificação absoluta e percentual de dados por fatores de certos parâmetros analisados, pois se entende que alguns aplicativos desse pacote de programas podem servir à análise como ferramentas para o controle mais refinado de certos aspectos, para o cálculo de índices de frequência em relação aos fatores examinados.

Nosso *corpus* foi, então, dividido em dois grupos, em que um deles se volta para a alternância (grupo de dados I), contendo dados com verbos plenos cognatos (engarrafar) e dados com *deixar* atuando como verbo-suporte (*deixar engarrafada*), isto é, em uma perífrase verbo-nominal; enquanto o outro grupo de dados (grupo de dados II), que também será analisado, contém somente ocorrências com *deixar*, sendo que, neste arquivo, há contextos em que o verbo ora funciona como predicador (*deixar os filhos e a esposa/ deixar o país/ deixou o carro na garagem/ deixou a herança/ deixou um sabor picante, etc.*) ora como suporte (*deixou embriagado/ deixou surdo/ deixou de pé*).

❖ PARÂMETROS CONSIDERADOS NA ANÁLISE DO GRUPO DE DADOS I

O **grupo de dados I**, com base no qual se pretende verificar a alternância de algumas construções com *deixar* e verbos plenos correspondentes, terá como parâmetros de análise alguns fatores lingüísticos e extralingüísticos, quais sejam: (1) natureza categorial das construções (predicador cognato x perífrases com *deixar*); (2) fonte do dado; (3) gênero textual; (4) assunto veiculado; (5) configuração do termo complemento; (6) grau de equivalência semântica. Vejamos, a seguir, mais detalhadamente os fatores investigados no grupo de dados I.

- **Natureza categorial das construções: construção com verbo predicador cognato ou construção com *deixar* atuando como verbo-suporte**

A variável dependente trata da natureza categorial das construções, ou seja, se essa se trata de uma construção com verbo predicador correspondente (*magoou*) ou de uma construção em que o verbo *deixar* esteja atuando como verbo-suporte (*deixou magoado*).

- **Fonte**

Com as duas fontes das quais extraímos nossos dados (*O Globo* e *Extra*), buscamos averiguar, além da procedência das predicacões com *deixar* mais produtivas, a forma alternante predominante na amostra, tendo em vista que, apesar de produzidos pela mesma empresa, os jornais utilizados possuem públicos leitores diferentes. Acreditamos que poderá haver maior número de ocorrências com verbo-suporte no jornal *Extra*, já que, neste veículo, se utiliza uma linguagem menos formal, em relação ao *O Globo*, e que, portanto, poderá ensejar baixa preocupação com repetição de termos e, assim, construções com

termos que tendem a ser mais empregados, como é o caso de certos verbos-suporte. Ao fazer uso da perífrase verbo-nominal, a redação pode obter maior adequação comunicativa em relação ao registro, um dos critérios para o uso de construções com verbo-suporte (ou função das construções com VSup), segundo Neves (2000).

- **Gênero textual**

Nesta pesquisa, optamos por trabalhar com mais de um gênero textual a fim de obtermos uma representação panorâmica dos usos de *deixar*. Coletamos dados de: (1) *notícias* – gênero textual que utiliza uma linguagem mais objetiva e impessoal para relatar acontecimentos mais recentes, fatos novos, mantendo, na maioria das vezes, a imparcialidade; (2) *editoriais* – uma seção própria do jornal, em que os editores abordam um tema do momento, um assunto que esteja em discussão na sociedade, opinando acerca do fato de modo persuasivo, o que confere ao editorial caráter argumentativo; (3) *opinião* – textos em que o autor se posiciona claramente sobre um tema polêmico e, através de argumentos, fundamenta seu ponto de vista; (4) *cartas de leitores* – pequenos textos enviados pelos leitores às redações dos jornais, sobre assuntos publicados no mesmo, ou com alguma sugestão, crítica, reclamação, pedido, com a intenção de persuadir outrem; (5) *entrevistas* – gênero, basicamente, oral, o qual pressupõe uma interação entre duas pessoas, cada uma com um papel específico: o entrevistador, que é responsável pelas perguntas, e o entrevistado (ou entrevistados), responsável (s) pelas respostas. Tais entrevistas consistem em textos jornalísticos que objetivam colher informações, opiniões, experiências pessoais ou profissionais, normalmente, de uma pessoa de destaque. Antes de ser publicada em revistas ou jornais escritos, a entrevista é feita geralmente de forma oral, quando é gravada, e depois transcrita para a linguagem escrita. Observaremos se nessas entrevistas, as quais

são transcritas, encontraremos maior produtividade de construções complexas ou construções perifrásticas. A configuração da amostra com base em diferentes gêneros textuais advém do intuito de averiguarmos a produtividade de *deixar* em diversos âmbitos, além de compará-la ao uso de predicadores de significado correspondente à perífrase verbal com *deixar*.

- **Assunto veiculado**

Ao tratarmos do conjunto de dados extraídos de *notícias*, será interessante avaliarmos qual o assunto veiculado por ela, isto é, se ela versa sobre esportes, economia, política, um fato trágico ou violento, um fato geral. Para os outros gêneros textuais será empregado, neste caso, um “não se aplica”, já que não foi possível avaliar isso. Acreditamos que as notícias esportivas possuirão mais ocorrências de perífrases, devido ao fato de esta parte do jornal tratar de um assunto mais descontraído, se comparado ao das outras seções, o que pode tornar as notícias esportivas mais propícias ao uso de perífrase.

- **Configuração do termo complemento**

Quanto à configuração do termo complemento, nós queremos investigar se ela será a mesma ou não, caso utilizemos o verbo pleno cognato ou a perífrase, já que este fator pode influenciar na opção do falante em fazer uso de um e não de outro.

- **Grau de equivalência semântica**

Ao pensarmos na avaliação do grau de equivalência semântica entre as construções com verbo-suporte e as construções com verbo predador correspondente, consideramos o

trabalho de Lavandera (1978) que propõe que se deixe de lado a exigência de que as formas alternativas apresentem o mesmo valor referencial. A autora volta sua atenção para os aspectos sociais e estilísticos que poderão influenciar na diferença de valor semântico entre alternativas que, ainda assim, permitem comparabilidade funcional. Lavandera (1978) destaca que a existência, em um mesmo tempo e espaço, de formas alternativas ou, ainda, a troca seqüencial de uma forma por outra não ocorre livremente e nem sempre está vinculada a fatores extralingüísticos, refletindo, em verdade, uma escolha funcional do falante, a qual servirá aos seus propósitos comunicativos.

Para verificarmos a alternância entre as formas verbais, é importante atentarmos para a possibilidade de alguma nuance significativa entre o que é expresso pelo verbo predicador e o que é expresso pela perífrase correspondente, já que esse pode ser um fator decisivo, no momento da seleção entre uma ou outra forma de explicitação de um estado de coisas. Classificamos, então, as formas como (i) *sem diferença perceptível*, situação que ocorre quando pudemos trocar uma forma por outra sem alteração de significado; (ii) *com alguma diferença* e (iii) *com mudança de sentido*, mesmo não havendo alteração na estrutura do predicado complexo, como, por exemplo, *deixar margem* por *margear*, o significado entre uma e outra forma é totalmente diferente.

❖ PARÂMETROS CONSIDERADOS NA ANÁLISE DO GRUPO DE DADOS II

Já o grupo de dados II, que contém somente predicções com *deixar*, em que este funciona ou como verbo predicador ou verbo-suporte, será analisado por meio de parâmetros, tais como: (1) natureza categorial do verbo *deixar* (verbo predicador ou verbo-

suporte); (2) fonte do dado; (3) gênero textual; (4) assunto veiculado¹⁸; (5) forma de *deixar* (finita ou não-finita); (6) estrutura de predicação; (7) configuração do termo complemento adjacente; (8) valores semânticos. (9) natureza configuracional do resultado. Veremos, a seguir, mais detalhadamente os fatores a serem investigados no grupo de dados II.

- **Natureza categorial do verbo**

Importa-nos saber qual a função predominante de *deixar* em nosso *corpus*, isto é, se ele está atuando na maioria das ocorrências como verbo predicador, verbo predicador não-pleno, verbo-suporte ou verbo semi-suporte. Será predicador quando for responsável por projetar a predicação e a configuração semântica e sintática desta e será suporte quando funcionar como um operador gramatical sobre um elemento não-verbal formando um predicador complexo, que, inclusive, pode, muitas vezes, ser substituído por um verbo pleno.

- **Formas de *deixar***

Quanto à forma, *deixar* poderá apresentar-se na sentença tanto na forma *finita* quanto na forma *não-finita*. O verbo estará na sua forma *finita*, quando estiver flexionado em número, pessoa, modo e tempo, ou seja, quando o verbo estiver associado a morfemas indicadores dos aspectos verbais. O verbo estará na sua forma *não-finita*, quando se apresentar no infinitivo, gerúndio ou particípio, pois, ao lado do seu valor verbal, pode

¹⁸ Os itens (2) *fonte do dados*, (3) *gênero textual* e (4) *assunto veiculado* já foram explicados anteriormente, esses três aspectos serão analisados em ambos os grupos de dados, ainda que com objetivos distintos.

desempenhar função de nome. Em sua forma nominal, o verbo não pode exprimir por si o tempo e o modo, os quais dependerão do contexto em que a construção aparecer.

- **Estruturação de predicções com *deixar***

Outro fator de análise está relacionado à estruturação das predicções com o verbo *deixar*. Caso *deixar* esteja atuando como predicador ou suporte, poderemos ter diferentes grades argumentais, tais como em: *O cão deixou a presa* → ARG1 (agente) + DEIXAR + ARG2 (tema); *Ele deixou o Ceará* → ARG1 (agente) + DEIXAR + ARG2 (locativo); *O policial deixou o desgraçado estendido* → ARG1 (agente) + [DEIXAR + OBJ + (SAdj/SPrep)]. Em função das diferentes estruturas encontradas no *corpus*, teremos uma grade temática de acordo com a sentença. O detalhamento dessa questão será feito na seção de análise dos dados.

- **Configuração do termo complemento adjacente que é argumento interno do predicador (simples ou complexo) transitivo**

A partir da grelha argumental projetada pelo verbo, analisaremos o complemento adjacente ao verbo *deixar*, esteja ele atuando como verbo predicador ou atuando em uma perífrase verbo-nominal. Tal complemento, a depender da natureza categorial do verbo, poderá ser um SN (*deixou a sala*), um SPrep (*deixou pra lá*), um SAdj (*deixou encantada*), um SAdv (*deixou aqui*), um SOrac (*deixou que o filho falasse*). Acreditamos que haverá maior produtividade de complementos com SN e, também, com SPrep devido a uma prévia análise.

- **Valor semântico**

Os dados também serão analisados quanto ao seu aspecto semântico. De acordo com cada sentença e seu respectivo contexto, analisaremos o verbo *deixar*, a fim de sabermos qual o sentido predominante desse verbo em nosso *corpus*, dentre os possíveis significados investigados. Por meio de nossa pesquisa, em obras lexicográficas, selecionamos os mais significativos, são eles: *abandonar, largar, sair de, permitir, esquecer, transmitir/ causar, provocar, adiar, dar como lucro, perder, tornar possível, suspender, pôr/ colocar, fazer com que fique em certo estado ou condição, nomear, parar, ceder/ transferir*. Tencionamos, com isso, também reunir subsídios para traçar a rede de relações entre as extensões de sentido/uso de *deixar* detectadas na amostra.

- **Natureza configuracional do resultado**

Investigaremos, somente nas construções perifrásticas com *deixar*, a natureza do resultado (SR). Importa-nos saber se as construções complexas com *deixar* expressam a mudança de estado por meio de um SPrep ou um SAdj. As ocorrências em que *deixar* estiver atuando como verbo predicador receberão um “não se aplica”.

5. A RESULTATIVIDADE: PREDICAÇÕES COM *DEIXAR*

Passemos, então, a descrever as estruturas resultativas com o verbo *deixar*, mostrando o modo como os falantes expressam linguisticamente a mudança de um estado a outro, utilizando o verbo aqui analisado.

A resultatividade está relacionada metaforicamente com a mudança de estado. As construções resultativas aplicam-se a argumentos que projetam uma mudança de estado como resultado da ação verbal; por conseguinte, possuem em si sintagmas resultativos que representam uma mudança de estado, a qual é expressa em seu pólo sintático. Vale salientar que o sintagma resultativa poderá ser expresso por meio de um SAdj ou um SPrep, como em (67) e (68). Em nosso *corpus* houve maior produtividade de resultados expressos por meio de SAdj, como é possível conferir na seção posterior.

Ex. 67: A incompetência do time para furar a retranca do Madureira não **deixou** Joel (**irritado**)^{SAdj}: - Não vou ficar reclamando. Agora, todo mundo que se sente prejudicado dá uma reclamadinha. Com o primeiro empate no carioca, o Flamengo encerrou o período em que podia errar e fazer experiências. [Jornal O Globo, p.2, 31.03.2008, Esportes]

Ex. 68: A covardia de dois bandidos e a falta de policiamento num dos locais da Tijuca mais visados por ladrões **deixou** (**de luto**)^{SPrep} ontem toda a comunidade da Universidade Candido Mendes (Ucam). Chefe de gabinete do reitor Candido Mendes de Almeida há 32 anos, Maria Emília Monteiro Ramos, de 59 anos, morreu de manhã, no Hospital Souza Aguiar, cerca de oito horas depois de ser atingida por um tiro de pistola disparado por um ladrão na frente do pai dela, Joaquim, de 84 anos, que sofre de mal de Alzheimer. [Jornal O Globo, p.15, 01.04.2008, Violência]

Há, ainda, uma forma bastante comum no Português brasileiro de construções resultativas, em que a mudança de estado pode vir lexicalizada através do verbo. Tal tipo de

construção não gera um argumento resultativo explícito, haja vista que ele se apresenta no interior do verbo, como em (69). Por meio da análise de nosso *corpus*, pudemos verificar que houve maior produtividade de predicções com verbo predicador cognato, os quais contêm o resultado lexicalizado no interior do verbo. Apesar disso, em nossa amostra, o índice de predicções que apresentavam resultado explícito, isto é, construções perifrásticas com *deixar* também se mostrou elevado. A obra de Leite (2006) confirma o resultado obtido em nossa amostra, já que essa revela que as construções resultativas com verbos lexicalizados são bastante produtivas em nosso idioma.

Ex. 69: Com isso, o total a ser investido nos próximos anos em projetos de urbanização, habitação e saneamento já soma R\$4,3 bilhões. O anúncio dos novos recursos foi feito pelo ministro das Cidades, Márcio Fortes, no evento que **marcou** o início dos projetos do PAC na Baixada Fluminense. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que as obras vão permitir que o estado vá onde hoje apenas bandidos podem ir para chantagear moradores. [Jornal O Globo, p.16, 01.04.2008, Política]

Vale comentar que muitos estudos não admitem a sinonímia para as construções com verbo cognato e com verbo-suporte. Por exemplo, não seriam sinônimas as construções do tipo “O anúncio dos novos recursos foi feito pelo ministro das Cidades, Márcio Fortes, no evento que **marcou** o início dos projetos do PAC na Baixada Fluminense.” x “O anúncio dos novos recursos foi feito pelo ministro das Cidades, Márcio Fortes, no evento que **deixou marcado** o início dos projetos do PAC na Baixada Fluminense.”. Segundo estudiosos, as construções com verbo-suporte, isto é, com construções causativas possuem valores diferentes dos das construções com verbo pleno cognato, pois ambas as construções possuem valores pragmático-discursivos distintos. Assim, até se pode conceber algum grau de comparabilidade semântico-funcional ou

relativa equivalência semântica entre tais construções, a depender do contexto, que até propicie a alternância/versatilidade de uso na construção de um discurso/texto, mas não sinonímia. Essa polêmica remete-nos imediatamente à possibilidade de investigação dessa correspondência ancorada na noção de comparabilidade funcional (LAVANDERA, 1978) em vez de sinonímia ou condição de mesmo valor de verdade. Em verdade, quando o utente da língua opta por utilizar uma construção perifrástica com *deixar* em lugar de um predicador simples cognato, o mesmo focaliza aspectos distintos da frase, dando ênfase a elementos diferentes da sentença. Ao fazer uso da construção com perífrase verbo-nominal, o falante foca o resultado do processo de mudança; fazendo uso do verbo predicador simples cognato, foca a mudança com o resultado lexicalizado/implícito.

A resultatividade revela um dos modos como estruturamos as formas lingüísticas em nossas experiências espaço-temporais. Em Português, a resultatividade é representada a partir da seguinte construção resultativa: **X faz com que Y se torne Z**. Vale lembrar que, em nosso idioma, o sintagma resultativo também pode estar contido no verbo, isto é, ter sido lexicalizado por um verbo, como em:

Ex. 70: O senador Francisco Dornelles (PP-RJ) alertou ontem que as propostas encaminhadas em regime de urgência pelo governo ao Congresso com o objetivo de limitar a venda e a publicidade de bebida alcoólica no país promoverão o desemprego, pois vão afetar o mercado publicitário e **prejudicar** as fábricas. Na avaliação de Dornelles, as medidas não alcançarão seu objetivo, que é disciplinar o consumo de álcool. [Jornal O Globo, p.10, 01.04.2008, Política].

Neste caso, a sentença supracitada poderia ter sido dita com a seguinte construção: “A limitação da venda e publicidade de bebida alcoólica no país promoverão o desemprego, pois vão afetar o mercado publicitário e **deixar** as fábricas **prejudicadas**.”.

Consoante Levin & Rappaport (1998), há dois tipos de resultatividade na língua inglesa. Um tipo de resultatividade está associado à dependência temporal do evento; isto é, o resultado, contido na frase resultativa, ocorre simultaneamente ao evento descrito pela oração principal. Neste caso, o resultado é co-extensivo à atividade expressa pelo verbo principal. Dessa forma, podemos entender tais eventos como sendo um único, já que eles se desenrolam ao mesmo tempo. Vejamos:

Ex. 71: Rodrigo pintava o muro de verde.

Por meio de (71), podemos notar que a ação de pintar o muro e a mudança de cor do mesmo (passando a verde) são co-extensivas, ou seja, *pintar* e *esverdear* é uma ocorrência simultânea. No exemplo (71), temos *Rodrigo* e o *muro* como participantes do evento; o predicado resultativo demonstra-nos o resultado do evento, ocorrido devido à mudança de estado aplicada ao *muro*, que ocorreu proporcionalmente à ação de *pintar*.

O mesmo acontece em construções resultativas com o verbo *deixar*, do tipo X fazer Y tornar-se Z. Por exemplo, em (72) há dois participantes do evento: *o prefeito/ ele* e *os cidadãos*, além disso há duas ações simultâneas ocorrendo, em que *o prefeito/ ele* ‘deixa os cidadãos à deriva’ e os ‘cidadãos *ficam* à deriva’. Nesse caso, o predicado *os cidadãos à deriva* denota o resultado do evento, o qual ocorreu devido à mudança de estado aplicada aos *cidadãos*, que aconteceu simultaneamente a ação do prefeito de *deixar*.

Ex. 72: Seria cômico se não fosse trágico o prefeito pedir ao Senhor do Bonfim para levar a dengue para o oceano. (Ele)^{S_{uj}} tinha que estar aqui, na cidade, resolvendo o grande pepino, ao invés de viajar e **deixar** [(os cidadãos)^{SN} (à deriva)^{S_{Prep}}]. Enfim, esse é o retrato do nosso município, e por isso enfrentamos a crise da dengue porque a autoridade está viajando... [Jornal O Globo, p.6, 29.03.2008, Carta dos leitores]

Em (73), temos outro exemplo similar, *o apoiador Amaral* e o jogador *Thiago Neves* são os dois participantes do evento e o resultado, contido na frase resultativa (*Thiago neves ficou livre*), ocorre simultaneamente ao evento descrito pela oração principal.

Ex. 73: Ao desistir de escalar um time misto e confirmar a presença de todos os titulares disponíveis, amanhã, contra o Volta Redonda, às 16h, em São Januário, o técnico Alfredo Sampaio deixou claras duas situações no Vasco. Uma, de que a história de dividir responsabilidades com todos da comissão técnica e dirigentes não é discurso de enrolação. A outra é também evidente: (o apoiador Amaral)^{Suj} está em baixíssima cotação no clube. Quando virou as costas e **deixou** [(Thiago Neves)^{SN} (livre)^{SAj}] para chutar e marcar o gol que começou a decidir o clássico contra o Fluminense, Amaral caiu em desgraças em São Januário. [Jornal O Globo, p.57, 29.03.2008, Esportes]

Outro tipo de construção resultativa proposta por Levin & Rappaport (1998) associa-se às construções resultativas que envolvem dois eventos separados, isto é, há casos em que um evento não é temporalmente simultâneo ao evento expresso pelo verbo principal, o que ocorre de fato é um evento posterior ao denotado por este, ou seja, consecutivo. Neste caso, temos um evento complexo, já que o resultado é, na verdade, consequência do que foi expresso pelo primeiro evento. Em (74), notamos dois eventos diferentes que não são concomitantes. Primeiramente, *Carolina* nina *Aninha*, que, posteriormente, *adormece*.

Ex. 74: Carolina ninou Aninha adormecendo-a.

O primeiro tipo de resultatividade, o qual está associado à dependência temporal do evento demonstrou-se mais produtivo em nosso *corpus*, visto que as construções

resultativas do tipo X fazer Y tornar-se Z propiciam esta co-ocorrência de dois eventos, sendo um expresso pela oração principal e outro expresso pelo resultado descrito na frase resultativa.

Ademais, Levin & Rappaport (1998) consideram, assim como Goldberg & Jackendoff (2004), as construções que expressam mudança de localização como resultativas.

Ex. 75: Rodrigo empurrou o caiaque (para dentro d'água).

No exemplo acima (75), considera-se a mudança de local de *fora* para *dentro* d'água como um resultado da ação de *Rodrigo* empurrar o *caiaque*. Tal mudança tem um ponto de origem *fora d'água* e um ponto final, o resultado, *dentro d'água*. Nesse caso, há dois momentos diferentes de configuração espacial do objeto *caiaque*. Segue abaixo mais um exemplo em que podemos notar essa mudança de localização, neste caso, com o verbo *deixar*. Em (76), temos a mudança de local provocada por *Alexandre* que retira a *menina* de um lugar e coloca-a *na cama*, alterando sua localização espacial. A mudança, nesse caso, tem origem *fora da cama* e o ponto final seria *na cama (sobre a cama)*.

Ex. 76: Alexandre afirma que destrancou a porta, **deixou** [a menina na cama dela] e acendeu o abajur. Disse ter trancado a porta, descido à garagem e subido com a mulher e os outros filhos. Ele contou ter destrancado a porta e ido ao quarto da filha, cuja luz estava acesa. [Jornal O Globo, p.9, 01.04.2008, Violência/Tragédia]

Consideramos a resultatividade uma concepção de movimento causado. Consoante Goldberg (1995), a construção resultativa só poderá ser aplicada a um elemento se ele for

passível de mudança; ou melhor, os argumentos precisam suportar a mudança de estado expressa pelo verbo para que se tenha uma construção resultativa. Para a autora, a resultatividade se aplica a objetos de alguns verbos transitivos, se aplica ao sujeito da voz passiva e a alguns sujeitos de verbos intransitivos (funcionando como inacusativos).

Vejamos o exemplo abaixo:

Ex. 77: Só com esforço braçal é que certas localidades terão a certeza que cada um tem que fazer a sua parte. Enquanto isso, clamamos ao Senhor do Bonfim que nos ajude, através das preces do prefeito, não mandando mais uma dessas epidemias que vai se prolongar em 2008, deixando [um livro aberto] de novos óbitos para 2009. [Jornal O Globo, p.6, 29.03.2008, Carta dos leitores]

Nesta sentença o SN/objeto *livro* permitiu receber o SAdj *aberto*, ou seja, o objeto prevê/permite que tal característica lhe seja atribuída. Notamos, por conta desse fator, que há compatibilidade entre os elementos *livro* (SN) e *aberto* (SAdj), já que esta é uma característica possível daquele item lexical.

Ex. 78: A casa foi limpa no domingo.

Em (78), percebemos que o sujeito é paciente, sofre a ação de ser *limpa*. Apesar de, neste caso, analisarmos uma oração com sujeito paciente, ou seja, na voz passiva, como resultativa, isto não é regra, visto que nem toda oração na voz passiva comportará uma construção resultativa, haja vista que tal previsibilidade depende das características semânticas do verbo, que determinarão a possibilidade ou não de um resultado. O SAdj *limpa*, na oração (71), é uma possível característica do elemento (SN) *casa*, já que anteriormente ela encontrava-se *suja* e como resultado posterior encontra-se *limpa*.

Goldberg (1995) considera a resultatividade como aplicável a alguns sujeitos de verbos intransitivos que se comportam como inacusativos.

Ex. 79: A água congelou no freezer.

Acima em (79), temos um exemplo do argumento sujeito que propicia a mudança de estado. Implicitamente, recuperamos o agente da mudança de estado, no caso *o frio*, então podemos ler a frase de modo diferente, como, por exemplo, *O frio deixou a água congelada*. Desta forma, notamos a mudança de estado do SN *água* evidentemente, visto que X (o frio) tornou Y (a água) em Z (gelo/congelada).

De acordo com Goldberg (1995), uma construção resultativa com dois argumentos precisa, necessariamente, possuir um desses elementos como um argumento instigador, ou seja, é necessário que o elemento sujeito da sentença seja animado; entretanto, este não precisará ser agente necessariamente, já que isto não é um pré-requisito das construções resultativas.

Ex. 80: Souza manteve sua característica de lutar o jogo todo. Mas, jogando sozinho no ataque e sem jogadas pelas pontas, tinha dificuldades no primeiro tempo. No segundo, **deixou** [Renato Augusto (livre)^{SAdj}] para marcar. Depois, fez outras boas jogadas e deu passes eficientes. [Jornal O Globo, p. 40, 10.04.2008, Esportes]

Ex. 81: A incompetência do time não **deixou** [Joel (irritado)^{SAdj}]: - Não vou ficar reclamando. Agora, todo mundo que se sente prejudicado dá uma reclamadinha. Com o primeiro empate no carioca, o Flamengo encerrou o período em que podia errar e fazer experiências. [Jornal O Globo, p.2, 31.03.2008, Esportes]

Em (80), temos *Souza* como sujeito instigador da construção resultativa de dois argumentos *Renato Augusto e livre*. Já em (81), *A incompetência do time* é a causa de uma atividade controlada por um ser animado; nesta sentença, notamos que o argumento sujeito, como afirma Goldberg, pode não apresentar caráter agente.

As construções resultativas possuem, ainda, algumas restrições: 1º) a ação verbal deve denotar mudança de estado; 2º) as predicções resultativas não se realizam com verbos estativos; 3º) o sintagma resultativo deve denotar o ponto final da mudança de estado em um *continuum*.

Ex. 82: Rodrigo pintou o muro de verde.

Ex. 83: Adriana deixou Armando alegre.

Ex. 84: Beth limpou a casa no domingo.

Na sentença (82), temos uma típica construção resultativa em que *ficar verde/esverdear* denota a mudança de estado/condição provocada pelo argumento sujeito *Rodrigo*, fruto da ação verbal deste: *pintar*. Para exemplificar a segunda restrição, temos o exemplo (83); por meio dele, notamos que o verbo indica uma ação; isto é, não é um verbo estativo. As construções resultativas dependem de um predicador que expresse atividade. Por fim, a última restrição das construções resultativas está associada ao resultado, ele indicará o ponto final de uma escala de mudança de estado. A mudança representa uma variação dentro de um *continuum*; para esta ser atribuída a um elemento, é necessário que esteja prevista na grade semântica dele.

Quando analisamos a sentença (84), percebemos a compatibilidade do resultado *limpa*, pois o argumento *casa* comporta o adjetivo *limpa*, como resultado da ação do

elemento agente/instigador *Beth*. Tal mudança de estado sofrida pelo argumento *casa* está prevista em sua grade semântica.

Três são os critérios para concebermos uma sentença como contendo uma construção resultativa. É necessário termos um elemento na posição de sujeito ou objeto passível de mudança de estado/condição. É preciso enquadrarmos a construção resultativa na estrutura *X fazer Y tornar-se Z*; e o argumento que comporta o resultado precisa ser o limite final da mudança.

Consideramos, no presente trabalho, as construções resultativas como subparte das construções de movimento causado, haja vista que ambas comportam a mesma cena básica, além delas possuírem uma herança por extensão metafórica de acordo com Goldberg (1995), pois compartilham de um mesmo mapeamento metafórico. Para a autora, a mudança de estado corresponde, metaforicamente, a mudança de locação. Outro fato que aproxima as construções de movimento causado das construções resultativas é que na primeira ocorre uma transferência física de um tema Z de um local X para um local Y, enquanto, na construção resultativa, alocamos/transferimos uma característica ao tema de forma metafórica ao movimento causado

Segundo Goldberg (1995), há quatro diferentes tipos de construções resultativas: Tipo I → aplica-se ao OD de alguns verbos transitivos; Tipo II → aplica-se ao SUJ de voz passiva; Tipo III → aplica-se às construções que possuem verbos intransitivos; Tipo IV → são resultativas que ocorrem com *falsos objetos*.

As construções resultativas do tipo I estruturam-se com alguns verbos transitivos mais um OD e um resultado, que aparecerá como SAdj ou SPrep. Apesar disso, nem todo predicado verbo-nominal que contenha um predicativo do objeto, necessariamente,

consistirá em uma construção resultativa, já que é necessário que o SR expresse um resultado praticado pelo elemento SUJ.

Ex. 85: Mamãe encontrou D. Angélica desmaiada.

Em (85), temos o predicativo do objeto *desmaiada* que se refere ao objeto *D. Angélica*; entretanto, não foi pelo fato de *Mamãe* ter encontrado *D. Angélica* que essa desmaiou. Por conta deste fator, não poderemos considerar tal sentença como contendo um SR, já que é necessário que haja uma contribuição semântica e sintática do verbo, em que esse apontará o objeto que hospedará o resultado para que, assim, tenhamos uma construção resultativa, com base na estrutura *X fazer com que Y se torne Z*.

Ex. 86: Há preocupação com um possível rompimento da Barragem das Flores, o que deixaria Trizidela praticamente submersa. Nos outros estados nordestinos, a situação é semelhante: no Rio Grande do Norte, o governo decretou estado de calamidade pública em 33 municípios; na Paraíba, 15 pessoas morreram, 2,9 mil estão desabrigadas e mais de 11 mil, desalojadas. [Jornal O Globo, p. 04, 07.04.2008, Notícias]

Convém lembrar que a estrutura de resultatividade estudada aqui é a de que *X faz com que Y se torne Z*; apesar disso, há verbos que, em sua própria semântica, sugerem uma mudança de estado, combinando-se com sintagmas que representam essas alterações.

As construções resultativas do tipo II dizem respeito àquelas que se aplicam ao sujeito de passivas. O resultado deste tipo de construção é expresso por meio de uma locução formada pelo VAux + particípio verbal, que funcionará como um adjetivo na sentença, expressando, portanto, a mudança de estado. Vejamos o exemplo a seguir:

Ex. 87: Os banheiros foram limpos.

Em (87), notamos que há mudança de estado, de modo que ela é expressa pela perífrase verbal na voz passiva.

O terceiro tipo de construções resultativas, isto é, o Tipo III, está vinculado aos sujeitos de verbos intransitivos, ou seja, aplica-se a eles. Tais verbos intransitivos, muitas vezes, estão ligados à inacusatividade, ou seja, trata-se de um verbo incapaz de atribuir caso acusativo além de, ao mesmo tempo, não selecionar argumento externo. Assim, na estrutura profunda, temos um verbo e seu objeto, já na estrutura superficial, este mesmo objeto é deslocado para a posição de sujeito. Esse elemento, tanto na posição de sujeito, quanto na posição de objeto não sofrerá mudança quanto ao seu papel temático. Convém comentar sobre alguns verbos que já carregam em sua estrutura sintático-semântica a mudança de estado que, por vezes, é reforçada por um SPrep. Verbos como *quebrar*, *rasgar*, *cortar* por suas próprias estruturas e características trazem, intrinsecamente, a idéia de mudança.

Ex. 88: O abadá rasgou em fiapos.

Ex. 89: O vaso quebrou em cacos.

Em (88) e (89) temos a ocorrência da mudança de estado expressa pelo próprio verbo, além de um reforço atribuído pelo SPrep *em fiapos* e *em cacos*, que foram os resultados expresso pelas sentenças de modo enfático.

Por fim, temos o tipo IV de construções resultativas, pouco comentado por Goldberg (1995) devido ao fato de ser pouco produtivo na língua inglesa. Trata-se de construções que ocorrem em função de um SN pós-verbal que não leva consigo um

argumento relacionado à matriz verbal. Tal tipo de resultativa foi descartado no artigo por Goldberg & Jackendoff (2004), muito provavelmente, devido a sua ínfima produtividade.

No artigo intitulado *The English resultative as a family of constructions* de Goldberg & Jackendoff (2004), os referidos autores buscaram, juntos, tornar o assunto mais claro em relação às obras anteriores. Descrevem, então, de modo mais amplo as construções resultativas e, por conta disso, distinguem quatro diferentes tipos de construções, são elas: resultativas de propriedades causativas; resultativas de propriedades não-causativas; resultativas de caminho não-causativo e resultativas de caminho causativo.

Pelo que veremos a seguir, iremos perceber que, no artigo supracitado, os autores associam os fenômenos de causa e efeito, tratando-os não como dissociáveis, como em muitas obras, mas como eventos intrínsecos, dependentes. Por conta disso, observaremos que, no trabalho dos referidos autores, não se separam as construções resultativas das construções causativas, haja vista que elas pertencem à mesma família. Devido a esse fator, analisaremos as construções causativas como construções resultativas que possuem propriedades causativas ou não. A seguir, faremos a distinção entre tais construções baseando-nos no referido artigo.

Segundo os autores supracitados, as construções resultativas de propriedade causativa são as mais simples, pois nelas encontramos um objeto afetado pelo resultado e, conseqüentemente, um sintagma resultativo, o qual é expresso por meio de um SAdj. Vejamos:

Ex. 90: A epidemia de imediatismo e corporativismo, que provoca a omissão e legitima o esquecimento do futuro. Impede o investimento de hoje, para evitar o que só vai acontecer amanhã. É por isso que nenhum de nós se responsabiliza pelo resto do Brasil. **Deixamos** água (**empoçada**)^{SAdj} e crianças sem escola – desde que não sejam as nossas. Como se os terremotos epidêmicos deixassem de pé somente a casa da gente, e as outras não importassem. Assim, o cidadão omissos e os governos

oportunistas olham apenas os votos de hoje, e não para as doenças de amanhã. [Jornal O Globo, p.7, 29.03.2008, Opinião]

As sentenças abaixo, (91) e (92), trazem objetos que comportam um SR, expressos pelo SAdj *apavorados/ /excitado*.

Ex. 91: Um policial foi ferido sem gravidade no braço. Os helicópteros, que já tinham deixado a comunidade, foram novamente acionados para a proteção de policiais encurralados. Os tiros **deixaram** (apavorados)^{SAdj} os moradores, principalmente crianças que chegavam das escolas e idosos. Após sete horas de operação, os policiais civis deixaram a comunidade. No fim da tarde, porém agentes do serviço reservado do 14º BPM –Bangu- também foram à Vila Aliança. [Jornal O Globo, p. 21, 04.04.2008, Violência/Tragédia]

Ex. 92: Ciro Gomes, segundo um amigo, tem demonstrado algum desânimo com as perspectivas da eleição presidencial. Só um assunto o **deixa** (excitado)^{SAdj}: enfrentar o governador de São Paulo, José Serra. – Se Serra for candidato, vou para a disputa de qualquer maneira. É meu dever impedi-lo. [Jornal O Globo, p. 12, 09.04.2008, Política]

As construções de propriedades não-causativas, que lembram aquelas com verbos intransitivos (inacusativos), oferecem-nos a possibilidade de transferirmos o OBJ (tema) da posição dele para a posição de SUJ, isto sem provocar danos a estrutura argumental da sentença. Vejamos os exemplos (93) e (94).

Ex. 93: A água congelou.

Ex. 94: O frio congelou a água.

Os exemplos (93) e (94) demonstram que o OBJ *água* pode passar para a posição de SUJ sem provocar problemas à sentença. O argumento subcategorizado pelo verbo assume essa nova posição, e a mudança de estado foi, como visto em (93), lexicalizada no interior

do verbo; isto é, *congelou* teria como correspondente semântico *fazer com que a água se tornasse gelo*. Através do contexto, conseguimos inferir tal interpretação, a qual retrata a mudança de estado.

As construções resultativas de caminho não-causativo, também conhecidas como construções de movimento intransitivo, são construções em que ocorrem mudanças de estado devido a um movimento. Desta forma, um determinado SN se deslocará para algum ponto, que pode ser expresso por um SPrep que indique o lugar ou por um termo locativo com outra configuração. Nesse tipo de construção, o agente causador do movimento não aparece explicitamente, mas, mesmo assim, é possível analisarmos sentenças desse tipo por meio da relação de causa/efeito, tendo em vista que há um causador/agente implícito que, por meio de uma causa, gera um efeito e que, conseqüentemente, culmina em um resultado. Nesse tipo de construção, tratamos de uma mudança espacial, de localização.

Ex. 95: O *skate* rolou morro abaixo.

Em (95), há uma construção resultativa de movimento intransitivo em que o agente/causador da ação aparece implícito, já que não temos conhecimento de quem a provocou, mas, de qualquer forma, notamos a mudança de estado sofrida pelo *skate*, a qual é representada pela mudança espacial dele, o qual em um momento anterior estava em uma parte mais alta do morro e, como resultado, parou em uma parte mais baixa. Do mesmo modo que há um nome indicando local (abaixo) em (95), poderíamos ter um SPrep representando o resultado, isto é, a mudança de local do tema, como em (96).

Ex. 96: O *skate* rolou para baixo do morro.

Por fim, Goldberg & Jackendoff (2004) propõem as construções resultativas de caminho causativo (construções de movimento causado). Nesse tipo de sentença, o agente causador do resultado aparece explicitamente, o que faz com que o conheçamos, diferentemente dos outros tipos de sentenças em que esse elemento é omitido. Teremos uma construção de movimento causado quando *um elemento X causar algo a Y que se moverá para Z*.

Ex. 97: Edmundo chutou a bola para fora de campo.

Acima, em (97), notamos a presença de um elemento agente/causador da ação *Edmundo* que chuta o SN *a bola para fora do campo*, sendo esse último elemento o resultado, que se constitui em um SPrep, da ação do causador.

Consoante Goldberg & Jackendoff (2004), as construções resultativas são vistas como parte de subconstruções que possuem características em comum, propriedades comuns. Uma característica das construções resultativas é a presença de um SAdj ou um SPrep, ocupando a posição de um argumento verbal. Outro ponto destacado pelos autores são os verbos de caráter avaliativo que produzem sentenças resultativas (*José considerou/julgou Maria perdida.*), as quais mantêm o objeto e o SAdj em posição pós-verbal.

Goldberg & Jackendoff (2004) afirmam que as construções resultativas transitivas têm como hospedeiro, isto é, elemento que sofrerá a mudança de estado, o objeto; já as construções resultativas intransitivas possuem como hospedeiro o sujeito, por exemplo: “*Rodrigo rolou a bola até o fim da rua./ A bola rolou até o fim da rua.*”. Ainda, os verbos que indicam algum tipo de emissão corporal geram um hospedeiro implícito, ou seja, um

argumento implícito, como em: “*O Zé urinou (urina) fora do vaso.*”. Os autores propõem ainda que há dois tipos de eventos com construções resultativas: subevento verbal, determinado pelo verbo da sentença, e um subevento construcional, que é determinado pela construção.

Convém retomar alguns aspectos já ditos, a fim de resumir alguns aspectos relevantes desta seção. Sobre o sujeito das construções resultativas, estes podem ter traço [+volitivo], ou seja, serem agentes, ou traço [-volitivo], isto é, serem causadores. As construções resultativas em Português podem aparecer caracterizadas por um sintagma resultativo interno ou por um sintagma resultativo externo. A presença do sintagma resultativo marca e caracteriza as construções resultativas. A partir disso, o falante opta por um uso ou outro, sendo que cada opção possui valores pragmático-discursivos distintos.

Devido às explicações dos autores, os assuntos *Resultatividade* e *Construções resultativas* tornaram-se mais acessíveis e de mais fácil compreensão, já que não distinguimos as construções resultativas das construções causativas, uma vez que essas são tratadas como sendo um subtipo das resultativas, pertencendo, então, a uma só família.

6. PREDICAÇÕES COM *DEIXAR*: SUA CONFIGURAÇÃO FUNCIONAL E O USO DE PERÍFRASES COM ESSE VERBO EM VEZ DE FORMAS SIMPLES

Esta seção divide-se em duas partes. Na primeira, apresentaremos a análise funcionalista das predicções com *deixar*. Na segunda, trataremos de aspectos relativos à análise sociolinguística da alternância entre predicadores complexos com *deixar* e predicadores simples cognatos.

6.1 ANÁLISE FUNCIONALISTA DE PREDICAÇÕES COM *DEIXAR*

6.1.1 DISTRIBUIÇÃO DOS DADOS POR CONTEXTOS CONSIDERADOS NA CONFIGURAÇÃO DA AMOSTRA

Na amostra, identificamos predicções em que *deixar* tem um dos seguintes estatutos: verbo predicador (pleno ou não-pleno), verbo-suporte, verbo semi-suporte¹⁹.

São considerados verbos predicadores plenos aqueles que: possuem comportamento lexical e são responsáveis pela projeção da predicção (definindo o número de argumentos/participantes envolvidos) e por sua configuração semântica e sintática (definindo a relação sintática entre os elementos e atribuindo-lhes papel temático). Os verbos predicadores não-plenos possuem comportamento semelhante ao do predicador pleno, entretanto apresentam extensão de sentido. *Deixar* atuará como verbo predicador pleno quando possuir o sentido de *abandonar/largar*, caso esteja atuando com outro significado, por extensão de sentido, iremos tratá-lo como predicador não-pleno.

¹⁹ Segue abaixo algumas informações acerca dessas categorias verbais. Mais informações Cf. seção 6.2.2.

Os verbos-suporte são chamados assim, pois possuem baixa densidade semântica e atuam como um *suporte* das categorias gramaticais expressas por um verbo (tempo, modo, número e pessoa), deixando de lado o status de núcleo do predicado e transferindo o núcleo significativo para o elemento não-verbal da estrutura perifrástica. São considerados verbos semi-suporte aqueles que estão “no meio do caminho” do *continuum* de gramaticalização entre verbo predicador e verbo-suporte, isto é, constituem predicados complexos cujo elemento não-verbal: é um predicado nominal antecedido de determinante (*deixar sua marca*); é um pseudo-termo antecedido de determinante (*deixou uma ordem*); é um predicado nominal acompanhado de outro tipo de modificador (*deixou/deu declarações absurdas*)²⁰.

Em (98), (99), (100), (101) temos, respectivamente, exemplos de *deixar* atuando como verbo predicador (com acepção de *abandonar/largar*), verbo predicador não-pleno (com acepção de *permitir*), verbo-suporte (com acepção de *fazer com que fique em certo estado/condição*) e verbo semi-suporte (com acepção de *imprimir/produzir*).

Ex. 98: O crime teria acontecido cerca de uma semana antes do maníaco assassinar uma outra jovem no Rio. Jéssica foi **deixada** semi-nua em um terreno baldio do Jacarezinho, na Zona Norte da cidade. O assassinato aconteceu em fevereiro, mas só ontem os policiais conseguiram identificar a vítima. [Jornal Extra, p.10, 09.09.2008, Notícias]

Ex. 99: Biografia refaz a trajetória de uma jovem da Zona Sul que **deixou** o sexo e as drogas arruinares sua vida, levando-a inclusive a forjar o próprio seqüestro. Ana Karina de Montreuil conta como deu a volta por cima. [Jornal O Globo, p.1, 29.03.2008, Notícia]

Ex. 100: O ex-técnico ficou inconformado ao tomar conhecimento de que um grande churrasco teria sido promovido na Sexta-feira Santa na casa de Beto. Nada a ver com os preceitos da Igreja Católica, que condena consumo de carne na véspera da Páscoa. O que **deixou** a comissão técnica indignada foi a informação de que alguns do time, que empatara com o Bragantino -2 a 2- na quinta-feira, em vez de descansar, teriam ido ao churrasco de Beto. [Jornal O Globo, p.32, 01.04.2008, Esportes]

²⁰ Informações baseadas na obra de VIEIRA, Márcia dos S. M. *Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade* (2004).

Ex. 101: Quando Washington se machucou, o Fluminense já vencia por 1 a 0, gol de cabeça de Roger, aos 20 minutos. Com a saída do atacante titular, Renato Gaúcho deu mais uma chance ao garoto Alan, que já **deixara** sua marca na derrota de 3 a 1 para o Botafogo. E o atacante dos juniores voltou a mostrar faro de gol. [Jornal O Globo, p. 03, 07.04.2008, Esportes]²¹

Abaixo segue uma tabela referente à distribuição das ocorrências de *deixar* quanto a sua natureza categorial.

	Verbo Predicador Pleno		Verbo Predicador não-pleno		Verbo - Suporte		Verbo Semi-suporte		Total	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
Jornal O Globo	18	6%	174	54%	97	29%	39	11%	328	65%
Jornal Extra	4	2%	100	59%	50	29%	16	10%	170	35%
Total	22	4%	274	55%	147	29%	55	12%	498 dados	

Tabela 1: Distribuição das ocorrências de *deixar* quanto a sua natureza categorial.

Por meio da análise da distribuição dos dados, é importante notarmos que há um maior índice de ocorrências com *deixar* funcionando como predicador não-pleno, isto é, com sentido diferente de ‘*abandonar, largar*’.

Com relação às ocorrências do jornal *O Globo*, 54% dos dados atuam como predicador não-pleno; e 29% das ocorrências, como verbo-suporte; ou seja, apresenta baixa densidade semântica e funciona como um suporte das categorias gramaticais expressas pelo

²¹ Nas seções adiante, há mais exemplos de nosso *corpus* em que *deixar* atua com diferentes funções/ categorias.

verbo. Relacionados ao jornal *Extra*, 59% dos dados cumprem o papel de verbo predicador não-pleno. Podemos notar, ainda, que o uso do verbo-suporte foi bastante significativo, alcançando o mesmo percentual (29%) no jornal *O Globo*.

No que tange à atuação de *deixar* como verbo semi-suporte, notamos que o resultado foi um pouco menor em comparação aos arrolados acima, pois apenas 11% dos dados pertencentes ao jornal *O Globo* funcionam como semi-suporte; e 10% do jornal *Extra* atuam nesta categoria. Por fim, *deixar* apresenta um resultado ínfimo quanto a sua atuação como verbo predicador pleno, contando com apenas 6% dos dados do jornal *O Globo* e 2% do Jornal *Extra*.

Outro fator de investigação, que consideramos interessante, está relacionado ao gênero textual em que encontramos as construções com verbo *deixar*. Segue adiante a distribuição dos dados encontrados nos jornais.

	Verbo Predicador Pleno		Verbo Predicador não-pleno		Verbo - Suporte		Verbo Semi-suporte		Total	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
Cartas de Leitores	1	2%	22	62%	8	23%	5	13%	36	7,3%
Textos de Opinião	-	-	4	33%	6	51%	2	16%	12	2,4%
Notícias	21	4%	248	56%	131	29%	46	11%	446	89,6%
Entrevistas	-	-	-	-	2	66,5%	1	33,5%	3	0,3%
Editoriais	1	100%	-	-	-	-	-	-	1	0%
Total	22	4%	274	55%	147	29%	55	11%	498 dados	

Tabela 2: Distribuição das ocorrências de *deixar* por categoria funcional e gênero jornalístico.

Por meio da tabela 2, podemos observar que 89,6% dos dados de nosso *corpus* pertencem às *notícias*. Tal gênero, na maioria das vezes, não se limita a informar sobre o fato, mas também a descrever a maneira como se deram os acontecimentos. Normalmente, o jornalista utiliza a linguagem padrão, é objetivo, claro e direto, expondo o assunto de modo imparcial. Obtivemos 56% dos verbos predicadores não-pletos neste gênero e 29% dos verbos-suporte. Nos demais gêneros textuais, a porcentagem de ocorrências foi mais baixa, apesar de termos coletado o mesmo número de textos para todos os gêneros.

A tabela 2 demonstra-nos que em textos de opinião e entrevistas, que também apresentam opinião, há maior número de verbos-suporte. Tal resultado pode ser derivado do fato de nesses textos haver, normalmente, mais adjetivos avaliativos. Em notícias, ao contrário, há mais narrativas; com isso, os dados de *deixar* acabam por fazer parte de seqüências narrativas.

Nosso terceiro contexto de investigação está relacionado ao assunto veiculado pela notícia em que encontramos as ocorrências. Como este gênero textual alcançou o maior número de ocorrências, resolvemos especificar sobre quais assuntos essas notícias foram redigidas. Por conta disso, distribuímos-nas em cinco categorias, são elas: *fatos gerais*, *esportes*, *economia*, *política* e *violência/tragédia*. Segue abaixo uma tabela referente à distribuição das ocorrências do verbo *deixar* pelo assunto veiculado na notícia.

	Verbo Predicador Pleno		Verbo Predicador não-pleno		Verbo Suporte		Verbo Semi-suporte		Total	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
Notícias Gerais	15	10%	77	53%	40	27%	15	10%	147	33%
Notícias Esportivas	-	-	74	57%	42	32%	15	11%	131	29,4%
Notícias Econômicas	3	7%	18	42%	15	35%	7	16%	43	9,6%
Notícias Políticas	2	3,5%	35	61,5%	16	28%	4	7%	57	13%
Notícias de Violência	1	1,5%	44	65%	18	26,5%	5	7%	68	15%
Total	21	4%	248	55%	131	29%	46	10%	446 dados	

Tabela 3: Distribuição das ocorrências de *deixar* por categoria funcional e temática tratada nas notícias.

Dos nossos 446 dados que pertencem às notícias, 33% dos dados estão ligados a textos que tratam de assuntos gerais. Temos 29,4% das ocorrências associadas às notícias esportivas, 15% ligadas a assuntos relacionados à violência/tragédia, 13% das notícias vinculam-se à política e 9,6% tratam de fatos da economia. Vale salientar que a maioria das notícias apresenta o uso de *deixar* como verbo predicador não-pleno; com expressividade menor, temos as notícias utilizando *deixar* como verbo-suporte. Tal fato nos revela que, apesar de *deixar* ser mais utilizado como predicador, o seu uso em perífrases verbais tem-se mostrado expressivo, já que alcançou índices relevantes comparado ao seu uso como predicador. Na verdade, desde a primeira tabela configura-se esse quadro de maior

produtividade desse item na categoria de Vpredicador não-pleno seguido de seu uso na categoria de Vsuporte.

Por fim, cabe informar sobre a forma verbal de *deixar* – outro aspecto observado em nossa análise, diz respeito à sua atuação na forma finita ou não-finita.

	Verbo Predicador Pleno		Verbo Predicador não-pleno		Verbo Suporte		Verbo Semi-suporte		Total	
	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%	OCO	%
Forma finita	10	5%	113	62%	41	22%	21	11%	185	37%
Forma não-finita	12	4%	161	51%	106	34%	34	11%	313	63%
Total	22	4%	274	55%	147	30%	55	11%	498 dados	

Tabela 4: Distribuição das ocorrências de *deixar* por categoria funcional e por forma verbal.

Em 63% de nossos dados, *deixar* apresentou-se em uma de suas formas nominais, tais como: infinitivo, gerúndio ou particípio, atuando, portanto, na forma não-finita. Convém salientar que, atuando na forma finita, 62% dos dados funcionaram como verbo predicador não-pleno, contra 22% dos dados que atuaram como verbo-suporte; portanto, mais uma vez obtivemos mais ocorrências com *deixar* funcionando como predicador. Na forma não-finita, 51% dos dados atuaram como predicador não-pleno e 34% dos dados, como suporte. Abaixo segue, respectivamente, um primeiro exemplo (102) de *deixar*

atuando na sua forma não-finita (infinitivo) e um segundo exemplo (103) de *deixar* na forma finita.

Ex. 102: Caio Júnior é sondado por Joel para **deixar** a Gávea. No fim de 2005, Joel Santana trocou a Gávea pelo Vegalta Sendai, do Japão. Em dezembro deste ano, pode ser a vez de Caio Junior ir para o outro lado do mundo. O técnico tem sido sondado por um grupo do país. [Jornal Extra, p.5, 28.10.2008, Esportes]

Ex. 103: O mar que parecia começar a se acalmar no Fluminense voltou a ficar revoltado. Isso porque, a três dias da partida contra o Palmeiras, o goleiro Fernando Henrique sofreu um choque na mão direita, **deixou** o gramado chorando e sua presença amanhã, no Maracanã, não é considerada certa. . [Jornal Extra, p.4, 24.10.2008, Esportes]

6.1.2 ESTRUTURAS DE PREDICAÇÃO COM *DEIXAR*

Detectamos, em nosso *corpus*, oito configurações diferentes em que *deixar* atuou, que serão ilustrados mais adiante. Dessas oito estruturas, apenas uma delas se refere à atuação de *deixar* como verbo-suporte; as demais são referentes a *deixar* funcionando como verbo predicador (pleno ou não-pleno).

Antes de elencarmos as estruturadas, gostaríamos de repensar o processo de gramaticalização com o verbo *deixar*. A gramaticalização pode ser entendida como um processo gradual e contínuo, tanto diacrônica, quanto sincronicamente e, por conta disso, deve ser descrita através de um *continuum*. O processo de gramaticalização de um item começa com a mudança do conteúdo lexical para o conteúdo gramatical, tal mudança precede, normalmente, todas as outras posteriores. Consoante Hopper & Traugott (1993), nos primeiros estágios de gramaticalização ocorre, muitas vezes, um enriquecimento

pragmático, ou seja, há ganho de significação pragmática, enquanto que nos estágios posteriores é mais típico ocorrer a dessemantização (*bleaching*/desbotamento semântico).

Heine (1993) propõe uma escala de gramaticalização composta de sete fases. Um verbo na *fase 1 ou 2* é considerado como verbo pleno. Já na *fase 3*, o verbo é considerado como semi-auxiliar. O verbo que se encontra na *fase 4 ou 5* pode ser considerado como verbo-auxiliar. Na *fase 6*, consideramos o elemento verbal como um auxiliar ou um afixo. E, finalmente, na *fase 7*, temos um afixo ou uma desinência flexional.

De acordo com Heine (1993), na *fase 1*, o verbo apresenta a sua significação lexical plena e, além disso, o seu complemento designa, na maioria das vezes, um objeto concreto. Na *fase 2*, o complemento, que ainda pode ser nominal, passa a expressar uma situação dinâmica e será expresso por uma forma nominal (infinitivo, gerúndio, particípio) ou por uma forma completiva. Na terceira fase, *fase 3*, as restrições de seleção do sujeito começam a desaparecer, por exemplo, não é necessário que o sujeito se relacione a referentes humanos, e o verbo passa a contribuir mais gramaticalmente (denotando os aspectos de tempo, modo, pessoa, número). Por conta disso, o verbo passa a combinar-se com infinitivo, gerúndio ou particípio, não admitindo mais uma completiva. Nesta fase, há somente um sujeito e o verbo e seu complemento se referem ao mesmo tempo. Na *fase 4*, o verbo começa a perder as suas propriedades sintáticas, como, por exemplo, perdem a capacidade de formar frases do tipo imperativo, a capacidade de nominalização e apassivação. Nesta fase, o verbo passa a associar-se a uma única forma nominal do verbo. Estando na quinta fase, *fase 5*, o verbo já perdeu muitas das suas características e propriedades verbais (tais como: poder ser negado separadamente e ocorrer em outra posição na oração). Apesar disso, o verbo ainda conserva algumas propriedades, apresentando-se como um elemento lingüístico híbrido, combinando, então, características

de verbo e de marcador gramatical. A *fase 6*, é um estágio em que o verbo já perdeu todas as suas propriedades verbais, tornando-se um elemento gramatical. Nesta fase o seu complemento é interpretado com valor nuclear na oração. Por fim, na *fase 7*, o verbo torna-se um típico marcador gramatical reduzido a um afixo monossilábico e o seu complemento torna-se, praticamente, um verbo principal.

À luz dos princípios supramencionados, tentaremos demonstrar, superficialmente, o que há de gramaticalização no verbo *deixar*. Convém salientar a significação desse verbo (*laxare* > *leixar* > *deixar*) que, hoje, possui o significado prototípico de *abandonar*. *Deixar* passou de afrouxar/largar → largar/soltar/libertar → abandonar/afastar-se.

As construções resultativas com *deixar* representam uma abstração do significado prototípico desse verbo. As construções do tipo **X fazer Y tornar-se Z** passa em vários testes de auxiliaridade. Tais construções não admitem completiva; possuem o mesmo sujeito que o respectivo elemento auxiliado (adjetivo, adjetivo participial, sintagma com valor adjetival); não podem ser negadas nem apassivadas separadamente, ou seja, sem o termo auxiliado. Através da escala de Heine (1993), podemos localizar o verbo *deixar* atuando em diferentes fases, podendo atingir até as fases 4 ou 5, a depender da ocorrência²². Quanto ao critério semântico, as construções resultativas apresentam uma relevante abstração da significação lexical de *deixar* (*fazer com que fique em certo estado/ condição x abandonar*).

Nas construções resultativas, o verbo *deixar* perde a idéia de separação/afastamento (ou esse transforma-se em um afastamento psicológico) e a idéia de cessação de uma ação prévia, ganhando valor *terminativo* em relação ao processo e *ingressivo* em relação ao novo

²² Consoante SILVA (1999) *deixar*, a depender do seu uso e de sua configuração, pode atuar desde a *fase 1* até a *fase 5* da escala de Heine.

estado, o qual se adequa ao caráter inesperado do processo psíquico (*O menino deixou [o pai → enlouquecido]*). A gramaticalização sofrida por *deixar* nas construções resultativas reflete um afastamento relacional/psicológico, que não deixa de denotar certo *abandono* de estado/característica, relacionando tal construção ao valor prototípico do verbo. O resultado dessa construção pode ser expresso por um adjetivo (*deixou triste*), um adjetivo participial (*deixou espantado*) ou um sintagma preposicionado de valor adjetival (*deixou de boca aberta*). No caso dos resultados expressos pelo participípio, eles podem ter valor nitidamente verbal (*deixou encarregado*), mas também adjetival (*deixou escandalizado, deixou surpreendido*).

6.1.2.1 ESTRUTURAS DE PREDICAÇÃO COM *DEIXAR* ATUANDO COMO VERBO PREDICADOR

Apresentaremos a seguir as predicções com *deixar* em que este atua como verbo predicador. A fim de fazer uma apresentação mais organizada dessas estruturas, iremos demonstrá-las seguindo a ordem de produtividade das mesmas em nossa amostra.

A estrutura que se mostrou mais produtiva em nosso *corpus* é relativa às construções do tipo {**Arg 1** Agente [+controlador do evento] + **DEIXAR** + **Arg 2** Tema}. Nessa estrutura, o Vpredicador *deixar* revela o valor de *abandonar/largar*. Comparada às demais, essa estrutura representa 23% dos dados. Ainda, em relação a essa estrutura, 88% dos seus dados são verbos predicadores não-pletos e 12% são predicadores pletos. Vejamos abaixo os exemplos (104) e (105) retirados de nosso *corpus*.

Ex. 104: Superintendente troca BNDES por Vale e provoca polêmica. (**Luciano Pires**) Arg 1 - Agente **deixou** (a secretaria executiva da presidência do BNDES) Arg 2 - Tema e assumiu cargo de diretor da Vale, após a empresa obter R\$ 7,3 bi do banco. [Jornal O Globo, p. 02, 09.04.2008, Notícias]

Ex. 105: Além de convênios em programas sociais, os dois conversaram sobre política, como afirmou o próprio ministro ao sair da audiência. Após muito resistir, **(Lupi)** ^{Arg 1 - Agente} **deixou (a presidência do PDT)** ^{Arg 2 - Tema} devido a um parecer da Comissão de ética Pública que considerou impróprio o acúmulo dos cargos. [Jornal O Globo, p. 05, 08.04.2008, Política]

Nas sentenças arroladas acima, o Arg₁ é *agente* da ação, ou seja, ele é o argumento da sentença que designa a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação. Já o Arg₂ recebe papel temático de *tema*, ou seja, trata-se de um argumento que sofre, é movido, é percebido ou é experimentado pela ação.

Em nossa amostra, a segunda estrutura mais produtiva possui a formatação { **Arg 1** ^{Agente [+ controlador do evento]} + **DEIXAR** + **Arg 2** ^{Locativo} }. O Arg₁, neste caso, é agente da ação e o Arg₂ manifesta-se como um locativo, papel temático do argumento que exprime a localização espacial de uma entidade. Essa estrutura manifesta-se num número alto de ocorrências da amostra, tendo sido responsável por 20% dos dados de nosso *corpus*. Atuando com essa formatação, 100% das ocorrências atuou com a acepção de ‘sair de’, funcionando como verbo predicador não-pleno. Abaixo, os exemplos (106), (107) e (108) ilustram esse tipo de estrutura:

Ex. 106: (Daiane dos Santos) ^{Arg 1 - Agente} foi submetida, ontem, em São Paulo, a uma astroscofia no joelho direito para desbridamento -remoção de fragmentos- articular e ganho de movimento, além de uma osteotomia femural para a correção do alinhamento ósseo de sua perna direita. **(A atleta)** ^{Arg 1 - Agente} **deve deixar (o hospital)** ^{Arg 2 - Locativo} hoje, mas ficará de quatro a seis meses sem competir. [Jornal Extra, p.11, 24.10.2008, Esportes]

Ex. 107: Uma pesquisa inédita sobre a intenção d(o carioca) ^{Arg 1 - Agente} de viajar, feita na Semana Santa, revelou que **(72% deles)** ^{Arg 1 - Agente} **não pretendiam deixar (o Rio)** ^{Arg 2 - Locativo}, enquanto 25% disseram que iam sair da cidade. O interior do estado, com 79%, foi o principal destino escolhido por quem decidiu viajar. [Jornal O Globo, p.27, 30.03.2008, Notícia]

Ex. 108: Quatro dias antes da fuga, um ofício da Secretaria de Administração Penitenciária autorizava a saída de (Ricardo Teixeira Cruz, o Batman,) ^{Arg 1 - Agente} de Bangu. **(Ele)** ^{Arg 1 - Agente} **iria deixar (a unidade)** ^{Arg 2 - Locativo} para fazer um exame, em um oftalmologista, no Hospital Penal Fábio Soares Maciel. [Jornal Extra, p.13 31.10.2008, Violência]

A terceira estrutura mais produtiva com *deixar*, atuando como verbo predicador, representou 6% dos dados de nosso *corpus*. Tal estrutura possui a configuração {**Arg 1** ^{Agente [+ controlador do evento]} + **DEIXAR** + **Arg 2** ^{Tema} + **Arg 3** ^{Locativo} }, que obteve ocorrências de *deixar* funcionando tanto como verbo predicador pleno (13,3%) quanto como verbo predicador não-pleno (86,7%). Essa estrutura possui em sua configuração três argumentos com os seguintes papéis temáticos: o Arg₁ é *agente* da ação, o Arg₂ trata-se do *tema*, enquanto o Arg₃ é um *locativo*. Vejamos os exemplos (109) e (110), os quais possuem como acepção correspondente à idéia de *pôr algo/alguém (em algum lugar)*:

Ex. 109: **(Alexandre)** ^{Arg 1 - Agente} afirma que destrancou a porta, **deixou (a menina)** ^{Arg 2 - Tema} **(na cama dela)** ^{Arg 3 - Locativo} e acendeu o abajur. Disse ter trancado a porta, descido à garagem e subido com a mulher e os outros filhos. Ele contou ter destrancado a porta e ido ao quarto da filha, cuja luz estava acesa. [Jornal O Globo, p.9, 01.04.2008, Violência/Tragédia]

Ex. 110: O Fiesta foi encontrado na madrugada de ontem, em frente ao número 211 da Rua São Miguel, próximo ao morro do Borel, na Tijuca. Para a polícia, **(os bandidos)** ^{Arg 1 - Agente} podem ser da favela. Mas também há a hipótese de serem de uma facção inimiga à dos traficantes do Borel e de terem **deixado (o carro)** ^{Arg 2 - Tema} **(naquele local)** ^{Arg 3 - Locativo} para incriminar os rivais. . [Jornal O Globo, p.15, 01.04.2008, Violência]

A quarta estrutura analisada diz respeito às seguintes construções: {**Arg 1** ^{Agente [+ controlador do evento]} + **DEIXAR** + **Arg 2** ^{Tema} + **Arg 3** ^{Receptor/Beneficiário} }. Neste caso, o Arg₁ possui papel temático de agente, o Arg₂ é *tema* e o Arg₃ trata-se do

receptor/beneficiário/alvo, isto é, será o argumento que designará a entidade para a qual algo foi transferido, num sentido locativo ou não. Dos nossos 498 dados, apenas 3,6% possuem tal estrutura, sendo que em todas elas *deixar* atua como verbo predicador não-pleno, ou seja, com valores semânticos diferentes de *abandonar/largar*. Seguem abaixo duas ocorrências (111 e 112), as quais possuem a acepção de *transferir/ceder*.

Ex. 111: (O prefeito César Maia) ^{Arg 1 - Agente} gosta de aparecer nos intervalos da novela “Duas Caras” para mostrar suas obras faraônicas, tudo muito bonito, mas inacabadas. Diz que **deixará (um saldo de caixa)** ^{Arg 2 - Tema} **(para seu sucessor)** ^{Arg 3 - Beneficiário}, ótimo! Ele deveria deixar de bancar o povão para, neste resto de governo, voltar seus olhos para o estado falimentar de nossas redes hospitalares como Geral de Bonsucesso, Andaraí, Sevidores do estado, Rocha Faria etc., que estão sucateados. [Jornal O Globo, p.6, 31.03.2008, Carta de leitores]

Ex. 112: Em nenhum outro estado há agentes contratados pelo executivo federal. Embora pague seus salários, o Ministério da Saúde os cedeu à **(Secretaria de Estado)** ^{Arg 1 - Agente}, que os distribui pelos municípios sem critérios objetivos, **deixando (a fiscalização)** ^{Arg 2 - Tema} **(para os municípios)** ^{Arg 3 - Beneficiário}. Faltam agentes no município do Rio de Janeiro e sobram na Baixada Fluminense, que mesmo assim não está livre da dengue. [Jornal O Globo, p. 06, 11.04.2008, Opinião]

Nos exemplos arrolados acima, *deixar* alcança um valor transferencial (transferência: meta → destinatário), o qual está envolvido, de certa forma, na noção de alocação de uma meta (tema ou paciente) em direção a um destinatário.

Outra estrutura encontrada em nossa amostra possui a formatação: {**Arg 1** Paciente[- controlador do evento] + DEIXAR + **Arg 2** Locativo .} tal estrutura mostrou-se pouco produtiva em nosso *corpus*, englobando somente 2,3% de nossos dados. Apesar disso, tal construção obteve dados tanto funcionando como predicador pleno (27%), quanto atuando como predicador não-pleno (73%). Vale salientar que, diferente da estrutura

{**Arg 1** _{Agente [+ controlador do evento]} + DEIXAR + **Arg 2** _{Locativo} }, essa possui como Arg₁ um elemento *paciente*, o qual sofrerá a ação. Em {**Arg 1** _{Paciente[- controlador do evento]} + DEIXAR + **Arg 2** _{Locativo} .} temos uma estrutura com o mesmo sentido da construção com **Arg 1** _{Agente [+ controlador do evento]}, entretanto nosso Arg₁, agora, trata-se de um elemento paciente e nossa construção encontra-se na voz passiva analítica. Seguem alguns exemplos (113, 114 e 115) extraídos do *corpus*, os quais, nessa estrutura, possuem como extensão de sentido a acepção de *algo/ alguém ser posto em algum lugar*.

Ex. 113: O titular da Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis (DRFA) Ronaldo Oliveira garantiu que toda semana é feita uma vistoria n(os **carros**) ^{Arg 1 - Paciente} **deixados (no terreno)** ^{Arg 2 - Locativo} . Ele disse ainda que pediu à prefeitura que retire o matagal que toma conta da área. [Jornal O Globo, p.23, 29.03.2008, Notícia]

Ex. 114:O delegado Calil Filho disse que a polícia deve investigar ainda a possibilidade de (a **garota**) ^{Arg 1 - Paciente}, bastante ferida, ter sido **deixada (no jardim do prédio)** ^{Arg 2 - Locativo} e não lançada do sexto andar. – Até existem boatos de que a criança poderia ter sido deixada lá no jardim. Não tinha ninguém no prédio, só estava o porteiro lá, então até poderia. [Jornal O Globo, p.3, 02.04.2008, Violência/Tragédia]

Ex. 115: Dois fatos derrubariam a tese de que (a **menina**) ^{Arg 1 - Paciente} não caiu, e sim **foi deixada (no local)** ^{Arg 2 - Locativo} : - As fraturas no corpo da garota não foram suficientes para o efeito da morte, que ainda foi socorrida com vida no jardim. E o porteiro garantiu ter ouvido um barulho naquele horário -por volta de 23h30m de sábado- como se fosse um corpo caindo no chão – completou o delegado. [Jornal O Globo, p.3, 02.04.2008, Violência/Tragédia]

Outra estrutura encontrada em nosso *corpus* possui a configuração {**Arg 1** _{Fonte} + DEIXAR + **Arg 2** _{Tema} }. O Arg₁ nesse tipo de estrutura recebe papel temático de *fonte*, que designa a entidade que está na origem de uma dada situação, embora sem a controlar. Essa estrutura mostrou-se menos comum, representando apenas 2% de nossos dados, devido ao

fato de ela não ser tão utilizada com *deixar*. Nessas estruturas, *deixar* possui como acepção *produzir/provocar*, como observado em (116) e (117).

Ex. 116: (Toda essa agitação) ^{Arg 1 - Fonte}, bem orquestrada e manipulada, sobre o vazamento de informações das contas de FHC parece mesmo “fogo amigo” para atingir a possível candidata Dilma Rousseff. E, o pior, **deixa (a suspeita séria que FHC, por trás da fumaça amiga, trabalha na moita por sua volta à Presidência.)** ^{Arg 2 - Tema} [Jornal O Globo, p.6, 01.04.2008, Cartas de leitores]

Ex. 117: (A exploração desordenada dos garimpeiros) ^{Arg 1 - Fonte} – a cidade chegou a ter cinco mil homens trabalhando na extração mineral – atrás das pedras preciosas **deixou (um rastro de destruição e sofrimento)** ^{Arg 2 - Tema}. Quem permaneceu na cidade ficou com o que sobrou de pior: áreas degradadas, córregos assoreados, desemprego pleno e muitos, por falta de opção, morando nas antigas barracas de lonas usadas nos acampamentos de garimpeiros. [Jornal O Globo, p. 25, 09.04.2008, Economia]

Outra estrutura encontrada em nosso *corpus* está relacionada à construção {**Arg 1** Agente [+ controlador do evento] + DEIXAR + **Arg 2** Tema + oração}. É interessante notar, de acordo com a perspectiva da predicação complexa (uma predicação dentro de outra predicação), que o Arg₂ (tema) faz parte da oração, é o sujeito dela, entretanto recebe caso acusativo, denotando seu estatuto híbrido. Nessa estrutura, o *tema* de *deixar* é toda a oração reduzida que inclui seu sujeito. Podemos testar essa afirmação feita, substituindo toda a oração por ‘isso’. Obtivemos poucos dados com essa estruturação, os quais representaram 1,6% do total das ocorrências. Vale salientar que, em tais dados, *deixar* funciona como verbo predicador não-pleno, com a acepção de *permitir/consentir*. Eis algumas ocorrências (118, 119 e 120) desse tipo.

Ex. 118: Biografia refaz a trajetória de (uma jovem da Zona Sul) ^{Arg 1 - Agente} que **deixou** (o sexo e as drogas) ^{Arg 2 - Tema} (arruinarem sua vida)^{oração}, levando-a inclusive a forjar o próprio seqüestro. Ana Karina de Montreuil conta como deu a volta por cima. [Jornal O Globo, p.1, 29.03.2008, Notícia - 5]

Ex. 119: Ao comentar sobre (Jorge Luiz)^{Arg 1 - Agente}, que **deixou** (a bola)^{Arg 2 - Tema} (sair no lance do gol)^{oração}, achando que a posse era do Vasco, e cedendo o escanteio, Renato Gaúcho preferiu não criticar: - Tem de dar força. [Jornal Extra, p.6, 31.10.2008, Esportes - 10]

Ex. 120: Num movimento destinado a ajudar a combater a inflação e reduzir os atritos comerciais do país com o mundo, (o governo da China)^{Arg 1 - Agente} **deixou** (o yuan)^{Arg 2 - Tema} (atingir 6,9920 por dólar)^{oração}, rompendo a barreira psicológica dos sete yuans pela primeira vez desde o fim do câmbio fixo, em julho de 2005. [Jornal O Globo, p. 25, 11.04.2008, Economia - 260]

A última estrutura com *deixar*, atuando como verbo predicador, mostrou-se pouco produtiva (representando 1% de nossas ocorrências), configurando-se da seguinte forma: {**Arg 1** Paciente [- controlador do evento] + **DEIXAR** + **Arg 2** Agente }. Temos, neste momento, outra estrutura representada na voz passiva analítica. Apesar de ocorrer a inversão dos termos gramaticais da oração, a relação passividade/atividade não se altera. Essa estrutura é semanticamente semelhante à primeira aqui demonstrada {**Arg 1** Agente [+controlador do evento] + **DEIXAR** + **Arg 2** Tema}. A estrutura que se apresenta na voz passiva possui como acepção *algo ser abandonado/largado por alguém*. A fim de ilustrarmos essa construção, seguem os exemplos (121), (122) e (123).

Ex. 121: Depois dos acontecimentos dos últimos dias, Mark Penn pediu para deixar a função da principal estrategista da campanha Hillary. Ele, no entanto, continuará prestando assessoria para a campanha – disse Maggie Williams, diretora do comitê de Hillary. Ainda segundo Maggie, Howard Wolson, diretor de comunicação, e o pesquisador Geoff Wolson, devem assumir (**as funções**)^{Arg 1 - Paciente} **deixadas (por Penn)**^{Arg 2 - Agente}. [Jornal O Globo, p. 26, 07.04.2008, Notícias]

Ex. 122: De acordo com o delegado, a grande preocupação agora é tentar impedir que (**o espaço**)^{Arg 1 - Paciente} **deixado (pelo grupo liderado por Jerominho e Natalino)**^{Arg 2 - Agente} seja retomado até mesmo pelo tráfico de drogas. – Temos a preocupação de reprimir qualquer tipo de atividade criminosa. [Jornal Extra, p.23, 19.09.2008, Notícias - 420]

Ex. 123: Na segunda-feira, os agentes deverão voltar aos cemitérios para uma ação preventiva de recolhimento de vasos e outros recipientes com (**plantas e água**)^{Arg 1 -}

Paciente **deixados (pelos visitantes)** Arg 2 – Agente . Além de dengue, a Santa Casa quer evitar que pequenos roubos aconteçam dentro de suas dependências. [Jornal Extra, p.4, 31.10.2008, Notícias]

Outro aspecto que nos auxilia na análise da configuração de predicções com *deixar* é a configuração sintagmática do termo complemento adjacente a *deixar*, o qual pode ser representado por um SN, SPrep, SAdj ou SAdv. De um total de 498 dados, houve maior número de ocorrências (53,6%) com SN (*deixou os filhos*), em que este aparece contíguo ao verbo *deixar* funcionando como verbo predicador, como em (124):

Ex. 124: O vôo inaugural da Flex Linhas Aéreas, companhia que faz parte da Varig antiga, em recuperação judicial, que decolou ontem do aeroporto Santos Dumont, no Rio, com destino a Salvador, marcou também a saída do gestor judicial da Varig, Miguel Dau. (**Ele**)^{Suj}, que pilotou a aeronave, um Boeing 737-300, confirmou que **deixará (o cargo)**^{SN} amanhã, depois de quase dois anos à frente da antiga Varig, após a aprovação do plano de recuperação judicial da empresa pelos credores. [Jornal O Globo, p.37, 30.03.2008, Economia]

6.1.2.2 ESTRUTURAS DE PREDICAÇÃO COM *DEIXAR* ATUANDO COMO VERBO-SUPORTE

Verbo-suporte, verbo leve, verbo de apoio, verbos gerais, verbos funcionais, verbóides, verbalizadores são alguns nomes utilizados para designar as formas que funcionam como suporte das categorias gramaticais vinculadas aos verbos, isto é, expressas pelo verbo; neste caso, o verbo-suporte perde o seu papel de núcleo do predicado (*deixar o menino triste, deixar o pai alegre, deixar o carro estacionado*).

Os verbos-suporte funcionam como um operador gramatical sobre um elemento não-verbal, que juntos constituem uma unidade complexa, como em: *deixar triste/ entristecer; deixar alegre/ alegrar; deixar estacionado/ estacionar*. Nessas construções,

notamos a presença de um verbo-suporte. Esses verbos, ao invés de deterem a condição de núcleo significativo, transferem esta função para os nomes que estão ligados a eles. Borba (1996), sobre a valência dos verbos, define verbos plenos como aqueles que possuem significação lexical e que, conseqüentemente, se tornam núcleo do predicado em um sintagma verbal. Há abaixo alguns exemplos em que *deixar* concentra em si a predicação do enunciado.

Ex. 125: Ele foi parado pelos criminosos quando passava pela Rua José Freire de Lima, no bairro Centenário, em Duque de Caxias, e recebeu ordem para *deixar* o cadáver longe da favela. Alcione procurou um posto da Polícia Militar. No portamalas, os policiais encontraram o corpo de um homem branco, ainda não identificado, aparentando ter cerca de 30 anos e vestindo jaqueta e bermuda verde. [Jornal O Globo, p. 19, 03.04.2008, Notícias]

Deixar, entretanto, em alguns contextos, tende ao enfraquecimento semântico, o que permite uma maior atuação do nome na significação do predicado, classificando-se como verbo-suporte, que Borba (1996) define como:

(...) verbos que, tornando-se vazios de sua significação léxica, compõem sintagmas complexos introduzindo predicados nominais cujo núcleo é um nome/ adjetivo. Chamam-se verbalizadores por apontarem para a função verbal (= predicativa) do nome/ adjetivo que introduzem e verbo-suporte por suportarem ou expressar categorias verbais como tempo, modo, número e pessoa. (BORBA, 1996)

Abaixo há um exemplo retirado no nosso *corpus* em que *deixar* funciona como um verbo-suporte.

Ex. 126: Uma outra troca de tiro **deixou** em pânico quem passava pelo entorno do Shopping Tijuca, no início da manhã de ontem. Ricardo Júlio de Souza, de 31 anos, foi preso. PMs apreenderam com ele uma pistola 380. Segundo a polícia, Ricardo roubou o Peugeot da analista de suporte Vera Regina, de 47 anos, na esquina da Rua Barão de Mesquita com a Avenida Maracanã, próximo a um quartel do Exército. [Jornal O Globo, p. 19, 04.04.2008, Violência/Tragédia]

Borba (1996) comenta, ainda, que construções com verbalizadores, normalmente, derivam do nome abstrato do verbo pleno correspondente à construção com verbo-suporte. Os verbos-suporte nem sempre terão um sintagma (< verbo-suporte + SN>) equivalente a um verbo sinônimo na língua, por isso não podemos utilizar tal método como critério de identificação dos verbos leves. Há casos, portanto, em que não teremos um verbo pleno correspondente, como no exemplo (127), em que não há um verbo correspondente para *deixar perplexo*.

Ex. 127: Milly D'Abbraccio, umas das mais conhecidas atrizes do cinema pornô italiano e candidata à vereadora em Roma, **deixou** os italianos perplexos ontem ao espalhar por toda a cidade cartazes em que mostra seu generoso traseiro e que tem um slogan que, segundo ela, pretende incentivar os eleitores a votarem: “Basta com essas caras de bunda na política”. [Jornal O Globo, p. 35, 10.04.2008, Notícias]

Segundo Neves (2000), o uso de formas analíticas, isto é, de construções complexas, possivelmente, pode ser explicado pelo fato de haver²³: a) uma tendência na língua ao uso de construções com verbo-suporte; b) maior versatilidade sintática; c) precisão semântica específica; d) maior adequação ao tipo de registro utilizado na situação comunicativa.

²³ Neves (2000) elenca quatro possíveis motivações – efeitos especiais - para o uso das construções com verbo-suporte.

Fatores como os supramencionados, muitas vezes, pesam na escolha do falante, uma vez que este pode escolher entre o uso de uma forma simples ou uma forma composta. Quanto à versatilidade sintática, o uso de uma ou outra forma (construção com verbo pleno cognato ou construção com verbo-suporte) permite ao usuário da língua variar a expressão lingüística utilizada. Em relação à obtenção de maior precisão semântica, o falante pode optar por uma forma perifrástica a fim de atingir determinado efeito de sentido, que pode não ser alcançado com outro tipo de construção. Além disso, o usuário pode almejar alcançar certa adequação lingüística, obtida somente com a perífrase, com o intuito de utilizar o que é mais comum, mais usual em determinada situação comunicativa.

Neves (2000) define os efeitos especiais, aos quais faz referência, como sendo de quatro categorias: sintática, comunicativa, semântica e textual. A seguir, detalharemos tais fatores apresentados pela autora.

A obtenção de maior versatilidade se dá por fatores como: *i*) a adjetivação do nome que complementa o verbo-suporte, por meio da qual é possível obter maior precisão na qualificação, especificação do elemento nominal, como em: O guarda resolveu *fazer* uma *vistoria* mais caprichada. / A Lalice *deu* uma *risadinha* amarela²⁴. *ii*) a determinação do elemento nominal, pois ela permite uma melhor condição de possessivação reflexiva, quantificação, como em: Loureba esfarrapado chegou e *deu* a sua *risadinha*. / *Tenho pouca informação* sobre o que aconteceu no Brasil. *iii*) a adjunção de uma oração relativa, visto que através dela há a possibilidade de se restringir o nome que entra na construção com verbo-suporte, como em: Pesquisas que fizemos nos convencem que a posição do poeta (...) não foi totalmente fixada. *iv*) a obtenção de condições para reduzir a valência de um

²⁴

Os exemplos aqui utilizados foram expostos pela autora, Neves (2000).

predicado, como em: Os fiscais da Secretaria de Obras *fizeram vistoria*, mas não o interditaram.

A fim de obter maior adequação comunicativa, o falante pode utilizar a perífrase: *i)* para adequar seu discurso ao registro, de acordo com sua necessidade, como em: Eu devia *dar uma surra* de moer em você. *ii)* para sugerir gestos, movimentos, atitudes que configuram, mais especificamente, ações, processos, e estados verbalizados, como em: Julião *dá uma risada*. *iii)* para alongar o predicado, obtendo maior equilíbrio do efeito informativo. *iv)* para alterar a organização informativa da sentença, modificando o fluxo da informação do texto.

Tencionando obter maior precisão semântica, o falante pode usar a perífrase: *i)* para definir melhor a natureza do predicado, ou seja, definir se seu status indica ação, estado ou processo. *ii)* para acentuar um determinado papel semântico do participante, como em: Chico *faz uma saudação* à mulher, que vem entrando, com dois pacotinhos de dinheiro e sai. *iii)* para configurar um aspecto verbal particular, como em: Não agüentei e *dei uma risada*. *iv)* para obter uma construção de acepção não-idêntica à obtida com o verbo pleno correspondente, como em: Eu também *faço parte* do fã clube do Giovane. *v)* para obter maior circunscrição da expressão, pela possibilidade de focalização do nome envolvido na construção, como em: Prestar a esses associados toda a assistência devida *fazendo* inclusive *reclamações*.

Com o intuito de obter efeitos na configuração textual, a perífrase pode ser usada: *i)* para fazer remissão textual, como em: Itamar Franco não fez essa afirmação. *ii)* para fundar um referente textual a fim de retomá-lo posteriormente, como em: Quando ele *dá uma definição* depende se essa definição é (...).

Notamos que, apesar de admitirmos que as construções com VSup + SN/SAdj possuem o mesmo significado básico dos verbos plenos correspondentes, Neves (1996, 2001) mostra-nos que a opção por uma ou outra forma pode resultar da intenção de expressar/marcas efeitos diferentes, isto é, de matizes diferenciadas. Cabe, então, avaliarmos qual ou quais desses efeitos mais afastam as perífrases de uma sinonímia *satisfatória*, já que consideramos que não existem sinônimos perfeitos na língua.

A estrutura seguinte está relacionada às construções com verbo-suporte, ou seja, às construções perifrásticas do tipo:

$$\{ \text{Arg 1}_{\text{Agente/causador [+controlador do evento]}} + \text{DEIXAR} + \underbrace{\text{Arg 2}_{\text{Tema}} + \text{SAdj/SPrep}}_{\text{Predicação complexa/ SR}} \}.$$

resultado

As construções com verbo-suporte mostraram-se bastante produtivas, abrangendo 40,5% dos nossos dados, essa foi a estrutura mais utilizada em todo o nosso *corpus*. Tal construção demonstra um resultado expresso pelo verbo na forma de uma predicação complexa. Vejamos os exemplos que seguem (128, 129 e 130):

Ex. 128: De acordo com Andrew Storfer, vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, **(o leitor)**^{Arg 1 - Agente} **deixará (o dinheiro)**^{Arg 2 - Tema} **(aplicado)**^{SAdj}, pois a Petrobras e a Vale são empresas sólidas, com bons fundamentos e boas perspectivas de rentabilidade futura. [Jornal Extra, p.16, 31.10.2008, Economia - 482]

Ex. 129: Há uma coisa muito importante que diz respeito às cidades: o multuso. Hoje, **(nós)**^{Arg 1 - Agente} **não podemos nos dar ao luxo de deixar (vazias)**^{SAdj} **(determinadas regiões das cidades)**^{Arg 2 - Tema}, durante 16 horas por dia. Temos que ocupar sempre com a função que está faltando. [Jornal Extra, p.19, 24.10.2008, Notícias - 470]

Ex. 130: Jogador-símbolo na apresentação do América para a temporada, (Válber) ^{Arg 1 - Agente} abandonou o barco após a Taça Guanabara. Liberado para um torneio de exibição de futebol de cinco, **(o jogador)** ^{Arg 1 - Agente} **não se reapresentou como combinado e deixou (pelo caminho)** ^{SPrep} **(o plano da diretoria de fazer dele o novo técnico do clube)** ^{Arg 2 - Tema}. Além do zagueiro, o clube dispensou dez jogadores. [Jornal O Globo, p. 38, 03.04.2008, Esportes - 123]

A tabela abaixo está relacionada à configuração do resultado expresso pelo verbo-suporte. Vale lembrar que as construções resultativas com *deixar* podem ter seus resultados expressos tanto por um SPrep quanto por um SAdj, como vimos. Vejamos abaixo o que foi mais produtivo.

Tipo de configuração do resultado de <i>deixar</i>		
	OCO	%
Sintagma Preposicionado	48	22,1%
Sintagma Adjctival	169	77,9%
Total	217 dados	

Tabela 5: Distribuição dos dados pela configuração do resultado expresso pelo verbo-suporte.

Dos nossos 217 dados com verbo-suporte, 22,1% deles expressam um resultado por meio de um SPrep, enquanto 77,9% dos dados expressam o resultado, isto é, a mudança de estado, por meio de um SAdj. Tal fato contradiz nossa hipótese de que haveria mais resultados expressos por SPrep do que por SAdj, como dito inicialmente. Segue adiante,

respectivamente, um exemplo em que o resultado foi expresso por um SAdj e por um SPrep.

Ex. 131: A animação sindical aumentou com (**o veto do presidente**)^{Suj} que **deixou** (**as entidades**)^{SN/Obj} (**livres**)^{SAdj} para gastar sem fiscalização o dinheiro confiscado pelo imposto sindical. Nada mais coerente com o momento do que garçons desfilando com garrafas de uísque 12 anos pagas com dinheiro público, sem precisar de prestações de contas. [Jornal O Globo, p. 10, 11.04.2008, Opinião]

Ex. 132: “Papai, papai, papai... pára”! Outro aspecto importante dessa história macabra. Se o casal executou uma criança de 5 anos com a família acobertando o crime, não é temerário (**as autoridades**)^{Suj} **deixar** (**os dois filhos do casal**)^{SN/Obj} (**sob a guarda de uma família cada vez mais desequilibrada**)^{SPrep} e agora sob a pressão da sociedade? Parece-me que a família inteira é desequilibrada. [Jornal O Globo, p. 6, 17.04.2008, Cartas de Leitores]

Outro aspecto, já visto no item 6.1.2.1, que nos auxilia na análise da configuração de predicções com *deixar* é a configuração sintagmática do termo complemento adjacente. Vimos que este complemento poderá ser representado por um SN, SPrep, SAdj, SAdv ou SOrac. Nas construções em que *deixar* atua como verbo-suporte, houve 33,5% (de um total de 498 dados) de ocorrências com SN (*deixou os filhos*) adjacente a *deixar*.

6.1.3 AS EXTENSÕES DE SENTIDO

Em nosso *corpus* encontramos *deixar* atuando com 13 diferentes significados. De um total de 498 dados, a acepção *fazer com que fique em certo estado/ condição* (*Adriana deixou o pai emocionado.*) representa 43,58% das ocorrências, nesse caso, *deixar* atuou como verbo-suporte. Funcionando como verbo predicador não-pleno, com o significado de *sair de* (*Romário deixou o campo quando se machucou.*), ocorre em 22% das ocorrências;

com o sentido de *soltar* (*O cão deixou a presa.*), manifesta-se em 6,22% das ocorrências; com o significado de *pôr/ colocar* (*Beth deixou a bíblia sobre a cabeceira da cama.*), atingiu 5,82%; e com o significado de *abandonar, largar*, atingiu 3,82%.

Tal distribuição dos dados nos mostra um fato muito interessante: *deixar*, ao ser utilizado com o significado de *fazer com que fique em certo estado, sair de, soltar*, distancia-se de seu sentido primeiro (*abandonar, largar*), de acordo com a etimologia desse vocábulo. Apesar disso, essas três primeiras acepções mais produtivas possuem certa semelhança semântica, pois elas exprimem um processo de *suspensão* de um outro processo, ou seja, há entre elas a idéia de *separação/afastamento*. Tal fato revela-nos que essas acepções estão mais próximas do valor prototípico de *deixar*, diferente de acepções como *permitir* e *pôr/colocar*, que estão mais distantes. Abaixo segue uma tabela com a distribuição dos dados de *deixar* por seu significado.

SIGNIFICADOS de <i>Deixar</i>	Total	
	OCO	%
Fazer com que fique em certo estado ou condição	217	43,58%
Abandonar, largar	19	3,82%
Permitir	31	6,22%
Pôr, colocar	29	5,82%
Sair de	114	22,90%
Adiar	7	1,41%
Esquecer	3	0,60%
Exonerar-se	9	1,80%
Provocar	4	0,80%
Transmitir, causar	19	3,82%
Transmitir como legado	3	0,60%
Ceder	12	2,40%
Soltar	31	6,23%
Total	498 dados	

Tabela 6: Distribuição das ocorrências de *deixar* por sua acepção.

As diferentes acepções de *deixar*, derivadas de sua estrutura prototípica, ocorrem devido à flexibilidade das categorias lexicais, a polissemia e a eficiência cognitiva, a qual nos permite interpretar novas experiências relacionadas ao que já conhecemos. Consoante Silva (1999) *deixar* possui dois núcleos semânticos significativos, o núcleo I está associado

à *suspensão de uma interação*, enquanto que o núcleo II volta-se para a *não intervenção/não oposição* a algo que se apresenta como dinâmico. Em nossa amostra, o núcleo I mostrou-se mais produtivo, tendo em vista que Silva (1999) reúne tanto o significado de *fazer ficar em certo estado* quanto a acepção *sair de* nesse mesmo grupo semântico. A significação é tratada por Silva (1999) como um fenômeno lingüístico primário e a categorização²⁵ como função primária da linguagem. A linguagem por estar ligada ao conhecimento de mundo, possui natureza enciclopédica e se torna *perspectivadora*, quando lança uma nova estrutura no mundo, construindo-a e interpretando-a. Por conta disso, conseguimos dar conta de tantas acepções diferentes baseadas em um único item lexical, como é o caso de *deixar*.

❖ RESUMINDO A SEÇÃO...

Para encerrar, retomaremos os aspectos mais pertinentes vistos nesta seção (6.1). De acordo com o exposto, observamos que nossa amostra apresenta maior número de dados em que *deixar* atua como verbo predicador não-pleno. Mesmo assim, obtivemos um número relevante de dados em que *deixar* é verbo-suporte, o que demonstra o caminho percorrido por *deixar* no *continuum* de gramaticalização, de acordo com a escala de Heine (1993), vista anteriormente.

Em relação aos gêneros textuais, obtivemos mais verbos predicadores nas *notícias*, enquanto que nos *textos de opinião* alcançamos maior número de verbos-suporte. Tal

²⁵ De acordo com Silva (1999), por meio da categorização concebemos certas estruturas como prototípicas (baseado em protótipos), ou seja, os vários membros e propriedades de uma categoria possuem, na maioria das vezes, graus distintos de saliência, em que uns são considerados mais prototípicos e outros mais periféricos. Tais membros agrupam-se por similaridades parciais, o que não torna necessário que todos os elementos do grupo possuam as mesmas características/ propriedades.

resultado pode estar relacionado ao fato do texto opinativo ser de caráter pessoal e ter, por conseguinte, um aspecto mais despojado.

A maior parte de nossos dados apresentaram-se na forma não-finita, isto é, aparecerem no infinitivo, gerúndio ou particípio, desprovidos de suas características de tempo, modo, número e pessoa. Ainda, em relação à configuração de *deixar*, obtivemos maior número de dados com a construção resultativa *X fazer com que Y torne-se Z*, que se aplica a argumentos que projetam uma mudança de estado como resultado da ação verbal. Tais construções possuem em si sintagmas resultativos que representam uma mudança de estado, a qual é expressa em seu pólo sintático. Vale salientar que a construção resultativa poderá ser expressa por meio de um SAdj ou um SPrep, em nosso *corpus* houve maior produtividade de resultados expressos por SAdj. Além disso, obtivemos maior número de SNs como termo adjacente ao verbo *deixar*.

Por fim, quanto ao aspecto semântico de *deixar* nosso maior número de dados esteve relacionado à acepção resultativa *fazer com que alguém/algo fique em certo estado/condição*; em segundo lugar, a acepção *sair de*; e, em terceiro lugar, *soltar*. Tais usos de *deixar* demonstram a polissemia desse verbo, entretanto, vale atentar, para o fato de que tais significados possuem certa proximidade, já que todos eles traçam a idéia de *afastamento/separação*.

6.2 ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DA ALTERNÂNCIA ENTRE PREDICADORES COMPLEXOS COM VERBO-SUPORTE *DEIXAR* E PREDICADORES SIMPLES COGNATOS

A análise sociofuncionalista da alternância de predicadores complexos com *deixar* e predicadores simples equivalentes, baseia-se, fundamentalmente, em duas partes: (i) serão demonstrados os resultados encontrados no primeiro nível de análise do programa *Goldvarb* e (ii) os resultados obtidos por meio da análise probabilística dos dados, gerada pelo mesmo programa. Assim, nas tabelas adiante, indicaremos tanto os resultados do primeiro nível da análise, quanto do segundo. Com isso, será possível conhecer o nível de significância das variáveis independentes e os pesos relativos relacionados a seus fatores.

Sobre a rodada multivariada do *Goldvarb* (em que o fator *default*, ou seja, a variante em foco na análise é o verbo predicador simples), obtivemos como índice de *input* inicial do valor da aplicação: **.62**²⁶. Vale ressaltar que o *input* representa o nível de uso da variante em foco na análise, o qual para ser considerado alto deverá estar próximo a 1. Além disso, o programa computacional destacou como variáveis mais importantes os seguintes fatores²⁷: (i) tipo de fonte, (ii) comparação entre a extensão silábica do Vpred existente e a perífrase correspondente; (iii) nuance de significado entre o Vpred e a perífrase; (iv) assunto veiculado pelo gênero notícia. O *input* nessa rodada, considerada a melhor, foi **.74**. Ainda, com a rodada multivariacional, encontramos a *significância* de nossos fatores, que deve ser, preferencialmente, 0.000 e chegar, no máximo, a 0.05, o que significa haver 95% de confiabilidade dos resultados, ou seja, de chance de as variáveis independentes

²⁶ O *input* demonstra o índice geral de uso de uma das variantes da variável dependente (no caso, a variante verbo predicador simples cognato) e foi extraído do nível zero de análise do programa computacional.

²⁷ Os fatores selecionados foram expostos na ordem preferencial eleita pelo programa.

selecionadas na rodada influenciarem, de fato, o emprego do fator *default*. O grau de significância em nossa amostra foi de .00, mostrando que esse fatores são, realmente, significativos em nossa análise.

Nossa análise de uma amostra de 534 dados coletados para o estudo da alternância revela que a construção com verbo-suporte representa 37% dos casos, contra 63% de predicadores simples, como demonstra o gráfico a seguir.

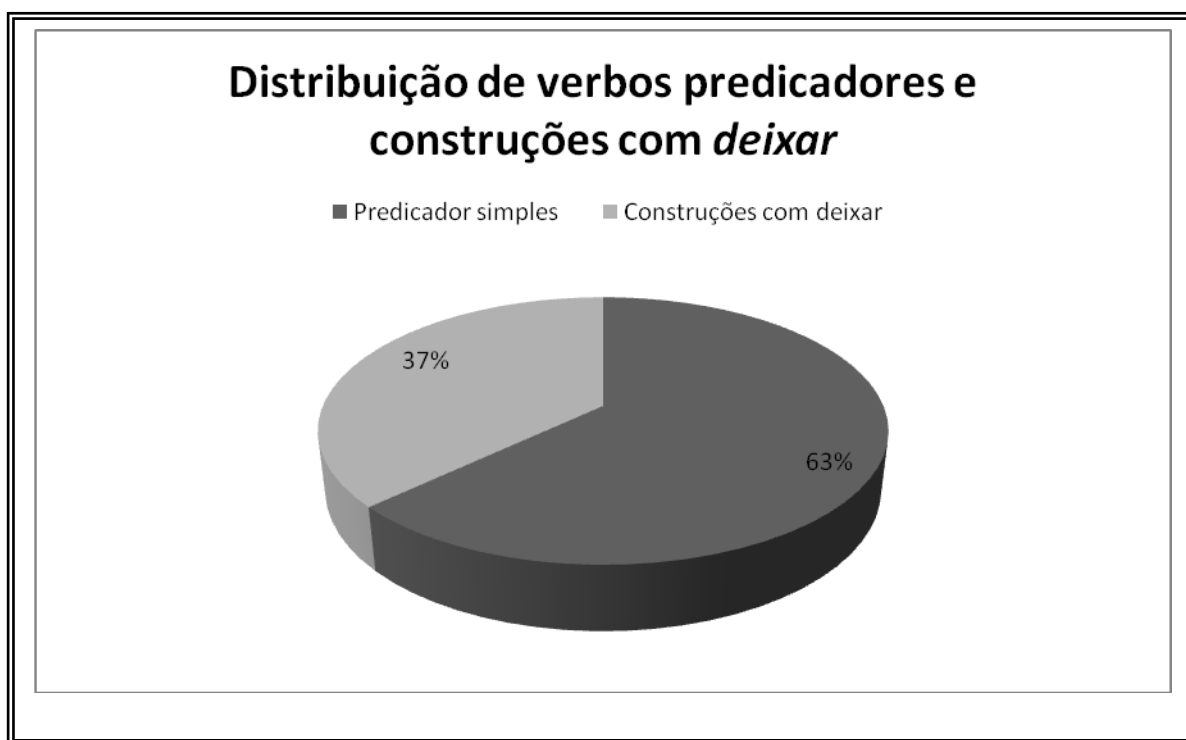


Gráfico 1: Distribuições de verbos predicadores e construções com *deixar*.

Abaixo segue uma tabela que demonstra a distribuição dos dados (predicadores simples e predicadores complexos com *deixar*) por origem da fonte.

	Verbo Predicador (comutável)		Perífrase com Verbo-suporte		Total	
	OCO	% P.R	OCO	%	OCO	%
Jornal O Globo	62	32% .17	135	68%	197	36%
Jornal Extra	270	80% .72	67	20%	337	64%
Total	332	63%	202	37%	534 dados	

Tabela 7: Distribuição dos dados por origem da fonte e por predicadores comutáveis e perífrases verbais.¹

De acordo com a tabela 7, notamos que, em nosso *corpus*, há 62 dados (32%) de verbos predicadores plenos retirados do jornal *O Globo* e 135 dados (68%) de perífrases com verbo-suporte eliciados do mesmo jornal. No jornal *Extra*, coletamos 270 dados (80%) de verbos predicadores comutáveis por uma perífrase com *deixar* e 67 dados (20%) de construções com verbo-suporte. Quanto ao peso relativo, esse corroborou os resultados obtidos no primeiro nível do programa *Goldvarb*, demonstrando que o jornal *Extra* é uma fonte que favorece ao uso de nossa variável dependente: o verbo predicador simples. Ao contrário do que imaginávamos (até mesmo por supormos, com base em outros estudos sobre esse aspecto, que o suporte jornalístico em que é veiculado um texto pode propiciar um comportamento mais cuidadoso com relação à seleção de formas/itens que não estejam

tão sujeita(o)s a se repetirem, até em diferentes categorias), houve mais ocorrências de predicador simples no jornal *Extra* do que no jornal *O Globo*. Imaginávamos que alcançaríamos um resultado contrário a este devido ao fato de o jornal *Extra* utilizar uma linguagem mais popular que a encontrada no *O Globo*. Resultado semelhante a esse foi obtido pela obra de Esteves (2008), que constatou haver maior número de dados com verbos simples em jornais mais populares (*O povo e Extra*) do que nos menos populares (*O Globo e Jornal do Brasil*). Observem-se a esse respeito alguns exemplos encontrados nessas fontes:

Ex. 133: O debate a respeito foi eficientemente detonado no fim de semana, quando o Planalto reescreveu sua versão do caso: o suposto banco de dados era dossiê mesmo, de autor doméstico anônimo e não autorizado, com o objetivo de **desmoralizar** a ministra. Uma briga de foice na intimidade palaciana. [Jornal O Globo, p.7, 01.04.2008, Opinião]

Ex. 134: A vitória sobre o Chile era considerada questão de honra, pois o Brasil ainda não vencera como visitante nas Eliminatórias. Na preleção, Dunga evocou a honra de cada um, mas garante que não lembrou as críticas presidenciais. O que **irritou** o técnico foram as notícias da imprensa chilena nas quais os jogadores consideravam a vitória quase certa. Além do bicho pela vitória sobre o Brasil ser menor do que o prometido para derrotar a Colômbia. Robinho gritava com os companheiros logo após o hino nacional, como forma de deixar todos ligados. E a seleção jogou como Brasil, deixando o Chile no lugar dele, como mero admirador do baile verde-e-amarelo. [Jornal Extra, p.2, 09.09.2008, Esportes]

Ex. 135: A incompetência do time para furar a retranca do Madureira não **deixou** Joel **irritado**: - Não vou ficar reclamando. Agora, todo mundo que se sente prejudicado dá uma reclamadinha. Com o primeiro empate no carioca, o Flamengo encerrou o período em que podia errar e fazer experiências. [Jornal O Globo, p.2, 31.03.2008, Esportes]

Ex. 136: O estudo, que analisou 5 mil casais, afirma que, depois do segundo aniversário de casamento, (o casal) tem mais possibilidades de descuidos como **deixar** [(roupas íntimas) (**espalhadas**)] pela casa, ficar sem maquiagem ou se apoderar do controle remoto. No terceiro aniversário de casamento, 83% dos pesquisadores afirmaram que já não se importavam mais em celebrar a data da união. [Jornal Extra, p.20, 31.10.2008, Notícias]

No que tange à distribuição desses predicadores simples e complexos quanto ao gênero textual, nossos dados configuram-se deste modo:

	Verbo Predicador (comutável)		Perífrase Com verbo-suporte		Total	
	OCO	% P.R.	OCO	%	OCO	%
Cartas de Leitores	22	62% .50	13	38%	35	6,5%
Textos de Opinião	7	50% .64	7	50%	14	2,6%
Notícias	300	63% .50	178	37%	478	89,5%
Entrevistas	3	43% .34	4	57%	7	1,4%
Total	332	62%	202	37%	534 dados	

Tabela 8: Distribuição dos predicadores simples e complexos com *deixar* quanto ao gênero jornalístico.

Observando a tabela 8, fica evidente que, apesar de termos procurado levantar dados em diversos textos de diferentes gêneros jornalísticos eleitos para este estudo, nossa amostra para este estudo sociolinguístico é constituída fundamentalmente de dados coletados em notícias.

Nas notícias, encontramos 63% dos 478 dados desse gênero como verbo pleno e 37% como perífrases com verbo-suporte. Como imaginávamos, houve maior número de

ocorrências de predicadores simples nas notícias, apesar disso o número de dados com construções com verbo-suporte foi alto. Não se esperava tal resultado (37% de dados com predicador complexo) nas notícias, pois se imaginava que autores de textos jornalísticos, de modo geral, demonstrariam maior inclinação ao emprego de predicadores simples, evitando, com isso, as perífrases, devido às recomendações de manuais de redações e/ou de professores quanto à necessidade de empregar itens verbais diversificados a fim de demonstrar riqueza vocabular e evitar a repetição de verbos que constituem predicadores complexos. Tal resultado suscita um questionamento importante relacionado à natureza categorial do sintagma resultativo: em termos semânticos e discursivos, até que ponto as construções com verbo-suporte traduzem melhor o estado de coisas pretendido do que os verbos predicadores comutáveis? Por meio de uma análise superficial do *corpus*, parece-nos que ao descrever algo relacionado ao caráter psicológico do argumento que sofre a mudança de estado, como em: ‘Tom *deixou* [Vinícius *alegre*].’, a construção perifrástica tende a expressar com maior precisão o estado descrito, evidenciando a mudança ocorrida com o elemento em questão. Além disso, tal resultado pode estar relacionado a um efeito de gramaticalização, o que aumentaria a frequência de uso dessas formas perifrásticas.

Confrontando os gêneros, notamos que, em relação às cartas de leitores, obtivemos maior número de ocorrências com verbos predicadores plenos. Nas cartas de leitores, o maior número de dados com verbo simples pode estar relacionado ao fato do leitor estar, naquela situação, mais preocupado com o modo de escrever. Talvez a preocupação com a publicação de sua carta e, ainda, o pequeno número de palavras possíveis nesse espaço do jornal, faz com que o leitor opte pelo uso de predicadores simples, tornando seu texto mais conciso. De acordo com a tabela 8, 62% dos 35 dados (de cartas de leitores) são

predicadores simples e apenas 38% são predicadores complexos. Acreditamos que um aspecto de natureza discursivo-pragmática pode ter tido interferência nessa situação: a necessidade de o leitor dar de forma bastante concisa seu “recado” e/ou, ainda, a interferência de equipe do jornal responsável por “ajustes” nas cartas de leitores. Tais motivos podem propiciar a seleção de predicadores simples.

Nos textos de opinião, encontramos o mesmo número de ocorrências tanto para verbo simples (50% → 7 dados) como para construções com verbo-suporte (50% → 7 dados). Em relação a esse gênero textual, não houve diferença quantitativa como em outros casos, mostrando um resultado equilibrado entre as estruturas. De qualquer modo, esse resultado, se comparado ao de outros estudos sobre construções com verbo-suporte, como, por exemplo, Esteves (2008), revela-nos, ao que parece, que no contexto opinativo há significativa (e até maior) atuação de construções perifrástica. Esses índices altos de verbos-suporte neste gênero textual podem estar relacionados ao contexto, o qual leva o jornalista a explorar a forma (simples ou complexa) que melhor atende às suas necessidades comunicativas e de persuasão, já que seu objetivo é convencer o leitor de sua opinião acerca do assunto abordado.

Por fim, nas entrevistas – contextos de transcrição de atividades comunicativas originalmente orais –, já obtivemos um número de ocorrências de predicadores com verbo-suporte (57% → 4 dados) um pouco maior do que de ocorrências com predicador pleno comutável (43% → 3 dados), ainda que sejam pouquíssimos os dados considerados.

Quanto ao peso relativo²⁸ desses fatores, esses confirmaram a análise feita no primeiro nível do programa *Goldvarb*, demonstrando a influência dos gêneros (carta de leitores, texto de opinião e notícia) em relação ao nosso fator *default*.

Seguem abaixo, respectivamente, alguns exemplos dos quatro gêneros textuais arrolados acima: notícias, cartas de leitores, textos de opinião e entrevistas.

Ex. 137: Acho que existe uma forma bem fácil de se descobrir quem matou a pequena Isabella, já que a polícia e a Justiça ainda não entendem: basta pedir a prisão da madrasta e **deixar** [o pai livre]. Certamente, ela não aceitará esta condição, que seja presa sozinha, e falará o que sabe e a verdade que, ao que parece, já é de conhecimento do mundo. [Jornal O Globo, p. 6, 17.04.2008, Cartas de Leitores]

Ex. 138: Quem inventou a expressão perna-de-pau, certamente, nunca havia pensado nisso: um aposentado, de 72 anos, em férias na cidade do Rio de Janeiro, tomou um comprimido de viagra e ficou com a perna direita dura. O estranho efeito colateral não foi suficiente para **desanimar** [o idoso]. Empolgado com o que aconteceu, o aposentado, que passava férias na casa de um amigo, disse que vai continuar tomando a pílula, até que ela encontre o caminho certo. [Jornal Extra, p.22, 06.04.2008, Notícias]

Ex. 139: A animação sindical aumentou com o veto do presidente que **deixou** [as entidades livres] para gastar sem fiscalização o dinheiro confiscado pelo imposto sindical. Nada mais coerente com o momento do que garçons desfilando com garrafas de uísque 12 anos pagas com dinheiro público, sem precisar de prestações de contas. [Jornal O Globo, p. 10, 11.04.2008, Opinião]

Ex. 140: Ainda existem alguns pontos. Quando chegamos lá eram sete pontos de drogas. No fim de tarde havia fila de carros. Era uma aberração. Agora, não existe mais isso de forma escancarada. A nossa presença **inibe** [o usuário]. [Jornal Extra, p.24, 06.04.2008, Entrevista]

²⁸ O peso relativo associado à distribuição dos predicadores simples e complexos com *deixar* quanto ao gênero jornalístico são baseados no nível 1 da análise multivariacional, que possui a análise de cada grupo de fatores separadamente, tendo em vista que esse fator (gênero textual) não foi selecionado pelo programa.

O exame dos dados retirados de notícias, em função da temática abordada, mostramos a seguinte distribuição das variantes:

	Verbo Predicador (comutável)		Perífrases com Verbo-Suporte		Total	
	OCO	% P.R.	OCO	%	OCO	%
Notícias Gerais	65	55% .33	55	45%	120	25,1%
Notícias Esportivas	104	65% .70	57	35%	161	33,8%
Notícias Econômicas	56	70% .60	23	30%	79	16,6%
Notícias Políticas	37	65% .46	20	35%	57	11,9%
Notícias de Violência	38	64% .50	22	36%	60	12,6%
Total	300	63%	177	37%	477 dados	

Tabela 9: Distribuição dos verbos quanto ao assunto das notícias.

Obtivemos um resultado equilibrado de dados por variantes entre as diferentes temáticas (fatos gerais, política, economia, violência ou tragédia e esportes): em todos eles

o número de ocorrências de verbo predicador cognato foi maior. Revela-se, portanto, nesse aspecto a tendência geral ao emprego de predicadores simples.

Em relação às notícias gerais, 55% dos 477 dados contêm predicador, e 45%, construções como verbo-suporte *deixar*. Quanto às notícias vinculadas aos assuntos esportivos e as notícias sobre temas políticos, 65% dos dados são atribuídos aos verbos predicadores, e 35% deles são associados a verbo-suporte. Dentre as notícias que versam sobre economia, obtivemos 70% dos dados como verbo pleno comutável, e 30% fizeram uso da perífrase verbal. Por fim, nas notícias que tratam sobre assuntos violentos ou trágicos encontramos 64% dos dados como verbo predicador pleno e 36% como verbo-suporte. Sobre a análise multivariacional, notamos que as notícias esportivas, econômicas e sobre assuntos políticos favorecem ao uso de nosso fator *default*: o verbo predicador simples. Vejamos alguns exemplos de predicadores em função de temáticas diferentes:

Ex. 141: O caminhão, que tombou, transportava também um motor de navio que não pôde ser retirado imediatamente. Funcionários do CET-Rio **bloquearam** o trânsito para o trabalho dos técnicos da Marinha. Ninguém ficou ferido no acidente, que provocou retenções na Avenida Brasil, no elevador da Perimetral, no Viaduto do Gasômetro, além de várias ruas do Centro. [Jornal Extra, p.7, 02.04.2008, Notícias]

Ex. 142: O ex-técnico ficou inconformado ao tomar conhecimento de que um grande churrasco teria sido promovido na Sexta-feira Santa na casa de Beto. Nada a ver com os preceitos da Igreja Católica, que condena consumo de carne na véspera da Páscoa. O que **deixou** a comissão técnica **indignada** foi a informação de que alguns do time, que empatara com o Bragantino (2 a 2) na quinta-feira, em vez de descansar, teriam ido ao churrasco de Beto. [Jornal O Globo, p.32, 01.04.2008, Esportes]

Ex. 143: O parcelamento não será permitido se já houver sorteio para leilão judicial do bem penhorado na execução fiscal, designação de data para o leilão ou se o débito já houver sido beneficiado por parcelamento. Se o débito estiver em cobrança judicial, a concessão do parcelamento não **livrará** o contribuinte do pagamento dos honorários advocatícios e da taxa e custas judiciais. [Jornal Extra, p.16, 04.04.2008, Economia]

Ex. 144: Ciro Gomes, segundo um amigo, tem demonstrado algum desânimo com as perspectivas da eleição presidencial. Só um assunto o **deixa excitado**: enfrentar o governador de São Paulo, José Serra. – Se Serra for candidato, vou para a disputa de qualquer maneira. É meu dever impedi-lo. É. Pode ser. [Jornal O Globo, p. 12, 09.04.2008, Política]

Ex. 145: A covardia de dois bandidos e a falta de policiamento num dos locais da Tijuca mais visados por ladrões **deixou** de luto ontem toda a comunidade da Universidade Candido Mendes (Ucam). Chefe de gabinete do reitor Candido Mendes de Almeida há 32 anos, Maria Emília Monteiro Ramos, de 59 anos, morreu de manhã, no Hospital Souza Aguiar, cerca de oito horas depois de ser atingida por um tiro de pistola disparado por um ladrão na frente do pai dela, Joaquim, de 84 anos, que sofre de mal de Alzheimer. [Jornal O Globo, p.15, 01.04.2008, Violência]

Analisando os exemplo (142) e (145), vale comentar sobre algumas perífrases que não têm paralelo em Vpredicador ou esse é pouco usual/raro, por exemplo, *deixar indignado* por *indignar* é uma variante pouco utilizada. O mesmo ocorre com *deixar de luto/enlutar*. Devido à baixa produtividade de verbos simples como esses, podemos entender que, na verdade, essas formas são alternantes na língua, entretanto, o usuário pode não utilizá-las, com frequência, por não achá-las comuns ou, ainda, tomá-las como demasiadamente formais.

Outro fator de investigação, analisado nesta seção, associa-se à existência de certa nuance de significado entre o verbo predicador e a perífrase verbal. Lavandera (1978), ao pensar na avaliação do grau de equivalência semântica entre as construções com verbo-suporte e as construções com verbo predicador correspondente, sugere que as formas alternativas podem apresentar valores referenciais diferentes. Lavandera (1978) relata que aspectos sociais e estilísticos podem exercer influência, de certa maneira, na diferença de valor semântico entre as alternativas, embora, haja comparabilidade funcional. De acordo com a obra de Lavandera (1978), em um mesmo tempo e espaço, a existência de formas alternativas ou, ainda, a troca seqüencial de uma forma por outra não ocorre

ocasionalmente e nem sempre está associada a fatores extralingüísticos, denotando, em verdade, uma escolha funcional do falante, a qual servirá aos seus propósitos comunicativos.

Para verificarmos a alternância entre as formas verbais, é importante atentarmos para a possibilidade de alguma nuance significativa entre o que é expresso pelo verbo predicador e o que é expresso pela perífrase correspondente, já que esse pode ser um fator decisivo, no momento da seleção entre uma ou outra forma de explicitação de um estado de coisas. Segue adiante uma tabela relacionada ao assunto.

	Verbo Predicador (comutável)		Perífrases com Verbo-Suporte		Total	
	OCO	% P.R.	OCO	%	OCO	%
Sem diferença perceptível	308	66,8% .53	153	33,2%	461	86,3%
Com alguma diferença	23	35,4% .36	42	64,6%	65	12,2%
Com mudança de sentido	1	12,5% .03	7	87,5%	8	1,5%
Total	332	62%	202	38%	534 dados	

Tabela 10: Distribuição dos dados pela existência de alguma nuance de significado entre o VPred e a perífrase correspondente.

A maioria de nossos dados não apresentou diferença de significado entre uma construção e outra. Obtivemos 86,3% de ocorrências que não apresentaram diferença de significado; 12,2% de dados mostraram uma pequena diferença entre uma construção e

outra; e apenas em 1,5% dos dados identificou-se diferença mais significativa. O peso relativo desses fatores, mostram-nos que a mudança de sentido, entre o predicador simples e a perífrase verbal, é um fator desfavorável, confirmando a primeira análise. Abaixo há um exemplo em que não há diferença perceptível de significado entre a construção com verbo predicador simples e a construção com verbo-suporte; há um segundo exemplo em que há certa diferença de sentido; e o último exemplo mostra uma ocorrência em que o sentido é diferente do expresso pela perífrase verbal com *deixar*.

Ex. 146: Apesar da ordem da Justiça que proíbe o MST de invadir instalações da mineradora Vale, centenas de militantes do movimento continuam chegando a Parauapebas, no Pará, **deixando** a população **apavorada** (**apavorando** a população). O MST ameaça fechar a Estrada de Ferro Carajás, da Vale, e já estaria com dois mil manifestante nas imediações, segundo cálculos da PM. [Jornal O Globo, p. 01, 14.04.2008, Notícias]

Ex. 147: No primeiro, aos dez, Tardelli errou o chute, Eduardo desviou e Marcinho emendou de primeira, no canto direito de Tiago. O segundo surgiu, três minutos depois, após falha da defesa vascaína, que **deixou** Arroz **livre** para completar (**livrou** Arroz), de cabeça, cruzamento de Maxi. Foi o primeiro gol do zagueiro como profissional. [Jornal O Globo, p. 04, 07.04.2008, Esportes]

Ex. 148: Trata-se , portanto, de uma doença globalizada, e potencializada por agravantes igualmente universalizados, como as desigualdades sociais, que em todo o mundo **deixam** bilhões de pessoas **à margem** (**margeam**) de benefícios como o saneamento básico e a urbanização, essenciais contra os mosquitos. [Jornal O Globo, p.6, 02.04.2008, Editorial]

Um parâmetro estrutural cuja possibilidade de interferência na tendência geral ao emprego de predicador simples foi investigada diz respeito à configuração sintagmática do termo complemento (igual ou diferente no caso de haver predicador simples ou complexo), conforme se pode observar na tabela a seguir:

	Verbo Predicador (comutável)		Perífrases com verbo-suporte		Total	
	OCO	% P.R.	OCO	%	OCO	%
Termo complemento igual	329	62,3% .55	199	37,7%	528	98,8%
Termo complemento diferente	3	50% .37	3	50%	6	1,2%
Total	332	62,2%	202	37,8%	534 dados	

Tabela 11: Distribuição dos dados pela configuração do termo complemento.

Obtivemos, em nosso *corpus*, 98,8%, de um total de 534 dados, de ocorrências em que a natureza do complemento, tanto para a perífrase verbal (construída com o verbo *deixar*) quanto para os verbos simples, é a mesma. Nesse caso, a configuração da construção não se modifica ao fazermos a permuta entre o uso de um predicador simples e um predicador complexo. Apenas 1,2% dos dados, uma parcela muito pequena, possui uma configuração em que o complemento, da perífrase verbal para o predicador simples, é diferente. Quanto ao peso relativo, esse confirma o que fora analisado, denotando que quando o termo complemento é igual, isto pode se tornar um fator favorável ao uso do elemento *default*. Vejamos os exemplos abaixo em que o primeiro e o segundo mostram duas ocorrências de complementos com configuração diferente da que tem o complemento

do predicador simples correspondente e o terceiro demonstra uma ocorrência em que o complemento possui a mesma configuração sintagmática tanto ao ligar-se a verbo predicador cognato quanto à construção com verbo-suporte, caso mais produtivo na amostra:

Ex. 149: Jorge Henrique: Nas poucas vezes em que foi acionado, trocou a chance do gol pela tentativa de cavar faltas. Não exhibe a mesma velocidade de outrora. Saiu no fim. Nota 5. Deu lugar a Lúcio Flávio que bateu uma falta na barreira. Sem nota. Wellington Paulista: Teve poucas chances, mas não desistiu até **deixar** (sua marca) **no jogo** (*marcar o jogo*). Nota 7. Cuca: Entrou com a intenção de não perder, mas não abriu mão do ataque. Assim, conseguiu um gol importante e conteve a pressão no fim. [Jornal O Globo, p. 40, 17.04.2008, Esportes]

Ex. 150: No começo do mês, policiais da DRFA encontraram dois filhotes de jacaré dentro da casa da sogra do traficante Aranha, durante uma operação na Favela da Coréia, que é vizinha da Nova Aliança. Na época, o delegado Ronaldo Oliveira, da DRFA, disse que os animais eram usados para **amedrontar moradores e algumas vítimas** (*deixar moradores e algumas vítimas com medo*) de seqüestros-relâmpagos. [Jornal Extra, p.11, 23.09.2008, Violência]

Ex. 151: A FUP informou que o desconto proposto para o abono cria distorções graves na categoria, pois **prejudica os trabalhadores** (*deixa os trabalhadores prejudicados*) que ganham abaixo de R\$ 1900. O Conselho Deliberativo da FUP se reúne na próxima quinta-feira para decidir novos encaminhamentos para a campanha salarial. [Jornal Extra, p.17, 14.10.2008, Economia]

Em (149), podemos detectar certa nuance de sentido entre as construções *deixar sua marca* x *marcar*. Em *deixar sua marca*, parece-nos que *Wellington Paulista*, ao jogar a partida de futebol contribuiu para a melhora dessa em algum momento, imprimindo, no jogo, a sua marca, ou seja, ao ser convocado para integrar o time, *Wellington* desempenhou seu papel com expressividade, fazendo algo importante em determinado momento. Ainda em (149), ao utilizar o verbo predicador simples (*marcar*), a acepção de *imprimir* a marca no jogo em certo momento, parece-nos um pouco apagada, pois temos a impressão de que o

jogador *marcou* toda a partida. Embora tenham essa pequena nuance de significado, as duas construções se aproximam por seus significados básicos.

Outro fator de investigação de nossa pesquisa, refere-se a uma comparação entre a extensão silábica do verbo predicador existente ou correspondente à perífrase verbal em cada dado codificado. Abaixo segue a tabela referente a essa distribuição dos dados.

	Verbo Predicador (comutável)		Perífrases com verbo-suporte		Total	
	OCO	% P.R.	OCO	%	OCO	%
VPred com <u>menor</u> extensão que a Perífrase	329	69% .55	149	31%	478	89,5%
VPred e Perífrase com <u>igual</u> extensão	3	10,3% .03	53	89,7%	56	10,5%
Total	332	62,2%	202	37,8%	534 dados	

Tabela 12: Distribuição por comparação entre a extensão silábica do VPred e da perífrase correspondente.

Como podemos observar, por meio da tabela 12, 89,5 % dos dados representam casos em que a extensão silábica do verbo predicador é menor do que a extensão silábica da perífrase verbal. Apenas 10,5% dos dados possuem a mesma extensão silábica, estejam configurados com predicador simples ou com perífrase. Novamente, o resultado do peso relativo, confirma a primeira análise feita com o *Goldvarb*, a qual denota que a menor

extensão silábica do elemento *default* (verbo predicador simples), tende a favorecer o seu uso. Não encontramos qualquer caso em que a extensão silábica do verbo predicador fosse maior do que a extensão da perífrase. Seguem abaixo dois exemplos dessas possibilidades: no primeiro, a extensão silábica do verbo predicador é menor do que a extensão da perífrase verbal; já o segundo exemplo ilustra um caso em que se configura a mesma extensão silábica em ambas as construções.

Ex. 152: Carga tóxica vaza de caminhão e **deixa** a Avenida Brasil **engarrafada** (**engarrafa**). Bombeiros demoraram três horas para retirar o produto e liberar a pista. Vinte mil litros de resíduo de gasolina azul, utilizada para a propulsão de aviões, foram derramados, no início da noite de ontem, nas pistas da Avenida Brasil, próximo ao Trevo das Margaridas, na altura de Jardim América (Zona Oeste). [Jornal O Globo, p. 19, 04.04.2008, Notícias]

Ex. 153: Lúcio Flávio entendeu o recado. Para ele, é muito melhor jogar do que treinar. – Prefiro sempre jogar. E acho que a maioria do time titular pensa assim – disse o alvinegro. Cuca **deixou claro** (**esclareceu**) que jogar contra um time reserva do Fluminense não diminuí o peso do clássico para ele. [Jornal O Globo, p.57, 29.03.2008, Esportes]

Mesmo com essa distribuição de dados, convém destacar que a produtividade de perífrases verbais é maior quando ambas alternativas possuem a mesma extensão silábica, conforme também apontam estudos que trataram desse aspecto (ESTEVEZ, 2008; PORTELA, 2009).

❖ **Em síntese...**

Pudemos constatar, com essa análise sociolingüística, que o maior percentual de uso de construções perifrásticas foi feito pelo jornal O Globo, enquanto o maior emprego de verbos plenos cognatos foi verificado no jornal Extra.

Além disso, obtivemos maior quantidade de dados no gênero textual notícia. Verificamos, ainda, que, em relação a todos os assuntos das notícias veiculadas (fatos gerais, esportes, economia, política e violência/ tragédia), o uso de verbo predicador cognato foi maior do que o uso de construções com verbo-suporte.

Quanto ao termo que complementa as construções com verbo predicador cognato e as construções com verbo-suporte, notamos que, na maioria dos casos, apresenta a mesma configuração sintagmática. Em geral, não há alteração na grade esquemática de predicação das formas simples e complexas .

Além disso, percebemos que a extensão do verbo predicador cognato, em relação à perífrase verbal com *deixar*, é menor na maioria dos casos investigados. Observamos, ainda, que, ao fazermos a permuta entre a construção com verbo-suporte e a construção com predicador correspondente, não houve diferença perceptível de sentido entre as construções em boa parte dos dados. Naturalmente, com isso ocorre uma *perspectivização* do estado de coisas em que se focalizam aspectos distintos: o resultado do processo de mudança no caso da construção com perífrase verbo-nominal ou a mudança com o resultado lexicalizado/implícito no caso da seleção de predicador simples cognato.

6.3 ANÁLISE SOCIOFUNCIONALISTA DE PREDICADORES COMPLEXOS COM *DEIXAR COM* BASE EM TESTES DE ATITUDE

6.3.1 OS TESTES DE ATITUDE: ASPECTOS RELATIVOS À CONFECÇÃO E APLICAÇÃO

A aplicação dos testes de atitude foi precedido de uma fase inicial que tratou dos seguintes quesitos: (i) definição de método e técnica de aplicação; (ii) escolha de dados, extraídos de nosso *corpus*, para a elaboração do questionário e (iii) delimitação de informantes por categoria (estudantes de diferentes níveis de escolaridade e professores).

Em nossa pesquisa, no que tange à aplicação dos testes, optamos por esclarecer aos informantes que a pesquisa objetivava tomar ciência de como o aluno percebe ou utiliza certas formas lingüísticas e, por conseguinte, conhecer as justificativas que o fizeram optar por uma ou outra construção.

Montamos, para nossa investigação, dois testes diferentes²⁹, cada um deles com 10 fragmentos retirados de nosso próprio *corpus*, sendo 5 fragmentos de jornal *O Globo* e 5 de Jornal *Extra*. Ao fim de cada fragmento há um espaço para que o informante justifique sua opção. Neste espaço, o alunado tem a oportunidade de expor sua opinião, mostrando as motivações que o levaram a certa escolha. Tais justificativas serão relevantes para que possamos depreender os fatores pragmático-discursivos que influenciam o uso de determinadas construções. Por fim, nos testes distribuídos, há mais três questões concernentes à pesquisa que, assim como as outras, têm o intuito de conhecer as opiniões do informante relacionadas a: (i) frequência de uso de expressões como as vistas no teste;

²⁹ Cf. Anexo I.

(ii) situação comunicativa em que as expressões foram (ou poderiam ser) utilizadas; (iii) gênero textual em que a expressão poderia ser empregada; (iv) se houve alguma dificuldade em responder o teste.

Vale comentar que, com o intuito de verificar duas atitudes diferentes por parte dos alunos, fizemos dois testes de atitude com enunciados diferenciados³⁰, em que: (i) em um deles esclarecemos que gostaríamos de saber a opinião do aluno sobre o que ele acha que utilizaria em certa situação comunicativa; (ii) no outro, explicitamos que nós almejávamos saber o que ele concebia, dentre as duas opções – predador simples e predador complexo-, como a opção mais correta, a mais adequada para o dado contexto lingüístico.

No cabeçalho do teste para os estudantes, reafirmamos que não havia a necessidade de identificação, por isso não havia um espaço destinado ao nome, mas pedimos ao aluno para preencher os espaços que se referiam ao seu grau de escolaridade e idade. Após o cabeçalho, antes de começarmos o questionário, expusemos duas observações (a depender do teste) com as seguintes informações:

Atenção: Neste material não há certo ou errado. O objetivo aqui é conhecer suas opiniões a respeito das estruturas marcadas nos fragmentos de textos abaixo.

Observação: Leia atentamente as frases a seguir. Analise o **sentido** das estruturas marcadas entre parênteses e grife a que **você acha mais correta/ você acha que utilizaria (a depender do teste)**. Se achar as duas estruturas corretas, marque as duas. Ao final de cada frase lida, por favor, justifique a opção que fez, isto é, explique por que motivo(s) indicou (A) ou (B) ou as duas (A e B).

³⁰ Cf. Anexo I.

Munidos de dois tipos de testes diferentes³¹, partimos para a aplicação dos mesmos. Contribuíram com nossa pesquisa quatro turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental, sendo duas delas pertencentes ao Centro de Ensino Intensivo, escola localizada no município do Rio de Janeiro (Bairro: Freguesia – Jacarepaguá), e outras duas turmas do Educandário Monteiro Lobato, localizado também na cidade do Rio de Janeiro (Bairro: Boa Esperança – Campo Grande).

Colaboraram, também, quatro turmas de Ensino Médio, duas da Escola Estadual Percy Batista Crispin e outras duas da Escola Estadual Lasar Segall (CIEP 388), localizada, a primeira, em Nova Iguaçu (Bairro: Rancho Novo) e a segunda na cidade de Belford Roxo (Bairro: Andrade de Araújo), municípios da Baixada Fluminense.

Aplicamos, ainda, os testes em 2 turmas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, localizada na cidade do Rio de Janeiro (Bairro: Ilha do Fundão) e em 2 turmas da Universidade Estácio de Sá, localizada em Nova Iguaçu (Bairro: Califórnia). Em ambas as instituições, os testes foram aplicados para alunos do curso de Letras.

Todas as instituições de ensino, às quais levamos nossa pesquisa, estão localizadas no Grande Rio, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, estado do RJ. Convém salientar que, em cada turma, participaram 20 alunos, o que contabilizou um total de 240 testes aplicados.

³¹ Cf. Anexo I

Ensino Fundamental		Ensino Médio		Ensino Superior		Total
CEI	EML	E.E. Percy	CIEP 388	UFRJ	Estácio de Sá	----
2 turmas	2 turmas	2 turmas	2 turmas	2 turmas	2 turmas	12 turmas
20 alunos	20 alunos	20 alunos	20 alunos	20 alunos	20 alunos	240 alunos

Tencionando conhecer a opinião de alguns professores de Língua Portuguesa que atuam em sala de aula, lecionando esta disciplina, montamos um teste voltado para esta classe. Com cabeçalho diferenciado do teste anterior, este contém campos relacionados: (i) ao tempo que o informante trabalha como professor de Língua Portuguesa; (ii) à rede de ensino – pública ou privada; (iii) à idade; (iii) ao município onde trabalha. Após o cabeçalho, repetimos uma das observações feitas aos alunos, mostrando que não há certo nem errado, salientando, desta forma, que desejamos conhecer a opinião dele. Além disso, há uma segunda observação em que pedimos para o docente analisar a configuração do texto e a seleção e/ou pertinência das construções que o compõem. Por fim, pedimos para que ele fizesse e justificasse, se fosse o caso, as recomendações necessárias à melhoria do texto, segundo sua opinião. Assim, poderíamos compreender com um pouco mais de clareza as ressalvas feitas pelo professorado.

Vale ressaltar que, ao aplicar o teste de atitude para os alunos, não nos referimos a ele como sendo um “teste”, visto que, se o chamássemos desta maneira, poderíamos inibir os informantes, que, possivelmente, interpretariam a pesquisa como uma avaliação. Portanto, durante a aplicação, denominamos os testes como sendo uma “pesquisa de opinião”.

6.3.2 OS TESTES DE ATITUDE: OBJETIVOS DA APLICAÇÃO

Tencionamos, com a aplicação dos testes de atitude para os alunos, verificar se, nos contextos apresentados, existe ou não a equivalência entre o verbo predicador cognato e a construção perifrástica. Objetivamos, ainda, detectar as nuances de sentido e os contextos discursivo-pragmáticos que atuam no momento da seleção entre o emprego de uma construção simples com *deixar* ou o emprego de uma construção com VSup(*deixar*) + SAdj/SPrep.

Com o teste de atitude para o corpo docente, almejamos verificar se os professores se manifestarão quanto ao uso das perífrases, acreditando que poderiam mostrar algum tipo de rejeição às construções com VSup + SAdj/SPrep por associá-las ao uso mais informal e coloquial da língua, ou a uma linguagem menos cuidadosa em relação a situações de repetição de recursos lingüísticos.

6.3.3 OS TESTES DE ATITUDE: RESULTADOS DA PESQUISA

Nossa pesquisa de opinião foi aplicada em quatro turmas de Ensino Fundamental (Turma I, Turma II, Turma III e Turma IV). Vejamos as tabelas abaixo, as quais mostrarão os resultados obtidos com a aplicação feita.

Ensino Fundamental (Turma I)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	13	12	3	11	15	10	12	11	6	8	101
B	7	8	17	9	3	9	8	9	12	10	92
A e B	-	-	-		2	1	-	-	2	2	7
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Fundamental (Turma I)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	65%	60%	15%	55%	75%	50%	60%	55%	30%	40%	50,5%
B	35%	40%	85%	45%	15%	45%	40%	45%	60%	50%	46%
A e B	-	-	-		10%	5%	-	-	10%	10%	3,5%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 13: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como **a mais correta** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma I).

Ensino Fundamental (Turma II)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	11	2	6	8	7	14	9	8	7	9	81
B	6	18	10	5	6	5	7	8	10	6	81
A e B	3	-	4	7	7	1	4	4	3	5	38
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Fundamental (Turma II)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	55%	10%	30%	40%	35%	70%	45%	40%	35%	45%	40,5%
B	30%	90%	50%	25%	30%	25%	35%	40%	50%	30%	40,5%
A e B	15%	-	20%	35%	35%	5%	20%	20%	15%	25%	19%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 14: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como **a mais correta** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma II).

Nas Turmas I e II de Ensino Fundamental foi aplicada a nossa pesquisa em que pedimos para que o informante marcasse a opção que ele considerava como a mais correta dentre as opções oferecidas. Vale ressaltar, que, dentre as duas opções apontadas para o aluno (em todos os fragmentos), a primeira consistia na construção perifrástica com *deixar* e a segunda tratava-se do predicador simples cognato.

Por meio da tabela comparativa (tabela 13)³², notamos que a maioria dos informantes, da turma I de Ensino Fundamental, optou pelo uso da estrutura com verbo predicador simples em lugar da estrutura perifrástica; no fragmento 3³³ da pesquisa, 85% dos alunos preferiram a construção com verbo predicador simples em lugar da construção perifrástica. Vejamos o que alguns alunos responderam em relação ao uso da construção com o verbo predicador simples:

³² As tabelas relativas à distribuição dos resultados (opinião dos informantes) possui os seguintes caracteres: A = opção perifrástica / B = opção com verbo pleno cognato / A e B = opção em que o informante marcaria tanto a perífrase verbal quanto a construção com verbo pleno cognato, considerando ambas como mais corretas ou mais útil/ F (1 ao 10) refere-se aos fragmentos dos testes de atitudes.

³³ O fragmento 3 consiste em: “Só aos 30 anos de idade, em 1979, ele soube que o marido de sua mãe, Hans Flechtmann, não era seu pai biológico. Annemarie Kilgus, mãe de Frank, contou-lhe finalmente que seu pai, Joan, saíra da Alemanha pós-guerra sem saber que a havia (A - deixado grávida / B – engravidado).”.

Resp. 1: “Por uma questão de economia lingüística não há necessidade de *fazer uso* de mais de um verbo nesse caso *deixado*.³⁴” (Informante - Turma I)

Resp. 2: “Mais usado, compreensão rápida” (Informante - Turma I)

Resp. 3: “Engravidado, nesse caso, é mais enfático, mais forte.” (Informante – Turma II)

Observa-se que um informante destacou o caráter da “objetividade” da forma relacionada à questão da extensão também abordada na análise do comportamento lingüístico observável em *corpus*. Outro ressaltou, além desse aspecto, a recorrência da forma. O terceiro informante enfatizou o caráter semântico-discursivo de uma das alternativas (da forma simples).

Outro resultado relevante, ainda nessa turma, está relacionado ao fragmento 5³⁵, em que 75% dos alunos optaram, desta vez, pela construção com verbo-suporte e não pela com verbo predicador simples. 15% da turma optou pelo uso da construção com o predicador cognato e 10% da classe indicou as duas opções, validando ambas como corretas. Vejamos algumas justificativas dadas pelos informantes para explicar esse comportamento quanto ao fragmento 5.

Resp. 4: “*Deixar* reflete uma situação momentânea, indicando como o técnico se sentia naquele determinado momento do jogo.” (Informante – Turma I)

Resp. 5: “Me parece que *deixou Joel irritado* é mais forte, mais incisivo. (Informante – Turma I)

Resp. 6: “... Além disso, acho que a opção A dá um foco maior em Joel, que ficou irritado.” (Informante – Turma II)

³⁴ A justificativa do aluno, sobre não haver necessidade de fazer uso de mais um verbo, se dá pelo fato do fragmento já conter o verbo *haver* (... Joan saíra da Alemanha pós-guerra sem saber que a havia deixado grávida.)

³⁵ O fragmento 5 consiste em: “A incompetência do time para furar a retranca do Madureira não (A - deixou Joel irritado / B – irritou Joel): - Não vou ficar reclamando. Agora, todo mundo que se sente prejudicado dá uma reclamadinha. Com o primeiro empate no carioca, o Flamengo encerrou o período em que podia errar e fazer experiências.”.

Resp. 7: “A locução deixa mais explícita a emoção de Joel, parece enfatizar o que aconteceu.” (Informante – Turma II)

Resp. 8: “Uma notícia esportiva usa na maioria das vezes uma linguagem informal.” (Informante – Turma II)

É interessante verificar que chama a atenção do falante o papel discursivo-pragmático de ênfase/explicitação da resultatividade que se alcança com a construção com perífrase. Notamos, que um informante percebeu o resultado psicológico (*Joel irritado*) como um estado momentâneo. Outra ressalta que ao utilizar a construção resultativa com *deixar*, enfatiza-se mais a mudança expressa pelo resultado (*irritado*). Além disso, vemos que tem importância o contexto comunicativo: um informante ressalta a influência da notícia esportiva e da linguagem informal na seleção dessas formas.

Nas turmas I e II, os resultados dos outros fragmentos mostraram-se equilibrados, o que demonstra que, na maioria dos casos, a alternância está presente no cotidiano das atividades lingüísticas em que se envolvem os falantes. Portanto, o uso da construção perifrástica é freqüente segundo a pesquisa, em diversos contextos, não somente naqueles considerados mais informais.

Outras classes, de Ensino Fundamental, investigadas são as turmas III e IV. Demonstraremos primeiro a tabela referente às turmas e, posteriormente, comentaremos os resultados.

Ensino Fundamental (Turma III)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	5	11	8	7	17	11	16	14	7	12	108
B	12	8	12	12	3	8	4	4	11	7	81
A e B	3	1	-	1	-	1	-	2	2	1	11
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Fundamental (Turma III)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	25%	55%	40%	35%	85%	55%	80%	70%	35%	60%	54%
B	60%	40%	60%	60%	15%	40%	20%	20%	55%	35%	40,5%
A e B	15%	5%	-	5%	-	5%	-	10%	10%	5%	5,5%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 15: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera que **utilizaria**, dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma III).

Ensino Fundamental (Turma IV)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	11	16	3	9	17	7	15	12	10	11	111
B	9	4	15	10	2	12	5	8	8	8	81
A e B	-	-	2	1	1	1	-	-	2	1	8
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Fundamental (Turma IV)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	55%	80%	15%	45%	35%	75%	60%	60%	50%	55%	55,5%
B	45%	20%	75%	50%	10%	60%	25%	40%	40%	40%	40,5%
A e B	-	-	10%	5%	5%	5%	-	-	10%	5%	4%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 16: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante **utilizaria** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Fundamental (Turma IV).

Nas turmas III e IV, diferente das turmas anteriores, o aluno era pedido para marcar, dentre as opções, aquela que ele *utilizaria*. Um resultado relevante está ligado ao fragmento 5³⁶, haja vista que a maioria dos alunos da turma III optou pelo uso da perífrase neste contexto, sendo que apenas 15% da turma marcou a opção que continha o verbo predicador simples. Vejamos o que disseram alguns informantes sobre este fragmento e sua respectiva opção:

Resp. 9: “Marquei *deixou cinco feridos e um morto* pois entendi a frase com mais coerência em relação à notícia.” (Informante – Turma IV)

Resp. 10: “Utilizaria a letra A, pois a palavra *deixou* demonstra um caráter mais pretérito ao fato que ocorreu no dia anterior.” (Informante Turma III)

Resp. 11: “A alternativa marcada deixa a notícia melhor explicada sendo mais fácil de ser entendida.” (informante – Turma III)

Resp. 12: “Opção A, a notícia escrita dessa forma é mais explicativa alcança melhor o objetivo da informação.” (Informante – Turma IV)

Em relação ao quinto fragmento, os alunos destacaram aspectos importantes, tais como: a importância do gênero textual, nesse caso a notícia, já que esse gênero precisa utilizar uma linguagem objetiva e coerente; além disso, outro informante explicitou a noção aspectual relativa a diferença temporal (mais antigo x mais recente), mostrando que com a construção perifrástica alcança-se um valor mais pretérito.

³⁶ O fragmento 5 consistia em: “Um novo tiroteio entre bandidos, na noite de ontem, (A - deixou cinco feridos e um morto/ B – feriu cinco pessoas e matou uma), assustando moradores da favela da Rocinha, em São Conrado. O confronto aconteceu na Rua Um, na parte alta do morro.”.

Já a turma IV mostrou resultados importantes ao responder os fragmentos 2³⁷ e 3³⁸. 80% da turma optou pelo uso da perífrase (*deixar as mulheres parcialmente despidas*) no fragmento 2 e, no fragmento 3, 75% da classe preferiu usar o verbo predicador simples (*acertar*) no lugar da perífrase. Vejamos algumas justificativas dadas pelos alunos para o uso da perífrase no fragmento 2:

Resp. 13: “Por força marquei opção A porque dá mais força ao ato.” (Informante – Turma IV)

Resp. 14: “Opção A - deixar as mulheres parcialmente despidas. Apesar de prolongar o texto a frase é mais explicada deixando à vontade o leitor já que o jornal está direcionado ao leitor mais popular.” (Informante – Turma III)

Resp. 15: “Acho que letra A porque fala de uma maneira mais clara e o jornal Extra usa uma linguagem mais fácil para melhor entendimento das pessoas que compram esse jornal.” (Informante – Turma III)

Através das respostas dadas pelos alunos da turma IV, podemos notar que um informante destacou um aspecto vinculado à expressividade (ao maior peso) da construção perifrástica. Outros dois, teceram comentários acerca da fonte dos dados, mostrando que esse fator também é importante, haja vista que, consoante os alunos, o jornal pode ter utilizado tal construção (*deixar as mulheres parcialmente despidas*), ao invés de outra mais concisa, para tornar a frase mais compreensiva, tendo em vista que seus leitores pertencem a classes mais populares. Os comentários supracitados revelam que a seleção de predicador

³⁷ O fragmento 2 consistia em: “De acordo com a polícia paulista, apesar de (A - deixar as mulheres parcialmente despidas/ B – despir as mulheres parcialmente), Leandro Basílio Rodrigues não costumava violentar suas vítimas. Ele as executava porque não conseguia manter relações sexuais com as jovens. Na maioria das vezes, elas eram atraídas pelo maníaco de Guarulhos com um convite para fumar pedras de crack.”

³⁸ O fragmento 3 consistia em: “Integrantes da base aliada do presidente Lula, o PMDB e o PT também participaram da coalizão que elegeu o governador Cid Gomes (PSB). O partido queria (A - deixar certa / B – acertar), desde já, a manutenção dessa aliança para 2010. O principal interesse dos peemedebistas é a disputa por uma vaga.”

complexo passa por (ou pode estar relacionada a) uma avaliação da forma que melhor atende ao objetivo comunicativo de reforço da resultatividade, de características do público-alvo do texto (“leitor mais popular”) ou do veículo/da fonte (“o jornal *Extra* usa uma linguagem mais fácil para melhor entendimento das pessoas...”).

No fragmento 3, muitos alunos marcaram a opção *acertar*, que continha a forma verbal simples, explicando:

Resp. 16: “Optei pela letra B pois se encaixa melhor gramatical e formalmente.” (Informante – Turma IV)

Resp. 17: “Escolhi letra B porque a pronúncia fica melhor.” (Informante – turma IV)

Resp. 18: “Letra A. Dá um sentido de uma coisa certa, para o futuro, para algo que vai acontecer no futuro.” (Informante- Turma III)

Nesse fragmento, apesar de a maioria dos alunos ter optado pelo uso do predicador simples, alguns teceram comentários ligados à nuance de sentido, tal como o informante da resposta 18, que comenta sobre o fato da expressão com verbo-suporte tornar o fato descrito mais certo/próximo de acontecer.

Além de aplicarmos a pesquisa nas turmas de Ensino Fundamental também o fizemos em quatro turmas de Ensino Médio, são elas: Turma V, Turma VI Turma VII e Turma VIII. Abaixo seguem as tabelas e a descrição de alguns resultados mais contundentes.

Ensino Médio (Turma V)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	8	5	15	13	6	16	13	9	10	8	103
B	9	15	4	6	12	3	5	7	8	12	81
A e B	3	-	1	1	2	1	2	4	2	-	16
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Médio (Turma V)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	40%	25%	75%	65%	30%	80%	65%	45%	50%	40%	51,5%
B	45%	75%	20%	30%	60%	15%	25%	35%	40%	60%	40,5%
A e B	15%	-	5%	5%	10%	5%	10%	20%	10%	-	8%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 17: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a **mais correta** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma V).

Ensino Médio (Turma VI)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	11	12	7	10	14	11	14	12	5	8	104
B	8	7	11	8	4	7	4	7	12	8	75
A e B	1	1	2	2	2	2	2	1	3	4	21
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Médio (Turma VI)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	55%	60%	35%	50%	70%	55%	70%	60%	25%	40%	52%
B	40%	35%	55%	40%	20%	35%	20%	35%	60%	40%	37,5%
A e B	5%	5%	10%	10%	10%	10%	10%	5%	15%	20%	10,5%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 18: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a **mais correta** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma VI).

As turmas V e VI, as quais pertencem ao Ensino Médio, apresentaram, em geral, um resultado bastante equilibrado entre as opções. Tal fato demonstra que a alternância é um fenômeno presente no cotidiano discursivo desses estudantes, já que parte deles utiliza o

verbo predicador simples para se expressar e outra parte dela escolheu fazer uso da perífrase com o verbo *deixar*. Com exceção da Turma V, em relação ao fragmento 6³⁹, a maioria dos alunos da turma VI optou pela uso da perífrase verbal (*deixou Joel irritado*).

Vejamos o que disseram sobre este fragmento:

Resp. 19: “Por ser uma notícia informal, acho que a letra A ficaria melhor.” (Informante – Turma V)

Resp. 20: “Por ser uma notícia esportiva, a linguagem é menos formal acho mais correta a letra A.” (Informante – Turma V)

Resp. 21: “Letra A. Pois na maioria das vezes uma notícia esportiva utiliza uma linguagem mais informal.” (Informante – Turma V)

Resp. 22: “Letra A. A locução deixa mais explícita a emoção de Joel, parece enfatizar melhor o que aconteceu.” (Informante – Turma V)

Os alunos, de um modo geral, destacaram, como critério para a seleção do predicador complexo, uma característica atribuída à configuração de uma notícia esportiva: a informalidade. Tal fato vem ao encontro de nossas hipóteses, que havíamos imaginado que as notícias esportivas, por tratarem de um assunto mais descontraído, poderiam fazer maior uso de construções perifrásticas com *deixar*. Também houve quem chamasse a atenção para o aspecto semântico-discursivo de, mediante a opção por predicador complexo, explicitar a resultatividade do estado de coisas, como mostra a resposta 22.

As turmas VII e VIII apresentaram alguns resultados interessantes e, apesar de ambas as turmas terem feito a pesquisa marcando o que utilizariam, dentre as opções propostas, os resultados se mostraram bastante diferentes. Vejamos as tabelas 19 e 20:

³⁹ O fragmento 6 consistia em: “A incompetência do time para furar a retranca do Madureira não (A - deixou Joel irritado / B – irritou Joel): - Não vou ficar reclamando. Agora, todo mundo que se sente prejudicado dá uma reclamadinha. Com o primeiro empate no carioca, o Flamengo encerrou o período em que podia errar e fazer experiências.”.

Ensino Médio (Turma VII)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	3	13	5	8	13	7	9	9	7	6	80
B	16	6	15	11	1	5	7	6	7	5	79
A e B	1	1	-	1	6	8	4	5	6	9	41
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Médio (Turma VII)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	15%	65%	25%	40%	65%	35%	45%	45%	35%	30%	40%
B	80%	30%	75%	55%	5%	25%	35%	30%	35%	25%	39,5%
A e B	5%	5%	-	5%	30%	40%	20%	25%	30%	45%	20,5%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 19: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma VII).

Ensino Médio (Turma VIII)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	10	2	10	12	4	16	13	14	14	16	111
B	5	18	7	4	10	-	4	2	4	2	56
A e B	5	-	3	4	6	4	3	4	2	2	33
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Médio (Turma VIII)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	50%	10%	50%	60%	20%	80%	65%	70%	70%	80%	55,5%
B	25%	90%	35%	20%	50%	-	20%	10%	20%	10%	28%
A e B	25%	-	15%	20%	30%	20%	15%	20%	10%	10%	16,5%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 20: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante utilizaria dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Médio (Turma VIII).

A Turma VII, como observamos, é uma turma de Ensino Médio que mostrou dois resultados interessantes. Quanto ao fragmento 1⁴⁰, notamos que 80% da classe optou pelo

⁴⁰ O fragmento 1 consistia em: “Ele destacou na sua gestão o combate à bebida alcoólica, a discussão sobre a descriminação do aborto, o projeto da fundação estatal, entre outros. Sobre a perda da CPMF e o atual surto da dengue, é direto: “São momentos que não me (A - deixaram satisfeitos / B - satisfizeram).”.

uso do verbo predicador simples, contra 15% que optou pela perífrase verbal e 5% que nos informou que faria uso de ambas as construções neste contexto. Abaixo seguem algumas justificativas sobre a opção feita, ou seja, o uso da forma verbal simples:

Resp. 23: “B – satisfizeram. Pois seria uma forma mais culta, deixaria a frase no nível de quem lê.” (Informante – Turma VII)

Resp. 24: “B. Na minha opinião o jornal O Globo usaria esta palavra, sendo mais formal.” (Informante – Turma VII)

Resp. 25: “B. Esta opção torna a frase mais objetiva.” (Informante – Turma VII)

As respostas arroladas acima demonstram que os informantes compartilham a mesma hipótese que nós tínhamos ao iniciar esta pesquisa; de acordo com muitos alunos, o jornal *O Globo*, a fim de atender um público mais escolarizado, utilizaria o verbo predicador simples, pois essa estrutura deixaria o texto “mais culto”. Tais idéias demonstram que os informantes consideram a predicação simples como mais formal (em relação ao predicador complexo) e por conta disso mais adequado ao jornal *O Globo*, que atende a um público mais escolarizado.

Em relação ao fragmento 5⁴¹, a Turma VII mostrou comportamento parecido com o da Turma III de Ensino Fundamental. 65% dos informantes preferiu utilizar a perífrase verbal, contra apenas 5% que optou pelo uso da forma verbal simples; além disso, 30% decidiram marcar ambas as opções. Vejamos, primeiramente, o que indicaram os informantes dessa turma sobre a opção pela letra A, isto é, pela perífrase verbal com *deixar*.

⁴¹ O fragmento 5 consistia em: “Um novo tiroteio entre bandidos, na noite de ontem, (A - deixou cinco feridos e um morto/ B – feriu cinco pessoas e matou uma), assustando moradores da favela da Rocinha, em São Conrado. O confronto aconteceu na Rua Um, na parte alta do morro.”.

Resp. 26: “Letra A. Vejo que a palavra *deixou* é mais utilizada em nosso vocabulário para expressar notícias como essas.” (Informante – Turma VII)

Resp. 27: “Opção A. pois explica melhor o ocorrido.” (Informante – Turma VII)

Resp. 28: “Marcaria letra A, porque é mais fácil de pronunciar.” (Informante – Turma VII)

As respostas propostas pelos alunos mostram que há quem destaque a configuração da notícia associada à temática, conforme o informante da resposta 26, o qual diz que uma notícia que trata de violência/tragédia utiliza, com maior frequência, construção perifrástica com *deixar*, o que denota a produtividade desse termo. Outro explicita a noção de resultatividade ao informar que utilizaria a opção *deixou cinco feridos e um morto*, a qual “explica melhor o ocorrido”.

Como a Turma IV, a Turma VIII também apresentou um resultado interessante quanto ao fragmento 2⁴²; entretanto, apesar de as turmas terem respondido a mesma pesquisa, a primeira turma (Ensino Fundamental) optou em maior proporção pela perífrase, enquanto a Turma VIII optou pelo verbo predicador simples. Tal fato nos faz pensar na hipótese de que os falantes mais jovens utilizam com maior frequência a perífrase verbo-nominal (tal como encaminham alguns que tratam de predicadores complexos), sem considerá-la informal; e, com a ampliação do rol de recursos lingüísticos que a escolarização fomenta, o falante tende a mudar seu comportamento lingüístico, valendo-se de um repertório mais diversificado que inclui, naturalmente, perífrases verbo-nominais, das quais lança mão sempre que julga mais conveniente aos propósitos comunicativos.

⁴² O fragmento 2 consistia em: “De acordo com a polícia paulista, apesar de (A - deixar as mulheres parcialmente despidas/ B – despir as mulheres parcialmente), Leandro Basílio Rodrigues não costumava violentar suas vítimas. Ele as executava porque não conseguia manter relações sexuais com as jovens. Na maioria das vezes, elas eram atraídas pelo maníaco de Guarulhos com um convite para fumar pedras de crack.”.

Quanto aos fragmentos 6⁴³, 8⁴⁴, 9⁴⁵ e 10⁴⁶, a Turma VIII, em geral, optou por utilizar a perífrase verbal. Diferentemente de outras turmas, essa utilizou em 55,5% dos casos a construção perifrástica, contra 28% que optaram pelo verbo predicador simples, além de 16,5% informantes que marcaram ambas as estruturas como possíveis.

Quanto ao fragmento 6, 80% dos alunos optaram pela perífrase. Nenhum aluno desta classe marcou a opção que continha somente a predicação simples, entretanto 20% dos alunos marcaram a opção que continha letra A e B. Os fragmentos 8, 9 e 10 tiveram resultados interessantes, pois a maioria dos usuários preferiu utilizar, nesses casos, a perífrase verbal. Vejamos o que eles disseram a respeito do item 6:

Resp. 29: “Marquei a opção A, pois dá a entender que é um fato contínuo e não algo que vai acontecer esporadicamente.” (Informante – Turma VIII)

Resp. 30: “A; deixar vazia, significa não preencher; esvaziar significa tirar algo, na frase a melhor que encaixa é a letra A.” (Informante – Turma VIII)

Resp. 31: “Marquei A, pois dá idéia de habitualidade, algo que vai acontecer de pouquinho em pouquinho.” (Informante – Turma VIII)

⁴³ O fragmento 6 consistia em: “Há uma coisa muito importante que diz respeito às cidades: o multiuso. Hoje, nós não podemos nos dar ao luxo de (A - deixar vazias/ B – esvaziar) determinadas regiões das cidades, durante 16 horas por dia. Temos que ocupar sempre com a função que está faltando.”

⁴⁴ O fragmento 8 consistia em: “De acordo com Andrew Storfer, vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, o leitor deve (A- deixar o dinheiro aplicado B – aplicar o dinheiro), pois a Petrobras e a Vale são empresas sólidas, com bons fundamentos e boas perspectivas de rentabilidade futura.”

⁴⁵ O fragmento 9 consistia em: “O governo alcançou arrecadação recorde nos três primeiros meses do ano. São bilhões. César diz que vai (A - deixar o caixa cheio/ B – encher o caixa) para seu sucessor. E o que vemos no Rio é epidemia de dengue, milhares contaminados por dia e ninguém diz nada.”

⁴⁶ O fragmento 10 consistia em: Em outubro passado, em um único dia, dez supostos bandidos foram mortos numa operação nas favelas da Coréia e do taquaral, em Senador Câmara. A ocupação ainda (A - deixou um policial e uma criança mortos / B – matou um policial e uma criança). No início do ano, em fevereiro, quatro suspeitos do tráfico e dois inocentes morreram numa operação da Core do Bope e da Força Nacional de Segurança.”

As respostas de muitos alunos, em relação ao fragmento 6, versavam sobre a nuance de significado existente entre a predicação complexa e a predicação simples, como apontou o informante da resposta 30, o qual diz que “*deixar vazias*” e “*esvaziar determinadas regiões*” consistem em ações diferentes. De fato, tal fragmento foi posto, propositalmente, no teste, pois queríamos investigar se o falante notaria essa nuance entre o significado do predicador simples e da perífrase com *deixar*. A maioria dos alunos, através do contexto, informou que a melhor opção, de acordo com o restante do fragmento, era a A. Tais explicitações demonstram que o fator nuance de significado influenciará na escolha do falante ao optar por uma predicação simples ou complexa.

Abaixo, veremos as tabelas das Turmas IX, X, XI, e XII, as quais se referem aos resultados obtidos entre estudantes do Ensino Superior.

Ensino Superior (Turma IX)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	14	1	5	11	10	14	14	12	9	3	93
B	4	19	10	5	5	2	3	4	3	10	65
A e B	2	-	5	4	5	4	3	4	8	7	42
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Superior (Turma IX)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	70%	5%	25%	55%	50%	70%	70%	60%	45%	15%	46,5%
B	20%	95%	50%	25%	25%	10%	15%	20%	15%	50%	32,5%
A e B	10%	-	25%	20%	25%	20%	15%	40%	40%	35%	21%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 21: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a **mais correta** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma IX).

Ensino Superior (Turma X)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	14	2	7	10	7	13	11	11	11	7	93
B	4	17	9	8	8	5	5	4	4	7	71
A e B	2	1	4	2	5	2	4	5	5	6	36
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Superior (Turma X)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	70%	10%	35%	50%	35%	65%	55%	55%	55%	35%	46,5%
B	20%	85%	45%	40%	40%	25%	25%	20%	20%	35%	35,5%
A e B	10%	5%	20%	10%	25%	10%	20%	25%	25%	30%	18%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 22: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante considera como a **mais correta** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma X).

A turma IX, assim como a turma X, apresentou um resultado importante quanto ao fragmento 2⁴⁷, pois 95% da primeira turma optou pelo uso do verbo predicador simples. Tal comportamento possivelmente decorreu do fato de haver dois participios juntos na construção perifrástica, o que, talvez, tenha sido encarado como uma barreira para o uso de construções complexas. Há que se considerar ainda a questão de que a escolarização promove contexto para a diversificação de recursos lingüísticos, fator que tende a favorecer a seleção de formas verbais diversas, evitando-se com isso a repetição de recursos como, por exemplo, “deixar” que serve a outras funções também, além à de Vsup, e, por isso, tende a ser mais produtivamente acionado que outras formas verbais que não se prestam a

⁴⁷ O fragmento 2 consistia em: “Este trecho da Rua do Couto, ao lado do que restou do Curtume Carioca, na Penha, está sendo transformado em lixeira e criadouro de ratos, baratas e mosquitos. Onde está a prefeitura que não faz nada? Na época de combate à dengue, é inacreditável que tanto lixo seja (A - deixado abandonado/ B- abandonado) no meio da rua.”.

funções (semi-)gramaticais. Vejamos o que alunos do Ensino Superior, estudantes de Letras, disseram sobre este fragmento.

Resp. 32: “Letra B. É uma forma mais usada, mais simples, permite maior compreensão.” (Informante – Turma IX)

Resp. 33: “Opção B. Me soou estranho dois participios.” (Informante – Turma IX)

Resp. 34: “Letra B. Como já há um verbo (seja), o melhor é optar por apenas uma forma nominal do verbo.” (Informante – Turma X)

Resp. 35: “B. A utilização do termo *abandonado* faz com que recaia uma ênfase maior sobre ele e essa ênfase dá mais força a frase, visto que implica no sentido dela.” (Informante – Turma X)

Resp. 36: “B. O fato de serem dois verbos, o suporte e o principal, utilizado no participio não produz um som agradável, parecendo redundante devido ao fato de os dois demarcarem tempo presente. (Informante – Turma X)

Resp. 37: “B. Pela simplificação da própria estrutura e construção da oração.” (Informante – Turma X)

A partir das respostas dos informantes, como as citadas acima, podemos notar que um duplo participio é um fator desfavorável ao uso de predicções complexas. Muitos alunos comentaram que, neste caso, o uso do verbo predicador simples é mais adequado, pois simplifica o texto, tornando-o mais acessível e comum. Além disso, segundo um estudante, o uso de uma forma simples poderia ser mais enfático, já que o foco da frase estaria voltado para o elemento *abandonado*.

A maioria dos estudantes da Turma IX optou, no fragmento 6⁴⁸, pelo uso da perífrase verbal, assim como mostram os resultados das Turmas II (Ensino Fundamental) e V (Ensino Médio), as quais responderam a mesma pesquisa de opinião. 70% dos alunos da

⁴⁸ O fragmento 6 consistia em: “A ira do governador sobrou ainda para os médicos que faltaram ao plantão do Hospital Getúlio Vargas, na Penha, domingo. Ele os chamou de “vagabundos” e disse que vai atacá-los: - É uma situação que nos (A - **deixa angustiados** / B - **angustia**), mas tem solução. Quero ver o Cremerj denunciar esses safados.”.

Turma IX optaram pela construção complexa (*deixa angustiado*) contra 10% que escolheram a forma verbal simples cognata, além disso, 20% dos discentes marcaram ambas as opções, considerando as duas construções corretas.

Abaixo, seguem alguns comentários sobre tal fragmento:

Resp. 38: “A. Além de ser uma situação de ‘raiva’ e indignação por parte do falante, acho que nesses casos é mais comum as perífrases.” (Informante – Turma IX)

Resp. 39: “Letra A. Deixar é um verbo que mostra uma situação passageira. Aquele determinado fato, naquela hora, os deixou angustiados. Situação que pode mudar futuramente. (Informante – Turma IX)

Resp. 40: “Opção A. A locução verbal é mais adequada para a melhor compreensão do sintagma.” (Informante – Turma IX)

Nas respostas arroladas acima, os alunos explicitaram que o verbo *deixar* em uma construção como *deixou angustiados* expressa algo passageiro. Em construções resultativas em que o resultado expressa um estado psicológico (*deixou angustiados*), esse estado tende a ser efêmero, como visto na construção do fragmento 6. Já a resposta 40 demonstra que a construção resultativa é mais adequada para a compreensão da frase, talvez o aluno possa ter pensado dessa maneira pelo fato dessa construção focar a mudança de estado.

Para encerrarmos a descrição relativa aos testes aplicados entre estudantes, apresentam-se abaixo as tabelas comparativas das Turmas XI e XII.

Ensino Superior (Turma XI)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	8	10	8	7	17	8	19	10	17	14	118
B	12	8	10	13	2	11	1	9	1	6	73
A e B	-	2	2	-	1	1	-	1	2	-	9
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Superior (Turma XI)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	40%	50%	40%	35%	85%	40%	95%	50%	85%	70%	59%
B	60%	40%	50%	65%	10%	55%	5%	45%	5%	30%	36,5%
A e B	-	10%	10%	5%	5%	5%	-	5%	10%	-	4,5%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 23: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante **utilizaria** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma XI).

Ensino Superior (Turma XII)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	9	7	3	4	12	5	14	12	10	6	82
B	6	11	12	12	5	11	3	6	9	9	84
A e B	5	2	5	4	3	4	3	2	1	5	34
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Ensino Superior (Turma XII)											
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	Total
A	45%	35%	15%	20%	60%	25%	70%	60%	50%	30%	41%
B	30%	55%	60%	60%	25%	55%	15%	30%	45%	45%	42%
A e B	25%	10%	25%	20%	15%	20%	15%	10%	5%	25%	17%
Total	20	20	20	20	20	20	20	20	20	20	200

Tabela 24: Tabela demonstrativa da aplicação do teste de opinião sobre a estrutura que o informante **utilizaria** dentre as opções. Aplicação feita em uma turma de Ensino Superior (Turma XII).

A partir da tabela 23, notamos que a maioria dos discentes da Turma XI optou pelo uso da perífrase nos fragmentos 5⁴⁹, 7⁵⁰ e 9⁵¹. Além disso, de modo geral, nos demais fragmentos o resultado ficou bastante equilibrado, conforme denotam as tabelas. Tal fato nos mostra que a alternância também vigora no meio daqueles que já estão no Ensino Superior. Vejamos algumas das explicações mais recorrentes dadas pelos estudantes a respeito dos fragmentos 5, 6 e 7:

- Sobre o fragmento 5

Resp. 41: “Opção A. A notícia escrita dessa maneira é capaz de explicar melhor o sentido da frase, informando melhor o assunto.” (Informante – Turma XI)

Resp. 42: “A. Vejo que a palavra deixou é mais utilizada em nosso vocabulário.” (Informante – Turma XI)

Resp. 43: “A. Porque o *deixou* dá mais ênfase no fato ocorrido, deixando a frase mais enfática.” (Informante – Turma XI)

Resp. 44: “Utilizaria letra A, passa a idéia de que esse foi o saldo do tiroteio.” (Informante – Turma XI)

Por meio dos comentários tecidos pelos alunos sobre o fragmento 5 (por exemplo, os citados acima), notamos que vários informantes perceberam que o verbo *deixar* enfatiza o resultado do fato ocorrido, ou seja, a mudança de estado. Um aluno destacou, ainda que, neste contexto, a construção perifrástica é mais explicativa, o que, em verdade, ocorre pelo fato de haver expresso/evidente o resultado.

⁴⁹ O fragmento 5 consistia em: “Um novo tiroteio entre bandidos, na noite de ontem, (A - deixou cinco feridos e um morto/ B – feriu cinco pessoas e matou uma), assustando moradores da favela da Rocinha, em São Conrado. O confronto aconteceu na Rua Um, na parte alta do morro.”

⁵⁰ O fragmento 7 consistia em: “Se Lopes se apresentou rápida e orgulhosamente em São Januário, com o velho sentimento de satisfação por estar de volta ao clube pelo qual seu coração sempre prendeu, Alfredo Sampaio (A -deixa o Vasco convencido / B – convence o Vasco) de que tomou a decisão correta.”

⁵¹ O fragmento 9 consistia em: “O governo alcançou arrecadação recorde nos três primeiros meses do ano. São bilhões. César diz que vai (A - deixar o caixa cheio/ B – encher o caixa) para seu sucessor. E o que vemos no Rio é epidemia de dengue, milhares contaminados por dia e ninguém diz nada.”

- Sobre o fragmento 7

Resp. 45: “A alternativa A deixa os fatos mais claros.” (Informante – Turma XI)

Resp. 46: “Opção A. Fica mais fácil de pronunciar e entender o que se pretende exteriorizar.” (Informante – Turma XI)

Resp. 47: “Marcaria letra A, pois a decisão de Alfredo Sampaio fica evidenciada como a melhor, algo direto.” (Informante – Turma XI)

A maioria dos comentários expostos pelos alunos sobre o fragmento 7 versam sobre o fato da construção perifrástica tornar a sentença mais inteligível, mais clara . Além disso, alunos explicitaram que utilizando a construção perifrástica, foca-se, mais enfaticamente, no resultado expresso pela frase.

- Sobre o fragmento 9

Resp. 48: “Letra A. O dinheiro já está no caixa. Ele só vai deixar o caixa com o valor estipulado. Não vai precisar arrecadar mais dinheiro. (Informante – Turma XI)

Resp. 49: “Letra A. Pois como vai transmitir o cargo a seu sucessor esta expressão com o uso da palavra *deixar* se adequa mais. (Informante – Turma XI)

Resp. 50: “Como se trata de uma carta de um leitor, acho que ele utilizaria a alternativa A, pois se encaixa melhor na frase. (Informante – Turma XI)

Por fim, sobre o fragmento 9, os alunos perceberam uma nuance de significado entre as construções *deixar o caixa cheio* e *encher o caixa*, tendo em vista que: a primeira deixa transparecer que o caixa já se encontra cheio e o prefeito César Maia o manterá dessa maneira até passar seu cargo para o sucessor; enquanto que em *encher o caixa* tem-se a impressão que o caixa está vazio e o prefeito o encherá . Tal fragmento foi inserido propositalmente no texto. Achávamos que os discentes perceberiam a pequena nuance de sentido e, de fato, muitas deles notaram-na.

Quanto aos dez testes realizados com professores, pudemos constatar que nenhum deles fez referência às construções perifrásticas que constituíam os textos *A volta do velho comandante* e *Beleza é fundamental?*⁵². Alguns professores fizeram algumas *correções* no texto relacionadas à paragrafação ou a aspectos de coesão; entretanto, nada comentaram quanto às construções com *deixar* atuando como verbo-suporte. Não se detectou, portanto, qualquer atitude de rejeição às formas perifrásticas, nem mesmo ao fato do item repetir-se num mesmo texto várias vezes, o que pode ser um indício de que a forma perifrástica está em fase de gramaticalização ou, até mesmo, já se encontra gramaticalizada.

⁵² Cf. Anexo II.

❖ Resumindo...

A partir da análise dos resultados, podemos constatar que há uma tendência ao uso das formas perifrásticas com o verbo *deixar*, mesmo que não seja superior à tendência ao emprego de predicadores simples. O verbo *deixar* é apontado como recurso produtivo na formação de construções complexas, independentemente da idade e grau de escolaridade dos informantes.

Com relação à seleção vocabular, os resultados, em todas as turmas, foram equilibrados. O grau de escolaridade não se mostrou uma variável favorável ao uso das perífrases, já que, apesar de haver uma distinção entre os graus de instrução dos informantes, isso não nos trouxe qualquer resultado expressivo em direção a uma ou outra alternativa. Talvez isso tenha ocorrido em função do fenômeno não possuir um caráter estigmatizante. De qualquer modo, parece prevalecer a idéia de que influenciará significativamente a co-atuação de um conjunto de parâmetros de natureza semântico-discursiva e/ou discursivo-pragmática, tais como aspectos relacionados: ao grau de formalidade do texto, ao objetivo do texto, à intenção de focar algo em particular, à intenção de expressar algo adequadamente, dentre outros.

A pesquisa de atitudes lingüísticas leva-nos a pensar na hipótese de as escolas estarem cumprindo o papel de demonstrar aos alunos que há a possibilidade de optar entre uma forma verbal simples ou uma forma perifrástica, situação que só contribui para a ampliação do acervo lingüístico dos discentes.

Finalizando, vale relacionar alguns resultados obtidos na seção anterior aos vistos nesta. Quanto ao veículo/fonte de um dado, os alunos, muitas vezes, julgavam que o jornal *O Globo* utilizaria um predicador simples, pelo fato desse tipo de estrutura ser considerada

mais formal. Vimos, entretanto, que o jornal *O Globo*, ao contrário de nossas hipóteses, utiliza maior número de construções complexas se comparado ao jornal *Extra*, o qual é mais popular. Outro aspecto pertinente está associado ao gênero textual e a temática do que é tratado nesse gênero. Alguns alunos fizeram considerações baseados em aspectos desse tipo, mostrando, por exemplo, que ao falar de futebol, utiliza-se uma linguagem mais informal. Através dos dados jornalísticos, vimos, realmente, que as notícias esportivas, assim como as que tratam de assuntos relacionados à violência/tragédia fazem uso significativo das construções perifrásticas. Apesar disso, foram nas notícias sobre fatos gerais que encontramos o maior percentual de predicções complexas. Aspectos relacionados à nuance de significado também influenciarão na escolha do falante, tendo em vista que ele utilizará a construção que melhor se adequa ao que pretende expressar.

As análises dos dados jornalísticos associadas às pesquisas de atitudes lingüísticas foram de extrema importância, pois nos ajudaram a compreender, com maior clareza, alguns fatores que podem vir (ou não) a influenciar na escolha do falante por uma predicação simples ou por uma predicação complexa.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tencionando entender melhor as predicções que retratam um movimento em que, a partir de uma causa, gera-se um efeito, estudamos as construções resultativas de propriedades causativas formuladas com o verbo *deixar* em Português brasileiro.

No que concerne ao nível descritivo, registramos o uso e as características de algumas construções com o verbo *deixar* e, principalmente, das estruturas resultativas com esse verbo, extraídas de diversos gêneros textuais dos jornais *O Globo* e *Extra*. Quanto ao nível teórico-metodológico, embasados na Teoria Funcionalista e Sociofuncionalista, na Lingüística Cognitiva e na Gramática das Construções, apresentamos uma possibilidade de tratamento do item lingüístico (*deixar*), em função da abordagem feita por Goldberg (1995) sobre as construções resultativas de propriedades causativas, as quais se enquadram na estrutura “X fazer Y tornar-se Z”. Em relação às contribuições de nível explicativo, constatamos que *deixar*, nas predicções resultativas, atua como verbo-suporte. Em virtude disso, *deixar* torna-se responsável pela atribuição de função predicante a um elemento não-verbal. Ademais, em relação ao verbo predicador, *deixar* sofre certo desgaste semântico. Em virtude dessa perda semântica e de sua função predicante, *deixar* passa a desempenhar o papel de um instrumento morfossintático na formação de um predicado complexo, compondo, então, uma expressão sintática com significação particular, a qual é, praticamente, indissolúvel.

Trabalhamos, nesta pesquisa, com as construções resultativas de propriedades causativas, já que o foco desse tipo de construção é a mudança de estado aplicada a um SN passível de mudança de estado. Tais construções são denominadas causativas porque há um

argumento que representa o ‘agente’/ ‘causador’ da mudança de estado. Vale salientar que este argumento quando representado por um ‘agente’ apresenta traço [+ volitivo], entretanto se tal argumento for preenchido por um ‘causador’, esse terá traço [- volitivo] em relação ao agente.

A presente dissertação permitiu aprofundar o que se sabe sobre o comportamento sintático e semântico do verbo *deixar* em construções do tipo {X *deixar* Y em certo estado/condição → Z}, confrontando-as com outras predicções em que *deixar* apresenta comportamento de Vpredicador, exprimindo outros sentidos.

Com o intuito de averiguarmos como os falantes expressam lingüisticamente a mudança de um estado a outro, analisamos as construções resultativas, as quais possuem em si SRs, representantes da mudança de estado expressa no pólo sintático dessa construção. Tal mudança de estado pode ser realizada: (i) por meio de um SR interno, através da lexicalização do resultado, como em: (*Sarinha alegrou Beth.*); ou (ii) por meio de um SR externo ao verbo, como é o caso de: (*Sarinha deixou Beth alegre.*). Constatamos que, em nosso *corpus*, o número de ocorrências com SR interno foi maior do que aqueles que apresentam o SR externo ao verbo, apesar disso o número de dados com SR externo foi expressivo, revelando-nos a freqüência de ambas as construções na língua.

O estudo da alternância mostra-nos que há uma tendência ao emprego do verbo predicador em nossa língua, já que com esse tipo de construção utilizamos itens lexicais novos, como em: *enlouqueceu* (*deixar* louco), *amedrontar* (*deixar* amedrontado), *esclarecer* (*deixar* claro). Através do uso do verbo predicador, expressamos o “estado” sem repetir, excessivamente, os mecanismos lingüísticos necessários para isso. Em verdade,

acreditamos que há uma tendência à lexicalização de diversas noções lingüísticas, mesmo as diferentes das que expressam resultado.

Ainda, em relação ao estudo da alternância, vale salientar que este fundamentou-se em testes de percepção e uso. Apesar de haver a co-ocorrência de construções com verbo predicador pleno (*alegrar*) e com verbo-suporte (*deixar alegre*), não podemos tratá-las como sinônimas perfeitas, já que há finalidades pragmático-discursivos que atuam no momento em que o falante opta por uma ou outra construção, tais como: obtenção de maior versatilidade semântica, maior adequação ao registro, dentre outros.

Com os testes de atitude, constatamos que as construções com verbos-suporte são recorrentes na Língua Portuguesa e atuam ao lado das construções com predicador correspondente, produtivamente, de acordo com os informantes; apesar de as construções perifrásticas não serem recomendadas por alguns manuais de redação. Vale salientar que os testes aplicados tanto para o ensino fundamental, quanto para o ensino médio e ensino superior não apresentaram uma distinção significativa entre falantes considerados mais cultos e menos cultos. Talvez esse resultado se deva ao fato de o fenômeno não exibir caráter estigmatizante. Em todos os níveis de escolaridade usa-se a perífrase verbal, aliás, houve casos em que o falante achou, inclusive, mais formal o uso da predicação complexa. Estudos como o de Portela (2009) mostram que, até mesmo, em textos acadêmicos o predicador complexo tem espaço.

A multifuncionalidade do verbo *deixar*, que neste momento está um pouco mais evidente, passa despercebida, na maioria das vezes, devido a uma análise superficial. Contudo, ao explorarmos o assunto, percebemos a amplitude funcional de *deixar*, além de sua abrangência semântica, observada por meio da polissemia desse verbo, o qual pode

assumir inúmeras acepções a depender do contexto, fato ocorrido por conta da vivacidade da língua que, segundo Cunha & Cintra (1985), é:

“um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade, a língua é um meio por que ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade da linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.” (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 1)

Há muito o que pesquisar, ainda, sobre as construções com o verbo *deixar* e a sua configuração sintático-semântica. Há temas que podem ser revisados, gerando novas pesquisas relacionadas à, por exemplo, multifuncionalidade de *deixar* e, então, a gramaticalização deste item lexical, dentre outros assuntos. Vale comentar que *deixar* pode assumir diferentes funções no *continuum de gramaticalização*: verbo predicador pleno (*A mãe deixou filhos e marido.*), verbo predicador não-pleno (*Kaká deixou o campo de futebol.*), verbo-suporte (*Robinho deixou a torcida animada.*), verbo semi-auxiliar (*Emanuel deixou de beber e fumar.*). Estamos longe de esgotar o assunto, o que nos estimula e convence a manter a pesquisa mesmo depois de findada esta etapa. Sabemos que *deixar* ainda irá nos surpreender, seduzir, encantar e nos *deixar enlouquecidos*.

Como palavras finais, devemos pensar que entender a nossa vida, o modo como vivenciamos os fatos e vivemos o dia-a-dia é compreender a complexidade da estrutura da nossa língua, que verbaliza nossas experiências e emoções diárias, o que nos motiva em nossas investigações e análises lingüísticas.

8. BIBLIOGRAFIA

- ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. Parte 1; CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. Parte 2. In: MUSSALIN, F. & BENTES, A. C. *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- AULETE, Francisco J. Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Delta, 1 v.,1964.
- BEAUGRANDE, R. de. *Functionality and textuality*. Viena: Universitates Verlag (pré-impressão), 1993.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Companhia editora Nacional, 1976.
- _____. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BORBA, Francisco da S. *Dicionário Gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: UNESP, 1990.
- _____. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BORGES NETO, J. *A incomensurabilidade e a "compatibilização" de teorias*. Letras, 38, 1989.
- BUENO, F. da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.
- CAMPEDELLI, S. Y. & SOUZA, Jesus Barbosa de. *Minigramática*. São Paulo: Saraiva, 1998.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em Construção*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 2001.
- CASTIM, Fernando. *Princípios básicos de semântica*. Recife: FASA, 1983.

- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 37ª ed. São Paulo: Nacional, 1994.
- CEREJA, Willian R. & MAGALHÃES, Tereza C. *Gramática reflexiva*. São Paulo: Atual, 1999.
- CEZARIO, Maria Maura. *Graus de Integração de Cláusulas com Verbos Volitivos*. In: VOTRE, Sebastião José. Gramaticalização. Rio de Janeiro: UFRJ.
- CEZARIO, Maria Maura & VOTRE, Sebastião José. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHOMSKY, N. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Lisboa: Armênio Amado Editor, 1978.
- CROFT, W. *Typology and universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso & Cintra, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIK, C.S. *The theory of functional grammar*. Dordrecht:-Holland/Providence RI-EUA: Foris Publications, 1989.
- ESTEVES, Gisele A. T. *Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.
- FARACO, Carlos E. & MOURA, Francisco M de. *Gramática nova*. São Paulo: Ática, 1994.
- FASOLD, Ralph. *The Sociolinguistics of Society*. vol. I. New York, B. Blackwell, 1984.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de Verbos e Regimes*, 44ª ed., São Paulo: Globo, 2001.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

- FIGUEIREDO, Cândido. *Grande Dicionário de Língua Portuguesa*. Venda Nova: Bertrand, 1996.
- FILLMORE, Charles. Innocence: a second idealization for linguistics. In: *Proceedings of the annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. University of California: Berkeley, 1979.
- _____. Topics in lexical semantics. In: R. COLE (ed.). *Current issues in linguistic theory*. Bloomington: Indiana University Press, 1977, p. 76-138.
- FILLMORE, Charles & KAY, Paul. *Construction grammar*. Ms, Berkeley: University of California, 1993.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. v. 3, 1954.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at work*. Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele & JACKENDOFF, Ray. *The English resultativa as a family of constructions*. Language: Journal of the Linguistic Society of America, Washington D.C., v. 80, n. 3, p. 532-568, 2004.
- HALLIDAY, M. A. K. Text is a semantic choice in social contexts. In: T. A. VANDIJK & J. PETOFI. *Grammars and descriptions*. Berlin: Walter De Gruyter, 1977.
- HEINE, Bernd. *Auxiliaries. Cognitive forces and grammaticalization*, Oxford, Oxford University Press, 1993.
- HEINE, Bernd *et alii*. *Grammaticalization*. In: JOSEPH, Brian D. & Janda, Richard D. The handbook of historical linguistics. Oxford: Blackwell, 2003.
- HEINE, B. & KUTEVA, T. *Language contact and grammatical change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. *The study of language in its social context*. In: Sociolinguistics patterns. Oxford: Blackwell, 1972.
- LABOV, William. *The use of the present to explain the past*. In: Principles of linguistic Change. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1994.
- LANGACKER, Ronald *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 1, Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. The University of Chicago Press. Chicago & London, 1980.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.
- LAVANDERA, Beatriz R. *Where does the sociolinguistic variable stop?* *Language in society*, v. 7, p. 171-182, 1978.
- LEITE, Marcelo A. *Resultatividade*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- LEVIN, B. & RAPPAPORT M. Building verbs meaning, in BUTT, M & GEUDER, W., *The projection of arguments: lexical and compositional factors*, CSLI Publications, Stanford, 1998.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 2001.

- MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1956.
- MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____. *Gramaticalização e vinculação entre cláusulas adverbiais*. Relatório de Pesquisa apresentado ao CNPq. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião J. & CEZARIO, Maria Maura (org). *Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1996.
- MARTELOTTA & PALOMANES. Lingüística Cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. (org). *Manual de Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MATEUS *et alii*. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- MESQUITA, Roberto M. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. São Paulo: Saraiva, 1994.
- NEVES, Maria Helena de M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. Estudo das construções com verbo-suporte em português. In: KOCH, I. G. (org.) *Gramática do Português Falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. Unicamp/ FAPESP, 1996.
- _____. *Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. São Paulo: UNESP, 2001.
- NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. *Gramática essencial*. São Paulo: Scipione, 1997.
- MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos (Dicionários Michaelis), 1998.
- MOLLICA, Ma. Cecília. & Braga, Ma. *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.

- NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1952.
- PASCHOALIN & SPADOTO. *Gramática – teoria e exercícios*. São Paulo: FTD, 1989.
- PAULIUKONIS, Maria A. Lino & SANTOS, Leonor Werneck dos. *Estratégias de Leitura-texto e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2006.
- PORTELA, Kate L. *Dar medo; fazer pesquisa; ter orgulho: perífrases de uma dissertação*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- PORTELA, Kate L. *Ter/Dar/Fazer queixa: queixar-se? A alternância entre perífrases e verbos plenos correspondentes*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- PULHIESE, Jaqueline Oliveira. *Reflexividade e desreflexivização no português do Brasil: a abordagem sociocognitiva sobre a linguagem*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.
- PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- ROBINSON, J. S., LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. *Goldvarb 2001: a multivariate analysis for Windows*. Heslington: University of York: 2001.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Gramática Essencial Ilustrada*. São Paulo: Atual, 1994.
- SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática, 1997.
- SILVA, Augusto Soares da *A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística*. Revista Portuguesa de Humanidades 1. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, pp. 59-101, 1997.
- _____. *A Semântica de Deixar. Uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SILVA, Augusto Soares da (org.). *Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva*. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

SILVA, Antônio de Moraes. *Diccionario da Lingua Portugueza - reformado, e acrescentado*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789 (²1813: repr. facsimilada Rio de Janeiro Fluminense, 1922; ³1823, ⁴1831, ⁵1844, ⁶1858, ⁷1877/1878, ⁸1891, 9^o ed. s,d.).

TAMBA-MECZ, I. *A semântica*. São Paulo: Parábola, 2006.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1990.

VIEIRA, Marcia dos S. M. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: VIEIRA, Silvia R. & BRANDÃO, Silvia F. (org.). *Morfossintaxe e Ensino de Português: Reflexões e Propostas*. Rio de Janeiro: In Fólio, 2004.

VIEIRA, Silvia R. & BRANDÃO, Silvia F. (org.). *Morfossintaxe e Ensino de Português: Reflexões e Propostas*. Rio de Janeiro: In Fólio, 2004.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Ma. da Conceição e Ma. Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

❖ FONTES DOS TEXTOS ESCRITOS CONSIDERADOS NO LEVANTAMENTO DE DADOS

JORNAL *O GLOBO*. Infoglobo: Rio de Janeiro, 2007/ 2008.

JORNAL *EXTRA*. Infoglobo: Rio de Janeiro, 2007/ 2008.

9. ANEXOS

❖ Anexo I → Testes de atitude aplicado aos alunos

PESQUISA DE <u>OPINIÃO</u>		
Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior		
Idade: _____		
Instituição de Ensino: _____		
Município: _____	Turno: _____	Série: _____

Atenção: Neste material não há certo ou errado. O objetivo aqui é conhecer suas opiniões a respeito das estruturas marcadas nos fragmentos de textos abaixo.

Observação: Leia atentamente as frases a seguir. Analise o **sentido** das estruturas marcadas entre parênteses e grife a que **você acha mais correta**. Se achar as duas estruturas corretas, marque as duas. Ao final de cada frase lida, por favor, justifique a opção que fez, isto é, explique por que motivo(s) indicou (A) ou (B) ou as duas (A e B).

Fragmento I) *Notícia esportiva extraída do Jornal O Globo*

Lúcio Flávio entendeu o recado. Para ele, é muito melhor jogar do que treinar. – Prefiro sempre jogar. E acho que a maioria do time titular pensa assim – disse o alvinegro. Cuca **(A - deixou claro / B- esclareceu)** que jogar contra um time reserva do Fluminense não diminuí o peso do clássico para ele.

Justifique:

Fragmento II) *Carta de Leitor extraída do Jornal Extra*

Este trecho da Rua do Couto, ao lado do que restou do Curtume Carioca, na Penha, está sendo transformado em lixeira e criadouro de ratos, baratas e mosquitos. Onde está a prefeitura que não faz nada? Na época de combate à dengue, é inacreditável que tanto lixo seja **(A - deixado abandonado/ B- abandonado)** no meio da rua.

Justifique:

Fragmento III) *Notícia de fatos gerais extraída do Jornal O Globo*

Só aos 30 anos de idade, em 1979, ele soube que o marido de sua mãe, Hans Flechtmann, não era seu pai biológico. Annemarie Kilgus, mãe de Frank, contou-lhe finalmente que seu pai, Joan, saíra da Alemanha pós-guerra sem saber que a havia (**A - deixado grávida / B – engravidado**).

Justifique:

Fragmento IV) *Notícia de fatos gerais extraída do Jornal Extra*

A experiência não durou um mês, mas foi o tempo necessário para (**A - deixar o francês Antoine Robin fortemente impressionado / B – impressionar fortemente o francês Antoine Robin**) com a violência nas favelas. Diretor do documentário ‘Bope – O lado obscuro do Rio’, *hit* do camelô da cidade, ele dificilmente vai se esquecer da cenas que viu nas comunidades dominadas pelo tráfico de drogas.

Justifique:

Fragmento V) *Notícia esportiva extraída do Jornal O Globo*

A incompetência do time para furar a retranca do Madureira não (**A - deixou Joel irritado / B – irritou Joel**): - Não vou ficar reclamando. Agora, todo mundo que se sente prejudicado dá uma reclamadinha. Com o primeiro empate no carioca, o Flamengo encerrou o período em que podia errar e fazer experiências.

Justifique:

Fragmento VI) *Notícia política extraída do Jornal Extra*

A ira do governador sobrou ainda para os médicos que faltaram ao plantão do Hospital Getúlio Vargas, na Penha, domingo. Ele os chamou de “vagabundos” e disse que vai atacá-los: - É uma situação que nos (**A - deixa angustiados / B – angústia**), mas tem solução. Quero ver o Cremerj denunciar esses safados

Justifique:

Fragmento VII) *Texto de opinião extraído do Jornal O Globo*

O número de mortos e feridos no trânsito corresponde a uma pandemia global, que mata 1,2 milhão de pessoas por ano e (**A - deixa 50 milhões de feridos / B - fere 50 milhões**) – a grande maioria em países em desenvolvimento. A expressão “acidente de trânsito” é um eufemismo para a negligência que custa a vida de milhões de pessoas.

Justifique:

Fragmento VIII) *Notícia sobre fatos gerais extraída do Jornal Extra*

O uso excessivo de tocadores de MP3 pode (**A - deixar entre 2,5 milhões e 10 milhões de europeus surdos / B – ensurdecer entre 2,5 milhões e 10 milhões de europeus**), informou o Comitê Científico para Riscos de Saúde Emergentes e Recentemente Identificados da Comissão Europeia.

Justifique:

Fragmento IX) *Carta de Leitor extraída do Jornal O Globo*

O governo alcançou arrecadação recorde nos três primeiros meses do ano. São bilhões. César diz que vai (**A - deixar o caixa cheio/ B – encher o caixa**) para seu assessor. E o que vemos no Rio é epidemia de dengue, milhares contaminados por dia, só que ninguém diz nada.

Justifique:

Fragmento X) *Notícia esportiva extraída do Jornal Extra*

Estou como franco-atirador. Se correr pensando só em Hamilton, não consigo pilotar. Estar na frente já é o suficiente para (**A -deixá-lo um pouco pressionado / B – pressioná-lo um pouco**). Lógico, que gostaria de chegar aqui na liderança, ou com o título já conquistado.

Justifique:

O que você acha das estruturas com *deixar* (como, por exemplo: deixar triste, deixar alegre, deixar aborrecido, deixar indignado) marcadas nessa pesquisa de opinião? Você costuma usá-las com frequência? Ou usa outras semelhantes com alguma frequência? Em quais contextos?

Dê exemplos de situações de comunicação e tipos de texto em que empregaria tais expressões. Em que situações ou gêneros textuais você utilizaria expressões como essas?

Você teve alguma dificuldade em preencher a pesquisa? O que foi mais difícil para você? Por quê?

Pesquisa de <u>OPINIÃO</u>		
Escolaridade: () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior		
Idade: _____		
Instituição de Ensino: _____		
Município: _____	Turno: _____	Série: _____

Atenção: Neste material não há certo ou errado. O objetivo aqui é conhecer suas opiniões a respeito das estruturas marcadas nos fragmentos de textos abaixo.

Observação: Leia atentamente as frases a seguir. Analise o **sentido** das estruturas marcadas entre parênteses e grife a que você **normalmente utilizaria** ou a que acha que se emprega com mais frequência. Se achar que as duas estruturas são utilizadas, marque as duas. Ao final de cada frase lida, por favor, justifique a opção que fez, isto é, explique por que motivo(s) indicou (A) ou (B) ou as duas (A e B).

Fragmento I) *Entrevista extraída do Jornal O Globo*

Ele destacou na sua gestão o combate à bebida alcoólica, a discussão sobre a descriminação do aborto, o projeto da fundação estatal, entre outros. Sobre a perda da CPMF e o atual surto da dengue, é direto: “São momentos que não me (**A - deixaram satisfeitos / B - satisfizeram**)”.

Justifique:

Fragmento II) *Notícia de fatos gerais extraída do Jornal Extra*

De acordo com a polícia paulista, apesar de (**A - deixar as mulheres parcialmente despidas/ B – despir as mulheres parcialmente**), Leandro Basílio Rodrigues não costumava violentar suas vítimas. Ele as executava porque não conseguia manter relações sexuais com as jovens. Na maioria das vezes, elas eram atraídas pelo maníaco de Guarulhos com um convite para fumar pedras de crack.

Justifique:

Fragmento III) Notícia política extraída do Jornal O Globo

Integrantes da base aliada do presidente Lula, o PMDB e o PT também participaram da coalizão que elegeu o governador Cid Gomes (PSB). O partido queria (**A - deixar certa / B – acertar**), desde já, a manutenção dessa aliança para 2010. O principal interesse dos peemedebistas é a disputa por uma vaga.

Justifique:

Fragmento IV) Notícia sobre casos de violência extraída do Jornal Extra

Policiais da Delegacia de Roubos e Furtos de Automóveis reconheceram Alderir José da Silva, de 22 anos, como um dos homens que (**A - deixou a equipe encurralada / B- encurralou a equipe**) na Travessa São Luís, na favela Nova Brasília, durante o confronto anteontem no Complexo do Alemão.

Justifique:

Fragmento V) Notícia sobre casos de violência extraída do Jornal O Globo

Um novo tiroteio entre bandidos, na noite de ontem, (**A - deixou cinco feridos e um morto/ B – feriu cinco pessoas e matou uma**), assustando moradores da favela da Rocinha, em São Conrado. O confronto aconteceu na Rua Um, na parte alta do morro.

Justifique:

Fragmento VI) Notícia sobre fatos gerais extraída do Jornal Extra

Há uma coisa muito importante que diz respeito às cidades: o multiuso. Hoje, nós não podemos nos dar ao luxo de (**A - deixar vazias/ B – esvaziar**) determinadas regiões das cidades, durante 16 horas por dia. Temos que ocupar sempre com a função que está faltando.

Justifique:

Fragmento VII) *Notícia esportiva extraída do Jornal O Globo*

Se Lopes se apresentou rápida e orgulhosamente em São Januário, com o velho sentimento de satisfação por estar de volta ao clube pelo qual seu coração sempre prendeu, Alfredo Sampaio (**A -deixa o Vasco convencido / B – convence o Vasco**) de que tomou a decisão correta.

Justifique:

Fragmento VIII) *Notícia sobre economia extraída do Jornal Extra*

De acordo com Andrew Storfer, vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade, o leitor deve (**A- deixar o dinheiro aplicado B – aplicar o dinheiro**), pois a Petrobras e a Vale são empresas sólidas, com bons fundamentos e boas perspectivas de rentabilidade futura.

Justifique:

Fragmento IX) *Carta de Leitor extraída do Jornal O Globo*

O governo alcançou arrecadação recorde nos três primeiros meses do ano. São bilhões. César diz que vai (**A - deixar o caixa cheio/ B – encher o caixa**) para seu sucessor. E o que vemos no Rio é epidemia de dengue, milhares contaminados por dia, só que ninguém diz nada.

Justifique:

Fragmento X) *Notícia sobre casos de violência extraída do Jornal Extra*

Em outubro passado, em um único dia, dez supostos bandidos foram mortos numa operação nas favelas da Coréia e do taquaral, em Senador Câmara. A ocupação ainda (**A - deixou um policial e uma criança mortos / B – matou um policial e uma criança**). No início do ano, em fevereiro, quatro suspeitos do tráfico e dois inocentes morreram numa operação da Core do Bope e da Força Nacional de Segurança.

Justifique:

O que você acha das estruturas com *deixar* (como, por exemplo: deixar triste, deixar alegre, deixar aborrecido, deixar indignado) marcadas nessa pesquisa de opinião? Você costuma usá-las com frequência? Ou usa outras semelhantes com alguma frequência? Em quais contextos?

Dê exemplos de situações de comunicação e tipos de texto em que empregaria tais expressões. Em que situações ou gêneros textuais você utilizaria expressões como essas?

Você teve alguma dificuldade em preencher a pesquisa? O que foi mais difícil para você? Por quê?

❖ Anexo II → Testes de atitude aplicado aos professores

Pesquisa de <u>OPINIÃO</u>
Professor, você dá aula desde que ano? _____

Atenção: Caro professor, você analisará dois textos. O objetivo é conhecer sua **opinião** a respeito dos textos apresentados. Não existe análise certa ou errada!

Observação: Professor, leia atentamente os textos a seguir. A partir disso, avalie aspectos relativos à configuração/ produção do texto. Analise o uso de palavras, expressões e outros elementos constituintes dos textos, além de observar a coerência textual da seleção dos termos empregados. Tendo em vista sua análise, anote suas recomendações, isto é, o que você diria aos alunos/escritores desses textos e justifique sua avaliação, ou, se for o caso, as alterações que sugerir.

TEXTO 1

A volta do velho comandante

O novo técnico do Vasco, Antônio Lopes, se apresentou rápida e orgulhosamente em São Januário, com o velho sentimento de satisfação por estar de volta ao clube pelo qual seu coração sempre pendeu. A presença de Lopes deixou a torcida e o time bastante animados. Enquanto isso, Alfredo Sampaio deixa o Vasco convencido de que tomou a decisão correta. Numa curta entrevista coletiva, ele mostrou com sutileza que não estava vendo o esforço necessário em alguns jogadores, o que estava deixando o time fraco.

– A chegada de um novo treinador pode deixar os jogadores mais motivados e despertar o comprometimento que está faltando por parte de alguns deles. A decisão de sair foi tomada em consenso com o presidente Eurico Miranda, a quem deixo meus agradecimentos, e a Romário, por terem acreditado em mim. Não seria conveniente eu continuar. As coisas não estavam funcionando como eu queria, foi muita pressão, o que estava me deixando arrasado. Estava administrando algumas situações, mas as declarações de alguns jogadores me deixaram chateado e concluí que eu e o Vasco não precisávamos passar por isso – disse Alfredo Sampaio.

A comissão técnica já tinha deixado Lopes avisado sobre a acusação de Sampaio em relação à falta de compromisso com a causa que alguns vinham mostrando e disse que vai apurar se há este problema para atacá-lo. Mas certamente seu serviço de informação vai deixá-lo abastecido, porque um dos casos que deixaram Sampaio convicto de que sem a cumplicidade e apoio de todos o time não chegaria a lugar algum surgiu na Semana Santa. Um fato deixou o ex-técnico inconformado, ele tomou conhecimento de que um grande churrasco teria sido promovido na Sexta-Feira Santa na casa de Beto. Nada a ver com os preceitos católicos, que condena consumo de carne na véspera da Páscoa. O que deixou Sampaio indignado foi a informação de que alguns do time, que empatara com o Bragantino (2 a 2) na quinta-feira, em vez de descansar, teriam ido ao churrasco de Beto.

✓ Como você avaliaria o texto *A volta do velho comandante*? O que observou nele?

✓ Justificativas para a análise feita.

✓ Na sua opinião, o que PODE ou DEVE ser modificado? Por que você acha que o texto ficará melhor com as modificações sugeridas?

TEXTO 2

Beleza é fundamental?

Como definir a beleza? Eis aí uma questão que, através da história, deixou preocupados filósofos e cientistas - e cada época deu uma resposta diferente a ela. Nas duas últimas décadas do século XIX, a silhueta esguia seria considerada sinal de pouca saúde ou desleixo: bonitas mesmo eram as mulheres rechonchudas, diferente dos dias atuais.

A beleza e o estilo ganham o centro das atenções no mundo de hoje e deixam marcas na economia, no comportamento e na cultura. Muitas mulheres buscam, diante de tantas ofertas, recursos, produtos, cirurgias, profissionais ligados ao ramo, para que as deixem mais belas e as deixem elegantes. São recursos e produtos que prometem diversos benefícios, como, por exemplo, os cosméticos que sempre dizem que deixarão o cliente mais bonito e, conseqüentemente, deixará sua auto-estima melhor, já que o produto é capaz de deixá-lo mais alegre, motivado e feliz consigo mesmo.

Homens e mulheres, nas academias, buscam o corpo perfeito, esforçam-se para adotar um estilo de vida mais saudável, a fim de deixar a barriga mais sequinha, deixar os músculos mais enrijecidos, o que pode até ajudar em alguns aspectos da vida, entretanto a busca pela perfeição extrema, acaba, muitas vezes, deixando-nos condenados ao fracasso.

Por muitos motivos, mais do que nunca, a aparência física é levada em conta não apenas no terreno do amor e do sexo, mas em todos os relacionamentos pessoais. Hoje, até mesmo na busca por um emprego, a beleza acabou se tornando um pré-requisito para o preenchimento de uma vaga, embora este requisito não deixe evidente a capacidade de um candidato em desempenhar uma função ou não.

Infelizmente, honestidade, inteligência, generosidade, disciplina pessoal estão sendo deixados de lado, valoriza-se, muito mais, as qualidades físicas. Mas é preciso que exista algo interior para se destacar, para que, desta maneira, o desgaste físico seja compensado pelo brilho interior.

- ✓ Como você avaliaria o texto *Beleza é fundamental?* O que observou nele?

✓ Justificativas para a análise feita.

✓ Na sua opinião, o que PODE ou DEVE ser modificado? Por que você acha que o texto ficará melhor com as modificações sugeridas?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)